





MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

**ANUÁRIO DO MUSEU IMPERIAL**

Vol. XX



PETRÓPOLIS  
1959



## SUMÁRIO

*A realidade política do município* – Prado Kelly, **7**

*D. Pedro II e a província do Paraná.* Introdução e notas de Francisco Marques dos Santos, **27**

*Gobineau estatutário* – Francisco Marques dos Santos, **77**

*François Gonaz.* Apresentação e notas de Francisco Marques dos Santos, **103**

Noticiário, **115**



**A REALIDADE POLÍTICA  
DO MUNICÍPIO**



## **A realidade política do município \***

### **I**

#### Petrópolis e sua primeira Câmara

O forasteiro – seja quem for, curioso ou misantropo – que entra os portões deste parque em hora de visita e envereda por uma das alas que vão dar ao palácio, desliga-se da sua época, se ainda possui um mínimo de imaginação e de sensibilidade, e mergulha de súbito no 2º Reinado. O ar, o sítio, o silêncio, a calma circundante compõem a atmosfera estranha, em que o espírito desprevenido se integra. A paz íntima, a que aspirava, menos a dão os carvalhos, os paus d’arco, os ciprestes, as camelieiras, os exemplares oriundos de outros países, com a espécie anotada no latim dos botânicos, do que a fuga da realidade opressiva, quer a do meio externo, inseguro e conturbado, quer a do mundo interior, à cuja tona borbulham as paixões da vida tumultuária. Os troncos seculares montam guarda aos tesouros do tempo, a evocação lhes amplia as formas e as cores, e uma paisagem animada passa a ocupar de tal modo a mente liberta que ela se transporta ao passado, incorporando-o a si mesma, na ilusão de completar-se. E a magia começa.

A povoação de Petrópolis é, desde o nome até a colonização, uma dádiva da Coroa. É, sob a Coroa, um legado amorável do primeiro imperador ao segundo. A fascinação do clima de Correias sobre o jovem monarca, na viagem a Minas pelo Caminho Novo, ou em busca de melhoras para a princesa d. Paula, ou na companhia da marquesa de Santos e da duquesa de Goiás, na casa grande de dona Arcângela, desabotoa em estima, ternura e até instinto de liberdade no coração do filho: “o pouco de liberdade” que desfrutava, como escreveu a Gobineau, para “desvencilhar-se da política que por vezes sufoca”. Não estamos a vê-lo,

---

\*. Conferência pronunciada no Museu Imperial a 11 de julho de 1959, em comemoração à instalação da primeira Câmara Municipal de Petrópolis (17/06/1859).

segundo o pintava Ramalho, entre as árvores que cercam a mansão hospitaleira, às sete da manhã, em meio aos cortesãos, de chapéu alto e casaca preta, com o guarda-sol debaixo do braço e o toção de ouro de Carlos V pendendo ao peito? Não é mais o sonho de um castelo na serra, o paço da “Concórdia”, nas linhas clássicas e majestosas de Pezérat. É o miradouro do qual se descortina o trabalho modesto dos primitivos foreiros, em datas ou prazos de cinco braças indivisíveis, ao longo das planuras de onde os crentes divisariam a igreja de S. Pedro de Alcântara. A disciplina, a ordem, a constância na execução do plano generoso nasciam da obediência e da fidelidade de três militares, tão sabedores da carreira das armas quanto competentes no ofício de engenheiros – típicos representantes de uma sociedade constituída em escalões hierárquicos. O “pai do povoado” é o mordomo Paulo Barbosa, filho de um oficial de milícias, o tenente emissário dos patriotas a Minas na campanha do “Fico”, o tenente-coronel que se elege deputado geral e comanda, até reformar-se em brigadeiro, a política da corte nos serões da “Chácara ou Clube da Joana”. O “colonizador” é Júlio Frederico Koeler, filho de professores do grão-ducado de Hesse, o alferes da Prússia que recebe patente do imperial corpo de engenheiros e, passando a servir nas obras públicas da província fluminense, melhora a estrada que galga a montanha e ensaia o cultivo das terras da Estrela, com os alemães revoltados do “Justine”, – antevendo, nessa hora, a missão civilizadora que viria cumprir no planalto do Córrego Seco. O terceiro é o “fundador do município”, o açoriano Amaro Emílio da Veiga, rebento de magistrado da Casa de Suplicação, guarda-marinha pouco depois da independência, combatente de rebeldes na Bahia e na Laguna e afinal coronel do imperial corpo de engenheiros e auxiliar eficiente de Mauá, na Companhia de Navegação a Vapor e Estrada de Ferro.

Ao último dos três benfeitores deve Petrópolis a autonomia administrativa; e é esta data que estamos celebrando com a invocação das suas figuras tutelares.

O que não custou ao deputado provincial, na legislatura de 1856 a 57, a tramitação do projeto que elevava a povoação de Petrópolis à categoria de cidade, ficando-lhe anexa a freguesia de S. José do Rio Preto! A iniciativa é de 6 de agosto daquele primeiro ano; a lei só se promulga em 29 de setembro do ano seguinte, com a recusa do presidente do Rio de Janeiro em sancioná-la. Nesses longos meses, teve o coronel Veiga de evitar as dificulda-

des que gerava a competição, em análogo sentido, de Vassouras, de Valença, de Mangaratiba, de Paraíba do Sul; de contornar os óbices opostos pelos habitantes da Estrela; as disputas entre Estrela e Magé quanto à freguesia de Suruí, as propostas de audiência das municipalidades interessadas. A esse tempo – como atesta o parecer do romancista Joaquim Manuel de Macedo e de Ângelo Tomás do Amaral – a população de Petrópolis atinge 5.000 almas. Já se levantaram 940 moradas. Já funcionam importantes colégios, de instrução primária e secundária.

Quanto lhe custou também a instalação da 1ª Câmara! O antigo 8º distrito contava seis eleitores, em 1856, e novos foram qualificados, não tantos, porém, quantos votaram no pleito de 22 de novembro de 1857. Esse pleito, anulou-o o ministro do Império, pelo mesmo vício que contaminaria as eleições de 7 de setembro de 58. Só a 13 de março seguinte se proclamam os novos vereadores, o tenente-coronel Veiga, o comendador Albino José de Siqueira, o capitão Manuel Cândido do Nascimento Brito, João Batista Silva, Inácio José da Silva, os drs. Tomás José da Porciúncula e José Calazans Rodrigues de Andrade.

A 17 de junho reúnem-se os intendentes na casa nº 12 da atual rua Paulo Barbosa, onde hoje se ergue o edifício Rocha; e juram aos Santos Evangelhos “promover os meios de sustentar a felicidade pública”.

Da cena histórica participam homens ilustres – alguns dos quais enalteceriam a crônica da província. Eram quase todos os primeiros eleitores da povoação, os seus pioneiros políticos. Naquele primitivo quadro ainda realçam os nomes de Bartolomeu Sudré, de Emílio Zaluar, de Henrique Kopke, de Manuel de Melo Franco, de Carlos Cavalcanti de Albuquerque Lacerda e, sobressaindo entre eles, pela projeção futura na vida nacional, os de Irineu Evangelista de Sousa e Quintino Bocaiúva. Vede, senhores, que honrosa galeria não devia estar agora ornando os muros veneráveis do paço da cidade!

Mas a primeira Câmara, com a atenção voltada para as suas posturas, viu-se a braços com ingentes dificuldades financeiras, a fim de mostrar, ontem como hoje, que as franquias e prerrogativas são mais onerosas que a servidão ou a dependência. A emancipação custou-lhe a perda dos cem contos de réis, auxílio da província fluminense. A cidade passou, em 1860, a arrecadar pouco mais de oito contos.

## II

### A concepção libertária das comunas

É este o exemplo, de que desejo servir-me, para demonstrar a ação residual, entre os nossos patrícios, da velha concepção libertária das comunas. Elas correspondem, acima de tudo, a um estado de opinião coletiva, que os vínculos da vida local explicam e legitimam. Toda a história das instituições públicas se desdobra em movimentos alternados de centralização e descentralização, como o fluxo sanguíneo, na sístole e na diástole. Ora se concentra, ora se distende a autoridade; ora as funções se unificam, ora se especializam. Na proporção em que já impõe um poder cesarista, como o de Bonaparte, reduzem-se os poderes locais. À medida que o estado unificador alarga a sua órbita, vai devorando as outras coletividades. Segundo o ritmo com que o estado moderno estende os tentáculos, para abranger as espécies mais diversas das atividades individuais, árbitro das finanças, da produção, do comércio, regedor da economia e da cultura, definham e se amenizam as células do organismo pletórico. A técnica suscita padrões, e até os meios de racionalizar a administração conduzem à uniformidade de certas práticas. Nesse conjunto, o município corre sempre o risco da absorção ou do perecimento.

A maioria dos autores subordina, em nossos dias, as tendências locais ao consentimento dos órgãos da nação. Trata-se, juridicamente, de atribuições delegadas. É o estado, e só ele, que reserva as áreas estritas em que se exerce a vontade comunicatória. Esta vontade vive, em consequência, das permissões de uma autoridade preexistente. Mas os mesmos publicistas, – se conseguiram destruir a doutrina do “direito natural da comuna”, posta em voga pela revolução francesa, com o reconhecimento do *pouvoir municipal, le plus ancien de tous*, – não lograram dissociar da teoria, arbitrariamente construída, a força, de fato invencível, da tradição e da seqüência histórica. Nesta acepção, as comunas possuem vitalidade tão robusta que resistem, como tais, através dos diversos sistemas. Um pensador como Kelsen sentiu a verdade dessa antítese, da contraposição dos corpos autônomos no estado, que eles derivam. Não pôde negar a sua criação distinta e independente. Não recusou o interesse “político” da descentralização cada vez mais ampla, com o dom de fazer-nos esquecer a relação essencial de unidade em que se acham as comunidades infra-estatais. Não desmentiu o grau superior em que se situa “a construção favorita

de pessoa jurídica”. E chegou a aquiescer em que “a competência do município vai muito além do âmbito de mera administração econômica, em sentido jusprivativista; converte-se em sujeito de administração pública”. Outro mestre universitário André de Laubadère, mostra que até no campo limitado do direito administrativo, o contraste persiste em razão de fatos, que se impõem, pela própria natureza das coisas. O primeiro deles é a *solidariedade dos interesses*, que lhes é particular, atando um laço especial entre os habitantes, – *o de necessidades peculiares*, distintas das *necessidades gerais*. O segundo é a existência de patrimônio próprio, de bens materiais, de funcionários, de gestão financeira expressa em orçamentos, e, principalmente, de capacidade jurídica, ativa e passiva, inconfundível com a do estado.

Insistimos nesse ponto para salientar que a vida local é, desde as suas origens, uma realidade mais da sociologia que do direito. E tão potente é aquele virtualismo político – hoje como em tempos muito recuados – que nem o artifício nem a violência puderam esvaziar do seu conteúdo racional e sentimental essas formações gregárias. Reagem, com bravura, ao desgaste de si mesmas – tão acanhadas e empobrecidas em face das outras expressões de poder autêntico! –, ressaltando a despeito de todas as vicissitudes, a teimosa *unidade de consciência coletiva*.

Este, sim, é o dado social que define e, até certo ponto, protege os núcleos mais sensíveis do organismo político. O que assinala tal persistência é a circunstância de permanecerem, inalteradas, nas circunscrições locais, as mesmas condições autonômicas que se revelaram nos primeiros tipos de sociedade diferenciada. Antes da *civitas* romana, em um período que lhe precede, como precedeu à cidade grega, na idade das hordas, os *oppida*, ou “aldeias-refúgio”, preludiam à sua fixação definitiva. As descobertas arqueológicas indicam a natureza e os costumes de diversas povoações disseminadas na península, com centenas de habitantes – como a Velia, o Cispius, o Fagutal – e mais de mil, às vezes, como a colônia sabina do Quirinal. Um historiador moderno, Léon Homo, mostra o modelo das coletividades incipientes, já organizadas na base em que havia de prosperar o estado contemporâneo: providas de um rei – chefe civil, militar, judiciário, religioso –, de uma assembléia popular e de um Senado, a tal ponto que a tradição dos Anais, atribuindo a Roma, antes da conquista etrusca, uma constituição unitária que ela jamais conheceu, transportou apenas a um estado imaginário elementos colhidos a um esboço de vida constitucional, em eras remotas. As características, assim mantidas durante o Império e estendidas por Vespasiano às cida-

des ibéricas, continuaram a ser as da “auto-administração”, conforme as resoluções dos seus cidadãos, tomadas nos comícios, e dos seus decuriões, nas respectivas cúrias. Foi naquelas cidades que, através da contribuição visigótica do *conventus publicus vicinorum*, remoçou depois da ocupação muçulmana, a fórmula da direção conciliar, com a fusão das assembléias judiciais dos povos germânicos e dos órgãos rurais econômicos. Os conselhos estratificaram a sua autoridade, mediante os forais e os *costumes*. Quer os costumes, quer os forais se trasladaram às ordenações afonsinas e filipinas. À sombra delas, funda-se e progride o municipalismo brasileiro.

### III

#### O municipalismo brasileiro

As raízes desse municipalismo são substancialmente *políticas*, pois, no sistema português, as municipalidades elegiam os *procuradores do povo*, com assento nas cortes do reino, e interviam nos negócios gerais do estado mediante propostas, sob a denominação de “agravamento”, “artigos”, “capítulos”. Nem das cortes se excluíram as nossas câmaras da colônia. Nas de 1641, assistiu Francisco da Costa Barros, do Rio de Janeiro, e, nas de 1685, Manuel Guedes Aranha, do Maranhão. Cortines Laxe debuxa o quadro de nossa experiência cidadina, e até da rebeldia de certas câmaras que extravasaram das atribuições legais, promoveram a guerra e a paz com o gentio, decretaram a criação de arrabaldes, exigiram a presença dos governadores (para que se debatessem em comum os negócios públicos) e chegaram a suspendê-los e a nomear substitutos, até que a respeito providenciasse a metrópole.

A Carta de 1824, de conteúdo tão liberal quanto os acontecimentos permitiam, foi redigida para merecer benévolo acolhimento das câmaras do país, às quais devia submeter-se; por isso lhes assegurou enfaticamente o exercício do “governo econômico e municipal das cidades e vilas”. A autonomia latejava nesta cláusula e no princípio da eletividade. A lei regulamentar, entretanto, prevista no art. 169, para especificar o modo de se desempenharem aquelas funções, “a formação das posturas de polícia”, a “aplicação das rendas” e as demais atribuições “úteis e particulares”, marcou um retrocesso, quatro anos mais tarde, definindo-as

como “corporações administrativas”, vedando-lhes exercer qualquer jurisdição contenciosa (art. 24) e sujeitando-as à tutela dos poderes centrais, quer na subordinação direta aos presidentes de províncias, quer na dependência, em certas matérias, do ministro do Império e da legislatura geral. Por amor às franquias provinciais, o ato adicional de 1834, na opinião de Tavares Bastos, minimizou a participação política local e apenas em uma parte corrigiu os defeitos da lei ordinária: ao deslocar a função corregedora dos órgãos nacionais para as assembleias. As deficiências, ao ver do visconde do Uruguai, decorriam da *imaturidade* do povo para o *self-government*: não tínhamos, como a formaram os ingleses por séculos, como a tiveram herdada os Estados Unidos, uma educação que nos habilitasse praticamente para nos governarmos nós mesmos; não podíamos ter adquirido os hábitos e o senso prático para isso necessários. Os homens mais adiantados em idéias liberais tinham ido bebê-las nas fontes as mais exageradas, e tendiam a tomar por modelo as instituições dos Estados Unidos, como a mais genuína e pura expressão do liberalismo. Por outro lado, os homens chamados para o poder manifestavam tendências de conservar o que existia e somente tinham estudado e conheciam, – em lugar de se porem à frente de justas e razoáveis reformas práticas, acomodadas às circunstâncias do país, que operassem a transição. Pelo que respeita às nossas primeiras legislaturas pode-se dizer delas o que Mirabeau disse da Assembléia Constituinte da França: *Chacun savait alors ce qu’il fallait renverser, nul ne savait ce qu’il fallait établir*. Mas é ao visconde do Uruguai que, no ocaso do Império, ao estudar a reforma provincial e municipal, o visconde de Ouro Preto vai pedir a idéia matriz da crescente libertação das câmaras – a da instituição dos tribunos que deveriam caber-lhes: “Se a emancipação do município é uma idéia fecunda, ela não deve ir ao ponto de permitir-lhe a liberdade de prejudicar os interesses da província e do estado, descuidando dos seus próprios, abandonando os que lhe forem peculiares. Este inconveniente remove-se facilmente, por meio da *designação de despesas obrigatórias*, a que as câmaras municipais devam necessariamente ocorrer para benefício dos seus jurisdicionados, *destinando-lhes recursos suficientes*, sob pena de mandá-las a autoridade superior incluir no Orçamento e fazê-las por conta da municipalidade. É o sistema adotado pela lei belga e que o projeto de 1869 do conselheiro Paulino de Sousa procurou aplicar entre nós”. Nessa ordem de preferências, o 1º Afonso Celso ainda acenava com um alvitre complementar: “Outra idéia de grande

vantagem, que convém desde logo consagrar, é a das associações municipais (“consórcios” na Itália), consentindo-se assim que as câmaras possam combinar entre si um regime comum, para satisfação de qualquer necessidade ou preenchimento de algum fim de utilidade também comum, que exceda aos recursos de cada uma isoladamente”.

Pois, senhores, essa esquematização de um poder autárquico, em função da “eletividade” e de receita previamente discriminada na lei básica, só a realizaram as Constituições de 1934 e de 1946, com a rigorosa partilha tributária entre a União, os Estados e os Municípios. Aos últimos, o estatuto vigente acrescentou modalidades de participação na cobrança dos demais: no imposto único de lubrificantes e combustíveis, no imposto federal de renda, na arrecadação estadual excedente das rendas locais de qualquer natureza. Foi preciso vararmos quase um século para tornar realidade uma providencial sugestão dos estadistas da Monarquia.

Com tal receituário à mão, os municipalistas não esmorecem em preconizar nova distribuição de rendas que, atenuando desigualdades, proporcione instrumentos aos órgãos locais para prosperarem na órbita da sua competência. Um benefício remoto que todos auguramos dessa orientação será de alcance patriótico: fixar os munícipes, sobretudo os do meio rural, no território de cada comuna e impedir, em conseqüência, os efeitos maléficos da sucção contínua que se opera nos grandes centros industriais, vítimas da expansão imoderada. Um de nossos visitantes, em data recente, o deputado italiano Gian Carlo Matteotti, publicou impressões de viagem em um semanário milanês, alertando os brasileiros para o absurdo de um *boom* demográfico desordenado. Não foi só a concentração urbana do Rio, que ele viu com tristeza – a fuga da vegetação, da beira do oceano para a encosta das montanhas, a piora manifesta das condições climáticas, três milhões de indivíduos encarcerados em arranha-céus sem o poder sugestivo dos de Nova Iorque ou em míseras favelas apendoadas nas colinas ressequidas da baía. Foi também o drama de S. Paulo, empolado de emigrantes do campo e gabando-se de ser a cidade que mais cresce no mundo, sem perceber que o aumento rapidíssimo excede o dobro da média mundial e devia tornar apreensivo, e não lisonjeado, o governo da nação, se, por sua vez, não porfiasse em impelir para o interior uma população que tende a acumular-se ao longo da costa. Mas que elementos de vida, de ensino, de assistência, de recreio podemos ofertar aos habitantes das circunscrições menos

desenvolvidas, – se, ao lado das grandes reformas de estrutura social, como as do regime agrário, não nos empenharmos em aperfeiçoar as instituições nucleares da administração descentralizada? O municipalismo brasileiro tem agora um domínio ilimitado para as especulações mais sadias. Há toda uma gama de pequenos problemas de ordem local que transcendem o terreno da administração ordinária para as grandes perspectivas do tipo comunitário mais apropriado à índole da atividade produtiva, à valorização do trabalho, à utilização científica da terra, à transformação de suas riquezas. Desse ponto de vista, a edilidade tende a *racionalizar-se*, e não devemos duvidar de que atinja o grau de eficiência que os modernos publicistas, com louvável constância lhes vêm designando. Aí convergem, como esclarece Marcelo Caetano, dois princípios fundamentais de organização – o da *democracia* e o da *eficácia*: “O primeiro tende a confiar, em toda a sua amplitude, a administração municipal a órgãos eleitos, representantes das correntes de opinião existentes na comunidade e por ela dirigidos; o segundo resulta da verificação da insuficiência técnica desses órgãos para resolver problemas que não são políticos, mas de pura administração, e leva a cercá-los de funcionários competentes, a quem os poderes de direção são confiados, ou a instituir gerentes que dirijam os negócios municipais, como uma empresa, embora segundo as diretrizes políticas dos órgãos representativos”.

A concepção, assim delineada, inspira-se na experiência de uma federação, à imagem da qual formamos a nossa – a federação norte-americana. Ali, as grandes linhas do quadro municipal, traça-os o estado-membro; e, por isso, elas se distribuem em três tipos diversos. O mais antigo deles é, como sabeis, o do *Mayor and Council*: o *Mayor*, chefe do Executivo, eleito quase sempre por dois anos, e o *Council*, antes bicameral, hoje unicameral, – um e outro espelhos reduzidos, no município, dos órgãos centrais da Constituição. Já no século atual, os inconvenientes da diarquia levaram algumas cidades em circunstâncias extraordinárias, à adoção da *commission*. O poder desloca-se do conselho para uma comissão de cinco membros eleitos, e a cada qual corresponde a gerência de um ramo de serviços. Em outros casos se concentram mais ainda os órgãos plurais com a escolha, pelo conselho ou pela comissão de um profissional – o *Manager* – que dirige sozinho, conforme as instruções recebidas daqueles órgãos e com auxílio de funcionários superiores de sua confiança, os serviços da municipalidade, equiparada a uma empresa privada. À diarquia política se substitui a diarquia da técnica – a divisão dos agentes

do poder público em “mandatários” diretos do eleitorado, que traduzem as tendências dele, e “profissionais”, pagos para estudar e resolver os problemas administrativos.

Quem, entretanto, deixará de ver, nessa concessão moderada aos especialistas, sem sacrifício do método democrático, mantido nas comunas, a persistência dos usos imemoriais das cidades inglesas?

É nesses usos que as instituições haurem mais força do que nas declarações formais, como depositárias de um pensamento vitalizador que preexiste à letra dos textos. Eis aí a exata fronteira entre a concepção européia continental e a insular. A história da França, como foi a da Prússia, no paralelo que Percy Ashley esboçou de ambas, é a história da fundação de um estado sólido e poderoso por meio de uma grande burocracia, dirigida de um centro único e realizando uma política exclusivista. Ali, o povo habituou-se a olhar na direção do monarca e dos seus secretários para conhecer o sentido ou a direção dos negócios; e, ainda, quando reaparecem as agências locais, ele as recebe como dádiva de uma autoridade geral onipotente. Tolera, por conseguinte, as limitações com que elas ressurgem, sem censurar a mesquinhez das proporções que lhes foram dadas, porque, de qualquer modo, constituem frações destacadas de uma unidade que pode ser restabelecida a qualquer momento, no seu interesse e não no interesse das partes. O vínculo de sujeição é *administrativo*, a noção *hierárquica* subsiste na prática de qualquer ato, os recursos pertencem à organização inflexível e um dos modos de se lhe afirmar a presença consiste na eventualidade, sempre admitida, de que os órgãos superiores revejam as deliberações dos órgãos subordinados. Na Grã-Bretanha, não. Jamais se tentou classificar as funções administrativas em “centrais” e “locais”, sobre bases *científicas*. O que as separa e qualifica são razões de comodidade e o peso secular de teorias políticas. Os cidadãos, por efeito do curso particular da nação britânica, se inclinam a considerar o “poder central” como entidade imposta aos grupos locais, muitas vezes sem o consentimento deles. Tal entidade cresce e se prestigia à custa de porções arrebatadas aos condados, às municipalidades, às paróquias e até a circunscrições artificiais – as “uniões” e os “distritos”. Mas em nenhum instante, mesmo quando aquelas células animadas decaíam ou degeneravam, se lhes negou uma parcela de autonomia, e elas hoje a justificam, em maior alcance, fundando-se não só em manifestações de vontade do Parlamento senão ainda na *common law*, como explicam Redlich e Hirst. De sua mentalidade, Boutmy deixou um

retrato expressivo: reputam-se tão natural e ingenuamente sócios do estado, e não dependentes dele, que o legislador inglês teve de refletir com vagar e de filosofar além do seu gosto para descobrir que são, em verdade, suas criaturas e, como tais, devem ceder à vontade comum.

#### IV

##### Os municípios e os partidos nacionais

Se ninguém contesta a solidariedade de interesses que gera uma consciência “particularista”; se ela corresponde a uma longa evolução em que não se apagaram as causas originárias; se os fatos sociais imperiosamente determinam essa conjunção menos complexa de sentimentos, o nosso objetivo deve ser o de preservar-lhe a autenticidade, quando a ameaça à ação avassaladora dos partidos, exacerbando a divisão da opinião pública em todo o território pátrio.

Figuremos os partidos como caudais que atravessam o país de norte a sul, com a massa impetuosa de ideologias, propósitos, imposições, ficando à margem, como povoações ribeirinhas na hora da cheia, os núcleos rarefeitos de opinião menos densa, conquanto mais homogênea, como sejam os municípios. Aquelas correntes podem exercer uma função salutar, irrigando as terras pobres e levando-lhes o “húmus” que carregam das prósperas e fecundas, como o “presente do Nilo” de que falava Heródoto para a civilização egípcia. Mas poderão também submergir, sob a enchente das paixões desencadeadas, vindo de longe, e engrossando no percurso, essas unidades florescentes que simbolizam a compreensão e a concórdia no isolamento benéfico, quase auto-suficiente, condição do seu trabalho, da sua produtividade, da sua paz. A atenção dos homens de estado tem de voltar-se para o perigo que significa, nas comunas, a repercussão dos grandes choques travados no amplo cenário da política geral.

Se o que caracteriza a cidadania é a atuação individual no formar os órgãos do poder, cada cidadão se situa no centro de três circunferências de diâmetro desigual: o município, o estado, membro, e a União. Quando as três ordens se mantinham de fato di-

versificadas pelo âmbito de cada uma delas, não colidente com o das demais, a opinião disciplinava-se de maneira também diversa em relação às várias categorias de competência. Na sociedade patriarcal, que se manteve com fisionomia própria até a Revolução de 30, a opinião ordenava-se naturalmente em partidos locais. Tornavam-se eles a verdadeira expressão da vontade arregimentada. Não era a lei, e sim as relações sociais primárias que os criavam. Podiam aliar-se para as eleições estaduais ou federais, e até somar-se à sombra dos governos; mas o contato era superficial e transitório, em torno de uma ficção, e, finda a razão de ser, voltavam às posições antigas. O Parlamento significava, afinal, uma delegação dessas parcelas ativas. E os representantes exprimiam com maior exatidão aspirações de “espaço regional” do que preconizavam soluções “totalizadoras” para problemas de órbita mais vasta.

Desde que o regime representativo se implantou noutras bases, e do desmoronamento das coligações provinciais só restaram feudos de influência circunscrita, fazia-se indispensável o “partido nacional”, para que o jogo das facções se praticasse consoante o modelo das repúblicas do mesmo tipo. O Estado liberal reclama o concurso de certos fatores para identificar-se. É um processo de decantação da vontade popular; e a arte do governo se resume, de uma parte, em apurar aquela vontade, através da discussão permanente, e, de outra parte, em excluir toda e qualquer decisão estatal que não se haja sub-metida à prova da controvérsia. A coexistência, erigida em *criterium*, da maioria deliberante e de uma oposição livre e respeitada, reclama dois partidos, pelo menos, capazes de defrontar-se, combatendo, e de disputar a honra e a responsabilidade da administração. Quanto mais aumentam as atribuições do poder central, tanto mais se consolida a certeza de tal necessidade, pois a dinâmica do estado pressupõe antagonismos latentes e dirige os esforços no sentido de que eles ganhem expressão dialética. Por isso, Burdeau pôde sintetizar a questão nestes termos: “Governar é transformar em decisão do Estado a vontade dos partidos, e todo aparelho constitucional só logra sentido em função das cautelas que toma e das condições que fixa para aquela transformação efetuar-se com as garantias possíveis de autenticidade, de publicidade e de ordem”.

Há, entretanto, circunstâncias mais graves que fazem crer em riscos potenciais insuportáveis. O partido, “institucionalizando-se”, rivaliza com as outras “instituições” do governo, em países onde o

modelo liberal entrou em crise. Em dado instante pode superá-las, quando está em causa não um “partido de quadro” e sim um “partido de massa”, não um “partido de opinião” e sim um “partido de classe”. A “classe” – intencionalmente mobilizada – ou a “massa” – crescendo sob o fermento revolucionário – abre luta mortal com as organizações congêneres, único obstáculo entre elas e o mando absoluto e, se as domina, sobrepuja por sua vez as “instituições” políticas remanescentes. Assim aconteceu com o *fascio* e o nazismo, há poucos anos. Assim sucede com as chamadas “democracias populares”.

Tudo deriva, como ninguém ignora, de uma interpretação *dualista* da democracia, conforme as fontes filosóficas da sua inspiração. Com muita lucidez, Georges Vedel lhe assinou o alvo comum no ideal da liberdade. Mas, se esse alvo parece comum aos *motivos*, bifurca-se na *expressão*. Uma das correntes ideológicas, a dos regimes ocidentais, proclama a liberdade coextensiva à natureza humana, elemento intertemporal e incondicional. Possui um valor atual incomparável. Pode melhorar as condições de exercício, porém deve ser, desde logo, respeitada, pelo que encarna de vantagens conquistadas. A outra corrente, com o afluxo longínquo de Rousseau, com o dogma obcecante de Marx, encara a liberdade, não como conquista, mas como um “futuro”. Quer libertar o homem, através da ciência e da revolução social, das cadeias do determinismo. Não acata concessões ilusórias, privilégios de certa minoria, e intenta criar, até pela força, meios próprios ao que julga ser a “liberação”. Para dirimir o conflito, só existe aparentemente uma opção radical. Aparentemente, porque os publicistas acenam com um passo adiante, quando se aprofundam no objeto do dissídio. À primeira vista, seria uma solução de compromisso, mas esta presume lazer e paciência e vivemos uma história “acelerada”. Tende-se então para uma “síntese superior”, um esforço de pensamento que, sem abdicar dos direitos da verdade, conjugue – não por justaposição, e sim organicamente – as doutrinas em choque. Se desejamos chegar àquela “síntese”, somente a democracia clássica, por suas virtudes e apesar dos seus defeitos, estará apta a realizá-la.

É apenas no seu quadro que teremos de mover-nos, a fim de melhorar os instrumentos ao nosso alcance, até em proveito da revisão gradual das atitudes e dos hábitos. Para alcançar, no país, uma opinião sedimentada em função das idéias, seria erro imper-

doável destruir os focos, já existentes, de uma consciência popular formada em torno de solicitações locais de primeira plana, como campo experimental de conciliação e entendimento.

Se concordamos, todavia, no predomínio dos *partidos nacionais*, com a esperança de que as agremiações de “quadros” ou de “idéias” desempenhem o seu papel ordinário no equilíbrio favorável ao regime, – temos de cuidar zelosamente do modo por que defendamos a “comuna”, como “base” sociológica, das contaminações deformadoras de “grupos nacionais” mobilizados.

De duas maneiras nos parece possível o delineamento tático dessa defesa.

## V

### Duas soluções possíveis

A primeira delas provirá da educação política e se afirmará na diminuição da área de atritos entre as correntes desavindas. Dirigindo a pugnacidade de cada qual às teses e às questões debatidas na esfera do estado e da União, estaremos demarcando, em contraste, uma zona de armistício onde caiba o estudo metuculoso e a ponderação desapaixionada dos problemas administrativos. Tantos são eles hoje, com a multiplicidade de serviços urbanos e rurais e com as novas técnicas de planejamento e execução, que desviar para o seu exame a energia e a aplicação dos políticos constituirá o maior auxílio que prestem à saúde do regime. O que o homem comum espera dos seus representantes, em tal setor, é o benefício concreto ou palpável, para não se desenganar do peso de sua palavra nem se desencantar com o esquecimento das promessas, ouvidas em vésperas do pleito. É sobre os mandatários em geral, e não sobre os perjuros, que recai o descrédito, capaz de afetar o destino da instituição. Ao fim de algum tempo todos ficam, justa ou injustamente, atingidos por igual censura, agravada com a fácil condenação de profissionalismo eleitoral. O resguardo do “princípio ético” lhes impõe outro comportamento que, mais adaptado aos próprios fins, os imunize das suspeitas costumeiras de dificultarem a ação esclarecida dos contrários ou procederem com dolo ou com interesse oculto, no trato dos negócios comunitários. De outra parte, a tolerância é a primeira lição da escola democrá-

tica. Tolerância para as opiniões alheias e até para os erros de boa fé, pois lá escreveu o Metastásio:

*“Chi può vantarsi  
Senza difetti? Esaminando i sui,  
Ciascun impara a perdonar gli altrui”.*

Intolerância, entretanto, para o hábito, que se vai generalizando, da formação de clientelas à sombra do poder. Hoje mais é o que ontem, se encontram repartições de pequenos recursos atulhadas de incapazes. Bem sabemos que nessa moeda se pagam dedicações; mas da tarefa de tais funcionários se pode dizer o que de outros dizia Courteline: “um contínuo ócio, sem um minuto de repouso”. O “gigantismo burocrático” explicava-se, na confissão de Hitler, por um propósito ditatorial – o de colher o maior número possível de indivíduos nas malhas do Estado para que o Estado mais facilmente os dominasse. Por isso mesmo não se justifica na democracia clássica, onde “igual oportunidade” para o acesso de capazes aos cargos públicos importa na definição de um direito individual e numa regra objetiva de recrutamento, à qual as autoridades devem submeter-se. Northcote Parkinson, em obra publicada há pouco em Londres, enunciou, em relação à complexidade burocrática, uma lei satírica: “Todo trabalho se prolonga de modo a preencher o tempo destinado à sua execução”. Ou, em outras palavras: “Quanto mais dispomos de tempo para executar um trabalho, tanto mais esse trabalho exige tempo”. Na obra de racionalização dos serviços, como na satisfação de urgentes necessidades municipais, podem cooperar os vereadores sem a obrigação de exhibir os distintivos de sua procedência. Tornando coerentes as resoluções da Câmara, em semelhantes assuntos, permitem que ela preencha a missão normativa e fiscalizadora da prefeitura, em cujo topo também não deve fincar-se um pendão partidário.

Não faltará quem nos contradiga com o óbvio argumento de que essa composição de vontades, dom da cultura, demandará tempo e sacrifícios para completar-se. E nisso aquiescemos de bom semblante. Dependerá de penosa evolução dos costumes, sempre tardia, como todas as empresas educativas. Mas não é motivo para descurarmos dela, como na parábola do sementeiro.

A outra maneira de imunizar as comunas dos males que vimos diagnosticando será dar nova estrutura aos nossos partidos de

modo que as suas verdadeiras bases sejam as convenções municipais. Investiríamos desse jeito a situação presente, em que, pelas contingências do momento no qual foram criados, os partidos continuam a deliberar segundo a preferência das suas cúpulas. Tal inversão, reconciliando-nos com a lógica das coisas, restituiria às fontes da sociedade política a perdida eficiência; e, desde que o pensamento congregador brotasse das primeiras formações cidadinas, seriam elas as alavancas naturais dos órgãos superiores e imprimiriam aos conselhos locais, sem o constrangimento oriundo de ordens superpostas, a autenticidade das suas manifestações diretas. Semelhante escopo se ajusta ao conceito novo de representação política. O ocupante de um cargo eletivo recebe a investidura *primária* do povo e a *secundária* do partido. A organização deste último assume, portanto, irrecusável importância, qualquer que seja a função exercitada pelos mandatários. Um mestre na matéria, Pietro Virga, observou, nesse terreno como no das instituições, um impulso *centralizador*, que se exprime pela “rígida hierarquia” dos órgãos partidários. “Com o fito de obter das organizações de partido o máximo de coerência e de eficácia, a *autonomia* das organizações periféricas se acantona em *âmbito bastante limitado*, vinculando-se à linha política estabelecida pelas supremas instâncias”. É certo que o centralismo se atenua de alguma forma com disposições estatutárias, consoante as quais quer a linha política quer as designações para cargos do Estado ou de direção se efetuam mediante o concurso da vontade de todos os inscritos, ora direta ora indiretamente (através de “delegados”). Mas o ensaísta conclui, com justeza, que “a democracia direta só atua na assembléia da unidade orgânica do partido, na qual intervêm todos os inscritos para deliberar a respeito de questões que concentrem à vida política local”.

Daí decorre, à evidência, que urge a elaboração pelo Congresso do estatuto dos partidos e que nesse estatuto cumpre regular a matrícula dos eleitores e as eleições primárias, sob a fiscalização da Justiça. Sem esse complemento, o sistema representativo será sempre falho.

Há quase meio século, Matienzo exprobase na cátedra de Tucuman: “Afogar a opinião pública dos cidadãos dentro do partido é tão ofensivo à democracia como afogá-la fora dele e importa em grave falta de companheirismo. A nação precisa que todos os seus cidadãos concorram livremente para formar a vontade geral do povo, e ninguém tem o direito de travar o curso às opiniões individuais, cuja definitiva combinação dá forma, colorido e razão

de ser àquela vontade soberana. Se as leis diligenciam de modo que os acionistas, nas sociedades anônimas, não sejam enganados pelos diretores, administradores e agentes, não se percebe o motivo pelo qual não se hão de ocupar também em que não se defraudem os cidadãos em seus direitos de membros de partido”.

A “eleição primária” – reagindo contra as “convenções” nos Estados Unidos – oferece, desde a sua estréia em 1842, num condado da Pensilvânia, elementos ilustrativos de suas vantagens sobre os alegados inconvenientes de aumentar despesas e de não suscitar o interesse do povo, que justificaram a apresentação de vários projetos de reforma – a ponto de nenhuma das iniciativas, sujeitas a *referendum*, ser aprovada, como testemunha Charles Evans Hughes. O mesmo jurista arrola duas daquelas vantagens: o eleitor partidário dispõe de uma arma contra os maus dirigentes, melhorando o nível moral do grupo, e adquire certa noção de poder e de responsabilidade que estimula a sua atividade política.

Diversos caminhos se descortinam à opção do legislador para dar corpo a uma aspiração, como essa, fundamente sentida no interior do país. A campanha municipalista, parcialmente vitoriosa na Constituinte de 46, está ganhando altura e vigor, para conceder às organizações locais as condições do esperado desenvolvimento. Não esmoreçamos na trilha triunfante. Nem nos deixemos ofuscar pelas pretensiosas sistematizações propostas a uma comunidade, como a brasileira, que se orgulha em não ser uniforme. Durante milênio e meio, os incas devastaram o solo, abatendo florestas, dilatando a superfície cultivada, levando a lavoura aos flancos das montanhas. Cautelosamente armaram terraços na espalda dos montes, a fim de conter a erosão. Mas os terraços foram impotentes diante das leis naturais e o ambicioso Império desapareceu da face da terra. No mundo moral, em vão preparamos sustentáculos para edifícios vacilantes. Se destruímos as raízes da vontade popular nos municípios, não nos espantemos, um dia, de que a pirâmide democrática principie a aluir sob a pressão das enchentes.

*Prado Kelly*



**D. PEDRO II E A PROVÍNCIA  
DO PARANÁ**



## D. Pedro II e a província do Paraná

Apesar dos anos decorridos, as verdadeiras figuras da nossa história não desaparecem na bruma do esquecimento; antes, recortam-se brilhantemente.

É o caso de dom Pedro II, exaltado até pelos que não lhe votam simpatia, restringindo-o em enternecedoras contradições. Queremo-nos referir ao amigo dr. Davi Carneiro. Realmente, nunca imaginamos, que alguém pudesse elogiar o magnânimo tanto quanto o dr. Carneiro, na página 4 de sua obra *D. Pedro II na Província do Paraná – 1880*.

O ilustre historiador paranaense chega a exageros, mas é sincero no seu modo de pensar.

Para se estudar aquele chefe de Estado que nos dirigiu durante 49 anos é preciso considerá-lo como um ser humano – um homem possuído da idéia do bem comum, funcionário compenetrado dos seus deveres, infatigável no desempenho de sua árdua tarefa e que a ela deu o seu tempo integral.

Nas horas tranqüilas de sua existência, dedicava-se também o imperador às elucubrações filosóficas e literárias. Escrevia cartas e bilhetes com grande rapidez, em sua língua, na francesa e na italiana. Padecia do gosto pela cultura geral e não deixava de frequentar o Instituto Histórico, visitar a Academia de Belas-Artes e assistir às conferências na Glória. Foi conhecedor de todos os ramos de ciência; destrinchava o sânscrito, o hebraico, bem como a egiptologia, causando admiração ao dr. A. Seligmann, a Brugsch e a Mariette Bey. O conde Artur de Gobineau, muitas vezes, em cartas, emprazava o soberano a que escrevesse suas reminiscências das viagens à Europa, mas a desculpa era justa: não podia fazê-lo por falta de tempo, e adiantava que as preocupações do Estado, tão múltiplas e variadas não lho permitiam <sup>1</sup>.

---

1. Correspondência de Gobineau com o imperador d. Pedro II no arquivo do Museu Imperial.

Resignou-se o imperador a essa contingência. Assim, como funcionário não chegou a ser autor de obras de história ou de literatura! Poetou às pressas como quem cumpre uma promessa. Limitou-se a ser um cidadão culto. Tomou notas!

Interessou-se pela criação da última província do Império. Visitou-a a jato tudo observando com a consciência de que tratava com gente que, se não tinha ainda os pesos e medidas métricas em boa ordem, nem a escrita das repartições muito em dia, não tinha também preocupação de má-fé. Como era de seu feitio, preocupou-se com ensino da doutrina cristã, com a difusão básica da cultura, estipendiando instituições, como sempre o fazia – para que com a colaboração dos interessados fossem criadas escolas. Zangou-se ao ver que em alguns lugares havia teatro e faltavam salas de aula!

Muitas cidades visitadas receberam do imperador jogos métricos de pesos e medidas destinados à aferição municipal e à substituição definitiva do sistema arcaico dos complexos.

A natureza, a amenidade do clima, a bondade da gente, encantou o soberano, que sempre recordou o Paraná. Suas palavras foram de confiança no progresso daquela província. É sua a expressão: *O Paraná é uma bela província de grande futuro*<sup>2</sup>.

No exílio, tendo recebido do visconde de Taunay a separata de *Curiosidades naturais do Paraná*, artigo publicado na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, o imperador a ele após interessantes notas, revivendo pessoas e coisas; a certa altura, quando o visconde se referia à desanexação de território paranaense para a formação de uma província dos Campos Gerais, tendo Guarapuava por capital, dom Pedro II escreveu à margem: *Pensar!* Pensar foi a sugestão do imperador.

O arquivo do Museu Imperial possui o caderno revestido de couro, medindo 0,188m × 0,113m, em que dom Pedro II anotou a lápis essa viagem realizada de 17 de maio a 7 de junho de 1880. Nesse diário inédito, cujos originais nem sempre permitem leitura fácil a quem não esteja familiarizado com a letra do imperador, não há correções nem acréscimos, o que demonstra que o autor não retocou ou ampliou o que havia escrito. É esse documento que publicamos na íntegra adiante.

---

2. Carta à condessa de Barral, datada de 7 de junho de 1880, no arquivo do Museu Imperial.

Essa viagem de dom Pedro II é apenas conhecida através do que disseram os periódicos da época, alguns com minúcia e seriedade como fez o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, representado por José Nicolau Tinoco de Almeida, cronista de Petrópolis, que, em fevereiro de 1885, acompanhando a princesa Isabel e o conde d’Eu, voltaria ao Paraná para a festiva inauguração da estrada de ferro.

A *Gazeta de Notícias* e *O Cruzeiro* também enviaram repórteres para acompanharem o soberano, não tendo faltado por isso notícias de toda a ordem, inclusive os comentários chulos da *Revista Ilustrada*.

Ernesto Matoso, repórter da *Gazeta de Notícias*, como algumas outras pessoas otimistas da comitiva, não sabia o que era viajar com dom Pedro II. O monarca fazia tudo a tempo e a hora, mas nem sempre com a preocupação de conforto; colchão de penas ou tábua de engomar como cama, eram-lhe coisas iguais. A estada no Rio do Meio, na escalada ao planalto, foi disto o exemplo mais irrisante: dom Pedro dormiu em exíguo quarto com cheiro de tinta, na casa da viúva Ramos; teve espírito esportivo, mas alguns senhores acompanhantes esperavam abrigo em “Palace Hotel”!

Matoso em seu livro *Coisas do meu tempo* recorda a noite passada em Rio do Meio, evidenciando a simplicidade franciscana do imperador em contraste com o desapontamento de muitos de sua comitiva!

O diário em apreço mostra, de forma despretensiosa, a impressão do imperador – por vezes tão comovedora – sobre o que viu e ponderou, nessa breve excursão à bela e futura província.

Procurando esclarecer alguns pormenores, fizemos 114 notas, dispensáveis a muitos leitores mas úteis a alguns menos versados em história do Paraná e do próprio monarca.

***Francisco Marques dos Santos***



## Diário da visita de dom Pedro II à província do Paraná \*

A viagem marítima do Rio à Paranaguá

*17 de maio* – Saída às 8 ½. Bom tempo durante o dia. A corveta *Guanabara* sempre nos seguiu. Noite de luar, mas com muitas nuvens ameaçando aguaceiros. Desci às 11 ½.

*18 de maio* – Dormi mal. Algum balanço. Não enjoei. Subi às 5 ½. Belas cores nas nuvens ao nascer do sol. Toninhas que pareciam andar tanto como o vapor, de 10 a 10 ½ milhas. Alguns pássaros. Chuva, porém vagas encarneiradas à feição.

2 ¾ da tarde. Sempre tempo chuvoso. *Ilha da Figueira* quase no limite de S. Paulo com o Paraná. A *Guanabara* veio saudar com gente nas vergas. Há de tomar pela barra do sul, por falta de fundo no Paranaguá e nós entraremos pela do norte de Paranaguá. Farol das Conchas. Bela entrada com a serra no fundo e ao longe o pico Feiticeiro, cuja cobertura de nuvens anuncia chuva. <sup>2</sup> Ilha do Lazareto <sup>1</sup>. Chegam dois vapores, um dos quais com o presidente etc. Dobra-se a ponta da ilha da Cotinga e segue-se o canal balizado. Passo para o pequeno vapor do presidente. Cidade iluminada.

Em Paranaguá

Desembarque difícil para a imperatriz. Não há carruagem em Paranaguá. A pé, por péssimas calçadas, até a casa espaçosa do barão de Nacar <sup>3</sup>.

---

\*. Os subtítulos são do anotador.

1. Assim também nos informa Agostinho Ermelindo de Leão, em *Contribuições Históricas e Geográficas para o Dicionário do Paraná*, p. 640, Curitiba, 1926.

2. Ilha do Lazareto – ilha das Cobras, onde existia, desde 1856, um lazareto em que ficavam isoladas pessoas padecentes de doenças contagiosas e as que estavam obrigadas à quarentena.

3. O palacete do barão de Nacar, ostentando bandeira, foi erigido em pago imperial. Situa-do em excelente local, luxuosamente mobiliado, e provido de todo o conforto. Atualmente aí funcionam a Câmara e a Prefeitura municipal.

Jantar, chá e conversa. Programa organizado com o presidente e o ministro Buarque de Macedo. Disse-me o comendador Antônio Alves de Araújo que em Ponta Grossa já as casas ficaram cobertas de neve e a serra se coroou de neve. Referiu-me também que tem havido furacões fortíssimos. Um deles arrebatou peixes de um lago e arrebatou uma casa, arrancando e torcendo pinheiros, no mês de setembro. Outro indivíduo falou de uma chuva preta e de sapinhos.

*19 de maio* – As casas das escolas que vi não são más. Os professores bons. Das três professoras só regia uma substituta. Os alunos que interroguei por serem os melhores dos presentes responderam muito bem sobretudo um fulano Maravalha. Ponte da Alfândega <sup>4</sup> só permite a barcos de muito pouco fundo atracar. O porto desse lado aterra-se rapidamente. Fábrica de velas e sabão para cuja proteção a Câmara Municipal impôs nos mesmos gêneros entrados no município. O sebo vem do Rio Grande. Ver o bilhete da lista de lugares que visitei. Trovoada com grande chuva ao chegar à matriz. Não me molhei muito. Baile na casa da Câmara bastante concorrido apesar do mau tempo que molhou as ruas. Valeram em parte algumas cadeirinhas. Voltei à meia-noite <sup>5</sup>.

---

4. Ponte da Alfândega – A alfândega estava instalada no antigo colégio dos jesuítas, hoje restaurado pela DPHAN, para ser aí organizado um museu.

5. À vista dos jornais da corte e de Curitiba, assim relataríamos o programa cumprido pelo soberano do dia 19 de maio de 1880 em Paranaguá:

“Às sete da manhã o imperador saiu a passeio pela cidade, acompanhado do doutor Manuel Buarque de Macedo, ministro e secretário da Agricultura, do semanário, do presidente da província, dr. Manuel Pinto de Sousa Dantas Filho, do presidente da Câmara Municipal, major Ricardo Carneiro, genro do barão de Nacar, e de outras pessoas gradas.

Visitou o mercado, a capitania do porto, onde examinou o estado do porto, a cadeia, a matriz, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário, padroeira da cidade, onde fez orações; as fontes chamadas do Campo (de São Benedito) e a Nova, situadas fora da cidade; o local onde seria construída a estação inicial da estrada de ferro, o edifício da Câmara Municipal, o telégrafo, onde examinou os livros.

Terminadas essas visitas, o imperador retirou-se ao palácio (casa do barão de Nacar) onde almoçou.

Às onze e um quarto, visitou três escolas; fábricas de sabão e velas; a Santa Casa da Misericórdia, cujas enfermarias e dependências percorreu; a alfândega instalada na parte norte do colégio dos jesuítas; a coletoria, e a Companhia de Aprendizes Marinheiros. Acompanharam o imperador, o camarista, o visconde de Tamandaré, o ministro da Agricultura, os presidentes da província, da Câmara e de outras autoridades.

Pouco antes de quatro horas da tarde, recolheu-se ao palácio onde se serviu o jantar, e findo o qual o barão de Nacar brindou Suas Majestades Imperiais.

Às oito horas foram cumprimentar os soberanos os cônsules alemão, inglês, francês, holandês, dinamarquês, uruguaio, argentino e chileno.

Às nove, apesar do temporal – trovões e chuvas – que desde as sete havia começado a impedir a concorrência do povo às festividades, dignou-se o imperador

20 de maio – (quinta-feira). Partida de Paranaguá às 7 ½, no vapor *Iguaçu*. Examinei a carta do Mouchez <sup>6</sup>. Depois de algum tempo, passei-me para o *Rio Grande* que me trouxe do Rio. Tem chovido porém não muito. Passei por defronte do porto de Pedro 2º. Estacada que aí constrói a empresa da estrada de ferro. Bonitas vistas das montanhas. A serra do Gigante Africano é a da Prata. Disse-me o presidente da Câmara que aí se achou também platina <sup>7</sup>. Disse-lhe que mandasse amostra ao museu do Rio. Almoço.

#### Chegada a Antonina

Forma o porto de Antonina como um lago rodeado de montanhas. Desembarque às 10. Pouca demora na casa preparada. 10h 40' partida. Até a barreira que é além do núcleo de colonos Ipiranga <sup>8</sup> – lugar alegre e pitoresco – não se sobe a serra.

Quase nenhuma cultura, alguns engenhos de socar mate. Vi uma araucária pequena <sup>9</sup>. No núcleo Ipiranga, lugar chamado S. João da Graciosa deram-me boas laranjas-cravo. Atravessa-se uma boa parte sobre o rio muito empedrado <sup>10</sup>, chega-se à bar-

---

a assistir ao baile que, em seu salão, ofereceu a Câmara Municipal, e onde se demorou até meia-noite. A imperatriz, por se achar indisposta, não pode comparecer.

Ao *Te-Déum* bem como ao baile compareceram o comandante e a oficialidade da corveta *Guanabara*. A festa prolongou-se até alta madrugada, reinando excepcional animação. Tinha então Paranaguá características do século 18, embora também com muitas casas modernas. O imperador refere-se a cadeiras de arruar e liteiras que levaram os convidados ao baile na casa da Câmara.

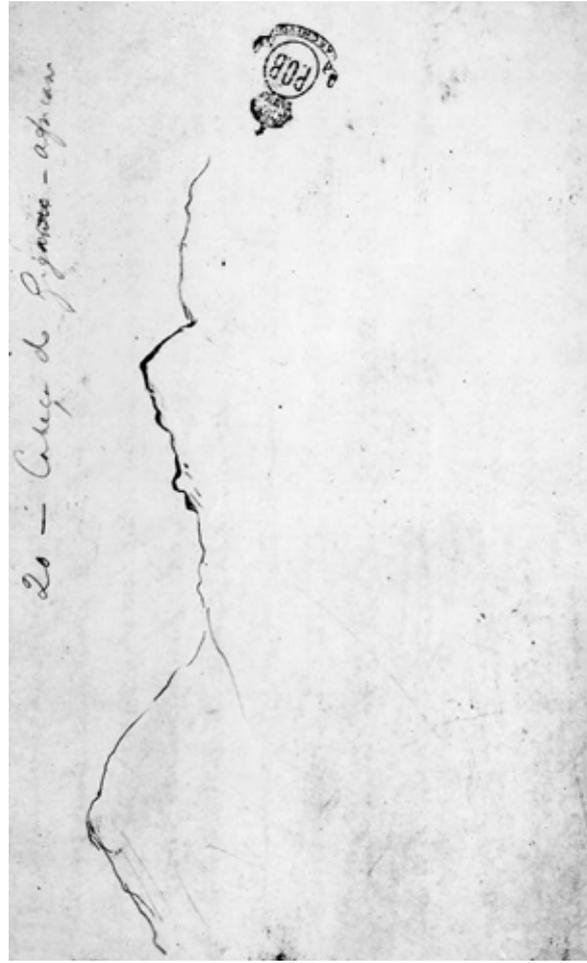
**6.** Carta de Mouchez. *Carte particulière des Côtes du Brésil. Levée par M. Mouchez. Au dépôt des cartes et plans de la Marine.* Paris, 1867-68.

**7.** Sempre interessado por descobertas de minerais e quaisquer produtos, o imperador procurava encaminhá-los aos diversos estabelecimentos para examiná-los devidamente. Por essa razão, ele se fez acompanhar do dr. Joaquim Pizarro, que, cedo, se cansou não tendo podido achar azougue, conforme iremos ver, em nota adiante número 61. Pizarro era diretor da 1ª seção do Museu Nacional – antropologia, zoologia geral e aplicada, e paleontologia geral.

**8.** O núcleo Ipiranga pertencia à colônia Nova Itália, no município de Porto de Cima, fundado durante o governo do alagoano Adolfo Lamenha Lins. Principiava no ramal da estrada da Graciosa, terminando no rio do Retiro. Terreno fértil, porém montanhoso (Ver *Núcleos de Imigração do Município de Porto de Cima*, Imprensa Nacional, Rio, 1886).

**9.** Vi uma araucária pequena... Foi realmente o primeiro contato do imperador com o planalto.

**10.** O rio muito empedrado deve ser o Ipiranga.



reira e começa a serra. Tem belas perspectivas. A serra da Prata oferece-se majestosa no fundo da paisagem e para o lado Antonina, de que alveja somente o estabelecimento do comendador Alves de Araújo, e ainda mais longe a ponta onde se enxergam casas de Paranaguá e o mar no horizonte, vendo-se até uma ilha no caminho de S. Francisco de Sta. Catarina. No alto da serra é a vista ainda mais bela. O pôr-do-sol dava-lhe cores admiráveis. Antes também vira o rio *Nhundiaguara* que vai a Morretes, cujas estradas vêm à que percorri na baixada antes de São João da Graciosa e neste lugar de que dista 1 ½ léguas. Do alto da serra atravessa-se um mato de árvores de ramos enegrecidos e cobertos de parasitas que o fogo poupou, os quais parecem espectros de braços levantados. A vista de que se goza depois para o lado oposto ao da subida da serra é também muito bela, sobretudo ao pôr-do-sol que se deita desse lado. O céu estava semeado de nuvens de ouro. Vi araucárias porém ainda não apareceu o arbusto do mate <sup>11</sup>.

#### Uma noite tranqüila em Rio do Meio

Às 6h e 35' cheguei à casa do Rio do Meio, onde dormi. Que diferença de temperatura! O céu parecia prometer geada. No caminho de Antonina até aqui encontrei talvez 50 a 60 carros, como os dos alemães de Petrópolis <sup>12</sup>, conduzindo principal ou mesmo exclusivamente surrões e barricas de mate. Também levam bananas de que vi grandes plantações de grandes cachos, porém de má qualidade. As cores dos habitantes da baixada pareceram-me, em geral, más, de quem sofre do fígado. Os carroceiros que desciam tinham-nas boas. Os cocheiros que nos conduziam eram belos rapazes de família alemã. Pararam diversas vezes para dar água aos cavalos, que aliás nada comeram em caminho. Penso que era isso antes para descanso dos animais, pois não há quase lanços horizontais na serra e se os há muito curtos e as rampas são um pouco fortes para tão longa extensão de mais de 20 quilômetros.

---

11. O imperador tinha muita curiosidade e interesse pelo mate, sua cultura e seu beneficiamento.

12. Veículos hoje inexistentes em Petrópolis, município cujo aspecto físico nos sugere o de São Bento, em Santa Catarina.

Esta casa é de madeira de pinho da terra e como que improvisada, aos menos quanto aos acessórios para a nossa estada. A dona, viúva Campos <sup>13</sup>, filha de Santa Catarina, tem um penteado de carrapicho de cabelos à roda da testa que parece de um dos povos da Rússia <sup>14</sup>. Dormi bem no meu quartinho, apesar de algum cheiro de tinta. Acordei antes das 6 e agora vou andar um pouco e almoçar para seguir às 8 horas. Por muito sono que me fez o andar vagaroso na serra, nada escrevi na noite de ontem <sup>15</sup>.

Continua a subida da serra, em demanda do planalto

21 de maio – Almoço às 7. Partida às 8. Araucárias <sup>16</sup>, erva-mate. Colhi ramos. Capurri com boa ponte. Campinho. Volta Grande com belos capões e grande abundância de araucárias cujos ramos, enfileirando-se em planos diferentes, sobretudo por causa da inclinação do terreno, formam degraus de imensa escada. Creio que pertencem à companhia florestal <sup>17</sup> que possui uma área de 600 braças sobre 150. Tinha visitado antes seu estabelecimento, há 5 anos abandonado. Dois empregados estão por pagar há 4. Gastaram 300 contos no material. A primeira remessa de tábuas de pinho deu no Rio 2\$000 mais por dúzia que o americano <sup>18</sup>. A segunda, por falta de cuidado, apodreceu em metade

**13.** Supomos tratar-se da viúva de Manuel Ramos, conservador que fora da estrada, do quilômetro 32 ao 42, recebendo por esse serviço 8:800\$000 anualmente (ver relatório do presidente da província, Joaquim Bento de Oliveira Júnior, p. 23).

**14.** Essa observação tem certo cabimento, o imperador visitara a Rússia de norte a sul, em 1876, em sua segunda viagem à Europa.

**15.** Pela primeira e única vez o imperador fala em sono, *pelo andar vagaroso de sua carruagem na serra...* Quando chegarmos aos Campos Gerais, iremos vê-lo gabando da perícia do seu cocheiro: *Era preciso ser excelente como o meu, para andar em tal caminho...* correndo muito, diremos!

**16.** Veremos, daqui em diante, a impressão magnífica que ao imperador causavam as araucárias. São o encanto do *Süd Brasilien*, assim como os cocheiros nas paisagens do norte e nordeste.

**17.** A Companhia Florestal Paranaense, diz Agostinho Ermelino de Leão, no *Dicionário do Paraná*, foi fundada por Antônio Pereira Rebouças Filho, iniciando a indústria madeireira do pinho. A ele se deve a introdução das barricas como envoltório da erva-mate. As informações que nos presta dom Pedro II sobre o valor do pinho do Paraná não deixam de ser interessantes. A fundação da *Florestal* foi autorizada pelo decreto nº 4.887, de 5 de fevereiro de 1872, com o capital de 500:000\$000, representado por 2.500 ações de 200\$000 e tinha por fim a exploração das florestas de pinho. Sua sede era na corte.

**18.** Dom Pedro II, neste diário, como em outros de suas viagens, anota pormenores de valor econômico, em relação ao comércio, indústria e agricultura.

nos lugares onde a deixaram no trânsito. O depósito de 5.000 tábuas está metade podre. É pena que não tenham olhado mais para o estabelecimento. Encontrei também no caminho muito joá-bravo, aroeira e um arbusto bonito de frutinhas redondas amarelas que parecem as do *murici* porém não se comem. Ouvi chamar os capões *aimbetê*<sup>19</sup>.

Depois do Canguiri principiaram os planos acidentados mais vastos, com montanhas ao longe. São lindíssimos. Perto de Curitiba encontrei os alemães a cavalo com fitas a tiracolo, nas cores brasileiras e alemãs e muitas outras pessoas. Começaram os prazos das colônias suburbanas onde vi muitas crianças lindíssimas.

Feliz o imperador em Curitiba<sup>20</sup>

### Grande entusiasmo sempre e sobretudo na cidade, aonde

**19.** Aimbetê – Assim escreve o imperador. Será *cherimbetá*, um artefato feito pelos índios, da resina de uma árvore chamada *guaçatunga*, que dependuram no lábio inferior, onde fazem um furo para esse fim? Essa resina assemelha-se ao âmbar. Volta o imperador à palavra que ouviu, *Carimbetê*. Aproximamo-nos assaz da nossa proposição: Oxalá conclua o leitor (vide nota 45).

**20.** No dia 21 de maio, ao romper da alvorada, uma salva de 21 tiros despertou a cidade de Curitiba. Estrugiram foguetes e repicavam sinos, anunciando a visita imperial, ainda a seis léguas de distância, em Rio do Meio, onde passara a noite.

Às dez horas, o tempo chuvoso e encoberto aclarou-se e as nuvens borrascosas desapareceram. A natureza favorecia o desenrolar dos festejos!

Às onze horas, formou-se a guarda de honra, de mais de 200 cavaleiros uniformizados, de calças brancas, paletós pretos, faixa auriverde a tiracolo, botas à russiana, de cano alto e polimento. Comandada pelo major Luís Manuel Agner, seguiu para homenagear a SS. MM., levando dois estandartes de cores nacionais e alemãs.

À uma hora, desfilou a Câmara incorporada para o seu pavilhão, erguido à entrada da cidade, em frente à estação telegráfica. A seguir, a comissão de recepção e muitas senhoras dirigiram-se ao pavilhão a fim de aguardar a imperatriz dona Teresa Cristina. No mesmo ponto, achava-se o corpo de cavalaria de linha e a banda de música da polícia.

Às duas e meia da tarde, ao espoucar a girândola colocada no alto da Glória, última das que se achavam dispostas de distância, a população, quase que em sua totalidade, dirigiu-se para junto do coreto da rua do Serrito, onde seriam recebidas SS. MM.

Estendidas ao longo da rua da Graciosa, de um e outro lado, trajadas de branco com fitão bicolor a tiracolo, duas alas de jovens de diferentes nações, servindo de vanguarda aos demais colonos – seus pais e parentes – chamavam a atenção do observador.

Era a população das colônias estabelecidas no rocío da capital, sendo a demonstração dirigida pelo ex-agente oficial de colonização, capitão João Batista Brandão de Proença.

Tomás Coelho, Lamenha, Rivierre, Orleans, Alfredo Chaves, Santo Inácio, Novo Tirol, Murici, Santa Cândida, Abranches, Antônio Rebouças, dom Augusto, Inspetor Carvalho, São Venâncio, Zacarias, Argelina, Dom Pedro, Senador Dantas, São João

cheguei à bela casa que habito às 3 horas <sup>21</sup>. Três oficiais de cavalaria de linha comandaram os piquetes – de Antonina, Tavares, filho do dr. Tavares – de Rio do Meio, Camargo e do Canguiri, Floriano de tal Lavôr, cearense e muito conversador. Tavares é meu conhecido dos piquetes de S. Cristóvão e de Petrópolis; Camargo parece bisonho <sup>22</sup>.

Jantar às 4 e depois dei um passeio pela cidade e fui à estação telegráfica onde examinei o livro das observações telegráficas <sup>23</sup>. O frio tem sido maior às 8 da manhã e no dia 15 foi de 8° centígrados. Às 7, recepção. Vieram meninas das diferentes colônias suburbanas, cada uma de sua nacionalidade, arvorando seu guião com o nome da colônia. Muitas eram polacas alemãs. Os alemães fizeram procissão de fochos e cantaram <sup>24</sup>. A iluminação foi bonita.

---

Batista, dr. Álvares de Araújo e Santa Felicidade, ao todo 21 colônias representadas por bandeiras brancas com o nome respectivo, em letras douradas. Apresentavam-se também, hasteadas por colonos, duas bandeiras nacionais, uma alemã e uma francesa.

A população das colônias era representada por 5.713 indivíduos e bastava esse episódio eloqüente e talvez único no Império, para tornar esplêndida a recepção.

Às 3 ¼ chegaram os soberanos, acompanhados de um piquete de cavalaria, de um esquadrão patriótico de alemães, grande número de cavalarianos, entre flores, em frente ao pavilhão, sendo cumprimentado pela Câmara Municipal, recebendo das mãos do seu presidente, dr. Tertuliano de Freitas, a chave da cidade, de metal prateado, que assim pode ser descrita:

No anverso, no cabo: *Curitiba Província do Paraná.*

Ao centro, as armas imperiais, tendo em lugar da esfera armilar, a legenda: *Fundada / em / 1654.*

No reverso, o campo do cabo ornado de folhas estilizadas. As armas imperiais completas. Na ponta do escudo lê-se 21 e na alça: *Maior / 1880.*

Desde a fundação do Museu Histórico Nacional, lá conhecemos esta relíquia, por nós fotografada há muitos anos e agora pela primeira vez divulgada.

O imperador, ao receber este penhor de lealdade, assim se manifestou ao presidente da Câmara: *Agradeço à Câmara, especialmente ao povo. A sua província me têm encantado!*

Em seguida SS. MM., sob demonstração de regozijo popular, tomaram o carro e seguiram pelas ruas Direita, Riachuelo, Flores, travessa das Flores, largo da Matriz até o Paço, não tendo feito o trajeto a pé, devido à umidade produzida pelas chuvas nos dias anteriores. No Paço, foram recebidos pelas comissões e grande número de pessoas, sendo anunciado que os imperadores, às sete horas, receberiam os que quisessem cumprimentá-los.

**21.** Residência do cidadão português, comendador Antônio Martins Franco, erigida em Paço Imperial na cidade de Curitiba.

**22.** Eram os oficiais do segundo corpo de cavalaria de linha, sediado em Curitiba: capitão José Procópio Tavares e tenentes Floriano de Castro Lavor e Manuel Ambrósio de Camargo.

**23.** O telégrafo elétrico foi inaugurado no Paraná em 30 de outubro de 1871, custando à província a importância de 25:577\$447 réis.

**24.** Que recordações de Petrópolis, onde os colonos alemães lhe prestavam igual homenagem!





Esqueci-me de dizer que em Paranaguá procurou-me um alsaciano Sigwald <sup>25</sup>, de Superagui <sup>26</sup>, que ofereceu uma caixa de garrafas de vinho de uva americana. Já faz 40 pipas por ano e disse-me que essa qualidade de vinha produzia bastante.

Entre os que se apresentaram esta noite, notei o boticário Stelfeld <sup>27</sup> que reside aqui há 28 anos, mas só tem estudado um pouco as plantas que servem para curtir, assim como Agner <sup>28</sup> comandou o 3º de voluntários e assistiu a diversos combates, entre os quais à batalha de 24 de maio e foi ferido num pé.

*22 de maio* – Saí às 7 e fui ao museu do Ermelino. Está bem arranjado e é curioso na parte da história natural, mineralogia e sambaquis. Hei de pedir o catálogo <sup>29</sup>.

---

**25.** João Miguel Sigwald dedicou-se à vinicultura. O comendador Manuel Antônio Guimarães expôs vinhos desse colono, conforme lemos na p. 135 do catálogo dos diversos produtos da exposição provincial do Paraná, inaugurada a 25 de abril de 1875, na cidade de Curitiba.

**26.** Colônia fundada em 1850 por Carlos Perret-Gentil, cônsul da Suíça no Rio de Janeiro. Luís Durien foi o sucessor de Perret-Gentil, depois de sua morte. Em 1879, o Superagui era mais uma freguesia do que colônia, sendo povoada por nacionais que nenhuma obediência prestavam ao preposto do falecido Perret.

**27.** Carlos Augusto Stelfeld, veterano do Paraguai, dono de conceituada botica em Curitiba. Tinha públicos e relevantes serviços prestados ao Brasil durante a Guerra do Paraguai. Capitão da Guarda Nacional, fazia parte da comitiva organizadora do programa de recepção e também da comissão de organização dos batalhões e do préstito.

Stelfeld chegara a Santa Catarina integrando a segunda expedição colonizadora das glebas de Joinville, zarpada de Hamburgo a 1º de maio de 1851, na barca de três mastros *Ema & Louise*.

**28.** O major Luís Manuel Agner que mereceu neste diário importância que não foi dada a outras figuras, incumbiu-se de, em companhia de outros cavalarianos, acompanhar o imperador durante toda a excursão, dando assim demonstração de resistência, só comparável à do imperador, principalmente na volta da Lapa a Curitiba quando o percurso de 9 léguas foi feito em 16 horas. Agner, comandante-em-chefe dos batalhões patrióticos, viera menino da Alemanha; era veterano da Guerra do Paraguai, suplente de juiz municipal no termo de Curitiba onde estava estabelecido, possuindo uma padaria e um engenho de socar erva-mate movido a vapor. Ao voltar à corte, o imperador concedeu-lhe o grau de cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa.

**29.** S. M. admirou o Museu Paranaense fundado a 25/09/1876 pelo baiano Agostinho Ermelino de Leão. Em 1882, compareceria o Museu Paranaense à Exposição Antropológica Brasileira, realizada na Corte pelo Museu Nacional, em 29 de julho, apresentando um ótimo catálogo impresso, de 18 páginas, organizado por Ermelino, descrevendo 103 peças de arqueologia e etnografia. O valor desse raro cimélio mais avulta por encontrarmos em suas páginas a memória do missionário frei Luís de Cimitille sobre os costume e religião dos índios Camés e Coroados que habitavam o Paraná, e bem assim o trabalho de Telêmaco Moricines Borba, *Vocabulário das tribos Caingangas, Caiaguás e Xavantes*.

J. Tinoco, na *Gazetilha* do Jornal do Comércio de 1º de junho de 1880, dá a seguinte referência:

“O museu compõe-se de duas salas. Na primeira estão as coleções de cristais de rocha, minerais, cobras e lagartos em espírito, peles de animais empalhados, insetos, erva-mate, seção indígena, madeiras principais da província e amostra de cereais.

Missa às 8 ¼ pelo aniversário fúnebre <sup>30</sup>.

A igreja serve de matriz, enquanto se faz esta, é pequena, porém bonita e muito limpa. 9 ½, almoço.

10 ¼, Instituto Paranaense, que ensina os preparatórios. Os estudantes – são poucos – responderam sofrivelmente. Casa pequena é ainda externato. As aulas de primeiras letras depõem contra o estado da instrução primária em Curitiba. Casas acanhadas para 120 alunos numa a duas – atraso no ensino e falta quase absoluta do conhecimento de doutrina religiosa.

Tesourarias – más casas – pior a do Correio que já tem um movimento de 200 a 300.000 papéis por ano.

Inauguração do hospital novo da Misericórdia, entre a visita da primeira aula e o resto. Está bem situado. Ouve missa na capela que é de bonitas madeiras das quais uma é o lindo cipó-florão. Bom relógio de torre e necrotério demasiado grande para o resto. As enfermarias são boas e têm bastante espaço para aumentar o edifício, que aliás devia ser construído conforme os hospitais modernos. Tem pára-raios e um deles foi fulminado durante a trovoadas de Paranaguá. O dr. Murici <sup>31</sup> foi quem mais concorreu para a construção do hospital. O provedor,

---

Na segunda existem alguns troféus da Guerra do Paraguai, seções de marinha, médica e botânica, fósseis, sambaquis, grandes urnas encontradas no lugar em que está hoje a colônia Assungui, e que pertenceram aos indígenas; amostras de pinhas do tamanho de uma melancia, coleções de selos e papel-moeda, e grande variedade de objetos antigos tais como o número 182 do *Jornal do Commercio*, de 20 de julho de 1841, suplemento publicado no dia da sagração e coroação do Sr. D. Pedro II; um açucareiro que fazia parte do serviço do rei Luís Filipe; o calção do último capitão-mor de Paranaguá; o talim do duque de Caxias que trouxe durante a campanha do Paraguai; uma caixa de relógio que pertenceu a Catarina Paraguaçu e depois ao visconde da Torre e um sinete que pertenceu ao ditador Lopez, presente feito ao museu pelo atual ministro de Estrangeiros, conselheiro Pedro Luís”.

30. Diz J. Tinoco na *Gazetilha* do *Jornal do Commercio* de 1º de junho de 1880:

“Às 8 ½ rezou-se uma missa, na capela de S. Francisco das Chagas, por alma de um irmão de S. M. a Imperatriz, cujo nome nenhum semanário me soube dizer”.

Essa missa foi celebrada na Igreja de São Francisco na data aniversária da morte do irmão da imperatriz, o rei Fernando das Duas Sicílias (1810-1859).

31. Mais adiante, veremos referência ao dr. José Cândido da Silva Murici. Falecido a 20/03/1879, era daqueles homens a quem dom Pedro estimava. Ao tempo em que o monarca visitou o Paraná, o seu melhor guia foi o livro *Ligeiras Notícias sobre a província do Paraná*, do ilustre médico baiano, consultando-o durante a viagem. Ao mesmo tempo o imperador sugeriu a José Nicolau Tinoco de Almeida, representante do *Jornal do Commercio*, que o lesse. Por essa razão, são interessantes as notícias do repórter da imprensa fluminense, pois, além de culto, leu Murici, aproveitando suas descrições nas crônicas enviadas do Paraná para o *Jornal do Commercio*, e que foram as melhores publicadas na corte.

dr. Pires Albuquerque <sup>32</sup>, seu genro, leu um discurso bem feito em que recordou comovido os serviços de Murici. É cirurgião militar. A enfermaria militar com bonita botica, acha-se no hospital que tem diversos quartos e alguns com grades para alienados. Jantar às 4 horas.

Chácara do Capanema em lindo lugar. Vasta e muito bem plantada. 140 variedades de pêra, 70 de maçãs. Dálías, rododendros de que um tem botão a arrebentar, azáleas, choupos de Itália, etc. etc. abóboras monstruosas <sup>33</sup>. Há de ser um estabelecimento importante de aclimação. Constrói uma estufa. Tem um casal de cavalos de Dangolah muito bonitos. A égua está prenhe. O terreno era como o das cercanias de Curitiba, pouco fértil, mas estrumou-o com as ervas do campo e estrume dos bois e vacas que tem, depois de ará-lo, etc. Excelente leite. Voltei com belíssimo luar e céu admirável. Ao chegar à chácara do Capanema, fazia frio; disse-me ele que 8,5° C.

Pouco depois de volta. *Te-Déum*, recepção – pequena – novas procissões de archotes <sup>34</sup>. Chá às 9 ½, conversa e deitei-me.

*23 de maio* – Senti menos frio a noite passada, não fui atacado de calafrios. São 6 horas. Vou escrever o diário de ontem, tomar café e sair.

---

**32.** Dr. Antônio Carlos Pires de Carvalho e Albuquerque, baiano, capitão, delegado do cirurgião-mor do Exército, primeiro cirurgião do corpo de saúde da Guarnição Militar do Paraná. O seu discurso, elogiado pelo imperador, encontra-se publicado no *Paranaense*, nº 119, de 3 de junho de 1880 e às páginas 61 e 62, da obra do dr. Davi da Silva Carneiro, *D. Pedro II na província do Paraná*.

**33.** Guilherme Schuch de Capanema (1824-1908). Futuro barão do mesmo título, por decreto de 26/02/1881. Engenheiro, lente da Escola Politécnica e fundador da Repartição Geral dos Telégrafos. Membro de inúmeras instituições culturais, foi nomeado diretor dos Telégrafos em 21/06/1864, com a gratificação de 2:400\$000 anuais.

Na sua chácara em Curitiba havia um perfeito serviço de observação meteorológica.

S. M. tudo percorreu, observando as plantações indígenas e exóticas existentes, estufas, viveiros e demais dependências, onde davam, o conselheiro Capanema e seu administrador Augusto Assis Teixeira, explicações que se faziam necessárias aos visitantes desse jardim botânico de primeira grandeza, dos melhores que possuía o Império.

Todos os assuntos agrícolas e pastoris interessavam ao chefe de Estado, que apreciava até as abóboras de grande tamanho, necessárias nas colônias, quer para a alimentação da família, quer para ser picada para os bacorinhos.

**34.** Novamente os colonos alemães com os seus archotes e cantorias recordam a cidade de Petrópolis ao imperador e à comitiva da corte, em Curitiba.

Cadeia limpa e tudo bem providenciado pelo chefe de polícia, que é inteligente e ativo <sup>35</sup>. Um preso de 26 anos de prisão onde aprendeu primeiras letras, ensina-as aos outros. Deu-me petição e parece arrependido. Mercado pequeno e pouca gente.

Quartel de polícia. Casa acanhada. Tudo em muito boa ordem.

Do 2º corpo de cavalaria, melhor casa. Aula de que é professor o tenente Lavôr muito bem arranjada. Gostei de tudo aí, mas paga-se 120\$000 de aluguel e as benfeitorias ficam para o proprietário.

Depósito de artigos bélicos – a casa é boa, mas tem muitos cunhetes de cartuchos com pólvora que é preciso remover daí.

Câmara Municipal. Casa boa. Conversei sobre necessidade da cidade: dessecamento de pântanos; abastecimento de água – tem duas fontes cuja água diminui bastante na seca; arborização das ruas principais que são direitas e largas e a gramação das margens do rio Ivo, afluente do Iguaçu, que atravessa a cidade. Padrões métricos mal conservados.

Almoço às 9 ½. Saída às 10 ½.

Colônia Santa Cândida <sup>36</sup>. Missa em pequena capela decente. Os colonos polacos alemães cantavam. Visitei diversos prazos. Plantam cereais da terra e centeio. Não tem moinho e tem de trazer o centeio à cidade em distância de mais de légua.

*Argelinos* – Visitei três prazos, entre os quais o de Chatagner que, parece, vai dando alguma coisa ao dono. No fim da colônia Santa Cândida, ao lado da cidade e antes dos argelinos <sup>37</sup> estive nos prazos de dois suíços de Valois que cultivam também a vinha e fazem já vinho. O de Jean Nicolas pareceu-me menos vinagre. Ele com a filha mais velha ensinam os outros

---

35. Era chefe de polícia da província o juiz de direito dr. Luís Barreto Correia de Menezes, distinto magistrado a cuja inteligência e atividade muito devia a repartição por ele dirigida; seu relatório ao presidente da província nesse ano de 1880 é digno de ser lido, sobretudo na parte referente às penitenciárias. No fim desse ano, deixando o Paraná, foi ser o chefe de polícia em Alagoas.

36. A colônia de Santa Cândida foi criada em agosto de 1875 pelo presidente Adolfo Lamenha Lins, a 6 quilômetros de Curitiba, sobre a estrada da Graciosa, no lugar denominado Atubá. Seus terrenos foram comprados pelo governo para o estabelecimento de imigrantes polacos e alemães. Possuía uma capela para devoção dos colonos. Emancipada em dezembro de 1878.

37. Colônia fundada por franceses procedentes da Argélia, ao norte da África. Situada no Bacaxiri, subúrbio de Curitiba.

filhos. Agradou-me essa domesticidade. Ambos estes colonos são muito trabalhadores. Enfim fui a um prazo dos da nova colônia *Senador Dantas* <sup>38</sup>. O sítio é muito bonito. Terras, como quase todas carecendo de adubo tendo alguns dos colonos suas vacas ou cavalos, mas os da colônia *Dantas* aproveitam o esterco de uma cocheira vizinha. Muitos dos colonos preferem serviços na cidade e a indústria de transporte.

Jantar às 5 horas. Depois e já antes li requerimentos, etc., em que aproveitou os intervalos de repouso. Recepção de diversas deputações e das meninas das aulas e colégio. Nove horas. Concerto em que o pai do dr. Itiberê (dr. João Manuel da Cunha) cantou tocando ao mesmo tempo rabeça na orquestra <sup>39</sup>, cantando também filha e neto. Esteve muito ruim o chamado concerto. Seguiu-se baile onde houve menos animação que no de Paranaguá <sup>40</sup>. Tudo foi no salão do museu em que arranjaram um

---

**38.** “Depois de almoçar saíram SS. MM. e comitiva, semanários, ministro da Agricultura, presidente da província, chefe de polícia, engenheiro chefe do serviço colonial, dr. Olímpio Antunes; representantes da imprensa da corte; agente oficial da colonização, capitão João Batista Brandão de Proença e muitos estrangeiros a cavalo, dirigiram-se à colônia Santa Cândida, onde ouviram missa. A capela achava-se enfeitada de flores e ramos naturais, com arcos e bandeiras, achando-se presentes quase todos os colonos polacos e italianos dessa e das colônias circunvizinhas.

S. M. visitou alguns lotes, inquirindo os colonos, quase um por um, provando frutos, vinho e pão de sua lavoura e indústria. Mostrou-se o imperador solícito e minucioso, já em relação aos serviços, já quanto à condição civil e moral dos colonos dirigindo-se a todos na língua de sua nacionalidade, sendo que alguns com dificuldade se expressavam no seu idioma pátrio; respondiam mais em brasileiro como diziam.

Visitaram ainda SS. MM. a colônia Argelina, a dois quilômetros de Curitiba, percorrendo alguns lotes, cujos proprietários o imperador interrogava, demorando-se um pouco na casa do alemão Wagner, colono, negociante, casado com francesa, e chefe de família.

Dirigindo-se para a capital, pararam SS. MM. em casa do cidadão inglês Frederico Tod, no Bacaxiri, visitando a máquina de cortar capim e feno, e outras obras, deixando a ele, sua família e empregados surpresos pela honrosa visita.

Ainda visitaram a ferraria do capitalista alemão M. Miller estabelecido na província desde 1822.

Em seguida, atravessando Curitiba em outra direção, SS. MM. e séquito se dirigiram à colônia Senador Dantas, a dois quilômetros ao sul da cidade (Água Verde). Do mesmo modo que nas outras colônias, foram visitados muitos prazos”. Cf. o *Dezenove de Dezembro*, jornal publicado em Curitiba, de 29 de maio de 1880.

**39.** A 5 de abril de 1871, André Rebouças levou ao Paço de São Cristóvão o doutor Basílio Itiberê, formado em direito e esperançoso pianista paranaense, e conversaram com o imperador sobre música, principalmente.

**40.** “SS. MM. jantaram, dignando-se a receber, às 6 e meia, novos cumprimentos de diversas Câmaras Municipais, de uma comissão do foro da capital, assim como da Assembléia Provincial, representada pelos deputados Paulo João Batista Ferreira Belo, Antônio Lustosa de Andrade, Benedito Enéias de Paula, dr. Francisco Terésio Porto, Joaquim Ventura de Almeida Torres e sendo então pelo Dr. Manuel Alves Araújo, presidente da Assembléia, lida uma felicitação por parte da mesma. Outros cidadãos tiveram também a honra de cumprimentar os soberanos.

“Às 8 horas da noite, dignando-se aceitar o convite que lhes fizera a comissão de recepção, foram SS. MM. e comitiva ao salão do Museu Paranaense, ao concerto

coreto para a banda do corpo policial <sup>41</sup>, que é boa. Antes tocasse ela só no concerto em que alemães cantaram coros muito parecidos com cantochão fúnebre. À meia-noite voltei para casa.

24 de maio – (segunda-feira). Das 6 horas às 7 vesti-me e li. Visita à capela e escola protestante. Casa de aspecto de *chalet*. 150 alunos de que parte estuda em casa do pastor. A outra é ensinada por um submestre. Paiol da pólvora bem construído e à boa distância, porém muito úmido. Assim mesmo, deve-se e pode-se mudar para lá a pólvora do depósito de artigos bélicos. Casarões feitos por contrato com um particular para estada de colonos; a 600 rs por adulto e 300 menor. Achei alguns aí recolhidos. Ontem, depois da visita dos colonos suíços, estive no estabelecimento do inglês Frederico Fowler (disse-me que seu nome paterno é Philippe Todd). Tem máquinas para picar palha e debulhar grãos. Tudo muito bem arranjado. Capanema escreveu que ontem fez às 6 horas da manhã frio de 2º e que havia um inglês que faz excelentes presuntos e canta bem. Infelizmente não apareceu no concerto. A noite passada pareceu-me menos fria, como esta manhã. O dia principiou muito úmido. O Capanema disse-me que há uma árvore chamada Carimbetê – talvez seja o nome que ouvi ao tenente Lavor <sup>42</sup>. 9 horas, almoço.

#### Partida para a Vila de Campo Largo

10 ¼, partida para Campo Largo. Excelente estrada. Araucárias em três lugares dispostas como na Volta Grande. Colônia Riviera de italianos que acudiram à estrada <sup>43</sup>. Muita outra gente também apareceu e aos alemães vindos a cavalo de Curitiba agregaram-se outros cavaleiros e carros em caminho. À entrada de Campo Largo, cuja posição corresponde ao nome, vi laranjeiras bem carregadas e belos pés de fumo, que dá bem no Paraná.

---

musical e sarau dançante, em que se demoraram, retirando-se à meia-noite, depois do chá. Esteve animada a reunião, a que compareceram cerca de duzentas senhoras e cavaleiros.

Pela terceira vez, iluminava-se completamente a cidade, notando-se a mesma animação e concorrência em todas as ruas." (Cf. *Dezenove de Dezembro*, 29 de maio de 1880).

**41.** Dom Pedro II apreciava bandas de música desde a meninice. Na corte era famosa a do Corpo de Permanentes, comandada por Caxias, em 1838. Seu chefe era o notável Arvelos.

**42.** Vide nota 22.

**43.** A colônia Rivière foi fundada em 1877 em terrenos situados à margem da estrada de Mato Grosso, a 16 km da capital. Contava 97 famílias, com 327 pessoas.

Em Campo Largo

Pouco afastado de Curitiba há o soque de mate de Ildefonso Correia, irmão do senador Correia, onde vi as máquinas inventadas pelo Camargo, que eu chamava *erva-mate*, quando ele trabalhava no arsenal de Marinha. Esteve depois nos Estados Unidos <sup>44</sup>.

Disse-me Ildefonso Correia que do mate vindo dos cultivadores só se aproveita metade para o mate de 1ª qualidade porque é mal preparado nos carijós em que os especam com o fogo. Também quebram os paus e misturam com os restos das folhas em pós, e assim obtém um mate de 2\$600 a arroba, quando o bom o vendem a 6\$000 e tanto. Esta indústria carece de muito melhoramento <sup>45</sup>. Em caminho passei por defronte do soque do Mariano Torres, a quem falei e que mostrou um cacho de pinheiro que tinha ainda 7 pinhas de 12 que tivera.

Entreí na casa de Campo Largo às 3 ¼ <sup>46</sup>. Jantar às 4 ½. Depois oração na igreja, de 1816. Aulas, uma das meninas e outra de meninos – não me agradaram. O clube literário onde começou uma biblioteca. Aí entreguei algumas cartas de alforria, cujo preço foi pago pela sociedade de emancipação, para que muito trabalhou fulano de tal Garrett, sobrinho do poeta <sup>47</sup>. Foi ele que pediu-me entregasse as cartas e pareceu-me homem inteligente. Conversei com os da casa, que pertence ao juiz de direito, filho do José Bento <sup>48</sup> – está com licença – e vou descansar.

---

**44.** Dr. Francisco de Camargo Pinto; distinto paranaense, inventor de máquinas agrárias. Agostinho Ermelino de Leão, em seu opulento *Dicionário do Paraná*, às páginas 678-9, a biografava.

**45.** Estas informações decorrem das perguntas que o imperador fez a Ildefonso Pereira Correia, cujos engenhos a vapor, denominados Tibagi e Iguaçu, visitou com sua comitiva. Na fábrica Tibagi foram instalados os primeiros inventos do *Erva-Mate*.

Ildefonso era irmão do conselheiro e senador Manuel Francisco Correia. Seria presidente da sua província e barão de Serro Azul, martirizado ignobilmente no quilômetro 65, a 20 de maio de 1894.

**46.** SS. MM. hospedaram-se na residência do capitão José Olinto de Mendes Sá, que para esse fim fora preparada.

**47.** Francisco Xavier de Almeida Garret, presidente da Sociedade Emancipadora, criada em Campo Largo e instalada naquela data. À sociedade enviou, depois, o imperador o donativo de um conto de réis.

**48.** Valfrido da Cunha Figueiredo, filho de José Bento da Cunha Figueiredo, visconde do Bom Conselho, ministro do Império.

mon escus de nome Firmian cupo dom. Lorenz di elle  
per dera curat o nome D'ella per qu' era deponitor - An  
casi d' un Emalande D'ogni

8<sup>h</sup> 25

Lorinda

*[Faint, mostly illegible handwritten text, possibly a signature or address, with some horizontal lines.]*



25 de maio (terça-feira) – Acordei à 5h. Não fez frio de noite, mas já geou aqui. A vila só tem quase uma rua de comércio. Disse-ram-me que as laranjas são azedas. Esqueci-me dizer que a 23, quando visitei a casa da Câmara de Curitiba, apareceu-me um francês mal vestido e que parece beberrão, o qual é tido por engenheiro hábil e disse-me que tem o curso da Escola Politécnica, embora respondesse-me que seu certificado caíra no fundo do mar e referisse que deixara a França por causa de dois duelos. Já tomei café e falou-me uma escrava de nome Firmiana cujo dono Soares, diz ela que dera errado o nome dela, e que está depositada na casa de um Ermelindo daqui. 8 horas e 25 minutos.

#### Serrinha

Nada de notável até Serrinha. A subida não é difícil. Do alto a vista, apesar de haver neblina em alguns vales, era belíssima, tanto do lado de Campo Largo como dos campos gerais. De cima de montanha xistosa fiz às pressas o contorno das montanhas que se descobrem ao longe de *Campo Largo*. Ao chegar ao alto, onde tomei café na casa de um Hermes de tal, passei por baixo de um arco de fetos e trepadeiras lindíssimo. Os campos parecem os do Rio Grande.

Almoço em São Luís, ponte dos Papagaios, boa obra cujas dimensões dos dois arcos de pedra de grés dura assentes sobre lajes do rio são consideráveis. Custara pouco mais de 36 contos <sup>49</sup>. Em São Luís é a separação das águas que vão à Ribeira das dos afluentes do Paraná.

Passei por Alegrete, antiga colônia russa – má terra de cultura. Deixei a estrada nova pela antiga para examinar o Capão de Anta, onde ainda há 11 famílias russas – muito má terra de cultura. Vi plantação de batatas e de milho. O capão não é longo

---

<sup>49</sup>. Os jornais da província e da corte realçaram o apreço do viajante pela ponte do rio Papagaios, mas nenhum disse quanto ela custara, informação essa que nos presta o imperador.

Foi executada na administração de Adolfo Lamenha Lins pelos engenheiros Tourinho e Wieland. (Cf. visconde de Taunay, in *Curiosidades naturais do Paraná e excursão no rio Iguaçu*. Separata da *Rev. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, 1890).

e bastante estreito. Disseram-me que foi Jesuíno Marcondes que vendeu esta propriedade de uma légua sobre duas ao Estado <sup>50</sup>.

A mais de uma e meia légua de Palmeira, grande número de cavaleiros e entre eles o padre Camargo, deputado provincial <sup>51</sup> com quem conversei durante a muda. É bem falante. Os cavaleiros foram fazendo como que fantasias árabes e dando vivas. Perto da vila mais cavaleiros. O acompanhamento era vistoso. Junto à vila e ao longe do lado direito no Puga <sup>52</sup> vi casas da colônia russa.

### Palmeira <sup>53</sup>

Cheguei à casa da mãe do Marcondes, a baronesa de Tibagi <sup>54</sup> às 4 ¼. Fica arredada da vila e perto de um riacho que tem queda. A casa é boa. Jantei às 5 horas. Conversa

**50.** Capão da Anta. Nada escapava à observação do imperador. A história do Capão da Anta era também contada de uma outra forma, conforme o partido político do narrador.

Certas áreas vendidas, além de julgadas caras para a época – pois valeriam a metade – eram péssimas para a agricultura. Sua aridez causou transtorno aos colonos russos que, então, se estabeleciam no Paraná.

O conservador Lamemha Lins, antigo inspetor oficial de terras e presidente da província, publicara artigos em que figuram Marcondes e sua família, entre os grandes vendedores de terras. O assunto é fartamente explorado pelo *O Mercantil*, jornal publicado em Curitiba.

**51.** Padre José Antônio de Camargo Araújo, foi 3º vice-presidente da província.

**52.** Pugas era outro núcleo de colonização russa, na Palmeira.

**53.** “Uma légua antes de Palmeira pararam Suas Majestades para serem mudados os animais do carro imperial, que foram substituídos por quatro bonitos cavalos brancos todos enfeitados com as cores nacionais, mandados pelo conselheiro Jesuíno Marcondes.

Mais de mil cavaleiros esperavam Suas Majestades neste lugar. Vieram de outras comarcas que não serão visitadas para acompanhar o séquito dos moradores da Palmeira e dos arredores. Um sei que fez 60 léguas de Palmas e fazia parte da comitiva.

O mesmo piquete de honra, que acompanhou a carruagem imperial em Curitiba, continuou a viagem até aqui e irá até Castro. Já fizeram 99 quilômetros, com 93 que têm de fazer e a cavalo é preciso serem muito dedicados à Monarquia.

À Palmeira chegaram Suas Majestades às 5 horas da tarde, com grande entusiasmo da população. Hospedaram-se em casa da baronesa de Tibagi, mãe do conselheiro Jesuíno. Uma banda de música percorreu à noite as ruas da vila que se iluminou.

É nos Campos Gerais que estão os mais ricos fazendeiros. Aqui na Palmeira residem importantes criadores e entre eles os que compõem a família do conselheiro Marcondes, ex-ministro da Agricultura.” J. Tinoco, *Gazetilha* do Jornal do Commercio, 05/06/1880.

**54.** O imperador mostrou-se grato a d. Querubina Rosa Marcondes de Sá pela acolhida na Palmeira. A fazendeira de Tibagi ascendeu às honras de viscondessa do mesmo título, por decreto de 31/08/1880, época em que o soberano testemunhou também a outros paranaenses o seu apreço à terra e à gente acolhedora da província.

depois. O engenheiro Tourinho <sup>55</sup> ficou de dar-me cópia do perfil da estrada que segui e nota das alturas. Com o ajudante dele Wieland <sup>56</sup> falei sobre diversos assuntos e sobretudo a respeito da viação da província. Chá às 9 horas e vou deitar-me. Amanhã escreverei mais.

26 de maio – Não dormi mal. A temperatura não foi fria, contudo disseram-me que já tem nevado aqui. O dr. Murici nas suas *Ligeiras Notícias*, etc. diz “que a culminância da Serrinha é de 1000m mais 100 do que a Serra do Mar e quase 200 que Curitiba. Os rios que regam os Campos Gerais são: Iguaçu, Ivaí em suas cabeceiras, Tibagi, Cinza e Itararé afluentes do Paranapanema que se lança no Paraná <sup>57</sup>. Além destes há o dos Papagaios, rico de diamantes, etc.

Espero logo o negociante Bernardo Pinto para falarmos do azougue <sup>58</sup> encontrado a 4 léguas daqui. Aulas. A de meninos num corredor da matriz, onde se acham os padrões métricos mal conservados até por ser o lugar úmido. A Câmara Municipal noutra corredor além do coro da matriz. A aula de meninas em casa pequena da professora, irmã do professor. Interroguei a um aluno e uma aluna, ambos bastante inteligentes, que mostraram saber doutrina religiosa como nenhum outro na província. Desconfiei logo e soube que o vigário, muito estimado, João Batista de Oliveira ensina doutrina na matriz.

---

**55.** Francisco Antônio Monteiro Tourinho (1837-1885), engenheiro militar fluminense, prestou inestimáveis serviços em São Paulo, Santa Catarina e Paraná, onde dirigiu a construção da estrada da Graciosa e estrada de Mato Grosso. Autor de inúmeros relatórios e estudos. Grande propugnador da viação pública da província e organizador do seu mapa mais completo; foi o formador de engenheiros, tendo sido seus auxiliares: Oscar von Mein, Simão Bjerke, Gottlob Wieland e outros. (Cf. Ermelino – Agostinho de Leão, *Dicionário do Paraná*).

**56.** Gottlob Wieland, notável engenheiro alemão, braço direito de Tourinho na construção da estrada da Graciosa. Autor de muitas construções importantes, inclusive a Catedral de Curitiba.

“Fazer elogio deste valioso auxiliar de todas as obras da estrada da Graciosa fora desmerecer o que dele tem dito os chefes mais competentes”, dizia Tourinho no seu relatório de 18 de janeiro de 1867, ao presidente da província, dr. José Feliciano Horta de Araújo, também publicado no relatório do Ministério da Agricultura de 1869.

**57.** O imperador citava Murici nas páginas 19, 20, 22 e 23 do seu opúsculo, hoje tão valioso. *Ligeiras notícias sobre a província do Paraná*, sobre o qual já nos referimos.

**58.** Ao imperador falavam em azougue e tudo fez ele para localizar as minas de mercúrio nativo. O dr. Pizarro foi um fracasso. Na Lapa, no entanto, vão dar a S. M. um frasco contendo o precioso metal, mas seria mesmo da mina do Paraná? (ver notas 10 e 89).

Ponte pequena mas bem feita sobre o *lajeado*, que forma a queda de água perto da casa, com pedras de grés como a ponte dos Papagaios. Disseram-me que a pedra é escolhida da mais dura.

Cadeia – casa de pau a pique e não tem livros. Bernardo Pinto disse-me que nada achara a respeito da existência da mina de azougue e apenas referiu-me o que já sabia. O dr. Pizarro que fica em Palmeira pretende ir ao lugar onde se achou mercúrio nativo.

Almoço depois de oração na matriz que não é pequena e feita por donativos. No passeio das 7 também vira o velho cemitério que carece de ser capinado. Acaba-se um novo, afastado da vila.

#### A caminho de Ponta Grossa

Demora de cavalos, de que já tem morrido e fraqueado alguns, apesar da marcha ser lenta e partida às 10 <sup>3</sup>/<sub>4</sub>. O caminho é lindíssimo. Campos onde se erguem capões de araucárias, de que há algumas de mais de 33 metros de altura e cortados de fitas de árvores e arbustos que indicam cursos de água. As nuvens, projetando sombras mais ou menos movediças sobre os campos e as colinas, aumentavam a beleza da paisagem.

Parada em casa do comendador Roseira que pareceu-me excelente velho. Ganhou a sua fortuna como condutor de tropas de gado, tendo sido um bom peão e em 1822 plantara trigo <sup>59</sup>. A terra também dá muito bem chá, segundo ouvi a Roseira e outros. A demora não foi grande nesta fazenda chamada do *Sutil*, a que se chega depois de passar numa ponte o *Caniu* ou *Candiu*. O caminho para diante ainda é mais pitoresco, sobretudo em dois lugares o alto de Santa Cruz sobre uma colina de onde se goza de extensa vista, havendo à esquerda ao longe um capão em forma de meia-lua muito bonito. No fundo do vale à direita, descobre-se a casa de uma fazenda que a dona deixou aos escravos que ela forrou em nome de 30 ou 40 com a condição de não venderem as terras e a ponte do Tibagi que parece uma lista prateada na campina. A ponte de madeira e cujas tábuas do estrado exigem reparação é longa por causa das enchentes.

---

59. Comendador Manuel Gonçalves de Moraes Roseira. Exerceu a vice-presidência da província. O imperador e sua comitiva, no dia 26, almoçaram na fazenda de Santa Cruz, do comendador, no caminho de Santa Rosa.

Molhei a mão direita na água do Tibagi e trago lembranças de suas margens <sup>60</sup> – alguns raminhos e branca e fina areia onde não acharei diamantes, apesar de dizer o dr. Murici – *escorre suas águas por cima deles*. A serenidade e iluminação do céu ao aproximar do ocaso contribuiu muitíssimo para a impressão causada pela paisagem. Durante a viagem só vi uma *codorna* levantar vôo, bandos de *chupins* que parecem *anus* <sup>61</sup> e nenhum veado que aliás aparece freqüentemente nos campos. Também voaram *curucacas* que pareceram-me aves de rapina de pescoço sem penas e gaviões ou carunchos. Na areia da margem do Tibagi vi rastro de uma grande anta. O rio é piscoso. O sol foi baixando, a orlar de luzes colinas e as araucárias agigantavam-se negras no meio do céu abrasado quando a bastante distância de Ponta Grossa vieram-me ao encontro numerosos cavaleiros, porém, não tantos como na Palmeira.

O terreno apresentou-se-me depois do Tibagi avermelhado, ou antes arroxeadado como o melhor de São Paulo para a cultura do café <sup>62</sup>.

#### Em Ponta Grossa

Por ser tardinha não vi Ponta Grossa, um dos pontos mais elevados dos Campos Gerais. Apresentou-se graciosa ao viajante desde a distância de 20 quilômetros. Era noite fechada quando entrei na vila, que não me pareceu pequena e cheguei à casa do major Domingos Ferreira <sup>63</sup>.

Antes do jantar conversei com duas senhoras de que uma sobrinha e afilhada do padre Camargo, da Palmeira, pareceu-me

---

**60.** Estes períodos são escritos com a estesia que d. Pedro II encerrava seu espírito. Na simplicidade destas linhas, vemo-lo tal como foi: encantado com sua terra!

“*Molhei a mão direita nas águas do Tibagi e trouxe lembranças de suas margens*”. Esta frase e o fragmento que se segue merecem figurar numa antologia em que se fale das belezas naturais do Paraná e da fascinação que elas têm proporcionado aos seus visitantes, em todos os tempos.

**61.** Pássaro preto, pequeno, muito comum.

**62.** Nessa observação evidencia-se o impertérrito senso do monarca comparando as terras cafeeiras de São Paulo com as do Paraná.

**63.** Major Domingos Ferreira Pinto, futuro barão de Guaraúna.

muito inteligente. Referiu-me diversos casos de pessoas de sua família que tem tido uma descendência numerosíssima <sup>64</sup>.

*27 de maio* (quinta-feira) – Às cinco horas levantei-me para escrever o diário de ontem. Às sete começo as visitas do dia.

Câmara Municipal – bom edifício de sobrado, cadeia em baixo. Pedi os livros da cadeia, mas não apareceram. Padrões métricos em melhor estado do que em outras partes <sup>65</sup>. Renda da limpeza 3 contos e tanto, vencimentos um conto e tanto. Goza-se no sobrado da Câmara de bela vista dos campos.

Clube literário que já tem bastantes livros, embora apertados no armário. Aulas – não gostei. Na de meninos até o decurião não soube fazer uma operação de dividir.

Voltei à casa e saí para a missa. A matriz é pequena. O decurião é o sacristão. O vigário Scarpetti de aparência de quem leva boa vida, dizem que tem ganho dinheiro negociando. Almoço. Dez horas visita às colônias.

*Uvaranas* – 76 famílias e agora por 11. Queimaram algumas casas – assim diz a informação manuscrita da secretaria que eu trouxe. Os colonos russos como os mais que habitam a casa da fazenda, e quase nada fazem. Falei com um colono de outra colônia, *Botuquera*, que muito se queixa do modo injusto porque os colonos foram tratados, sendo presos até os que não queriam ocupar os prazos. A terra não me pareceu boa. O colono que se queixou, considerando-se aliás feliz em Botuquera, é prusso. Os colonos não têm querido plantar gêneros do país em algumas das colônias.

*Taquari* – Perto quase se virou o carro e os carros caíram. O carro ficou nesse capão e eu segui a cavalo. Colônia de 65 famílias que ficaram. Bonitas plantações e colonos contentes com o seu padre protestante e escola. Trago algumas amostras do que aí se colhe. A cavalo, acompanhando o carro, até a casa do José Branco <sup>66</sup>, proprietário do soque e que pareceu-me inteligente

64. Afora os grandes problemas – as coisas da administração – vemos nestas linhas como o imperador também dispensa atenção às conversas interessantes das senhoras que o cercam. Pela segunda vez refere-se ao padre José Antônio de Camargo e Araújo, por quem nutriu admiração desde o momento em que o conheceu.

65. A lei de 28 de junho de 1862 ordenou que o sistema métrico começasse a vigorar a partir de 1º de janeiro de 1873, mas o decreto de 18 de setembro desse ano estabeleceu, definitivamente, a adoção do sistema legal a partir de 1º de janeiro de 1874.

66. José Joaquim Ferreira Branco.

e ativo <sup>67</sup>. Tomei aí café na volta da colônia *Tavares Bastos*. Branco seguiu-me de trole e eu cheguei a cavalo à cidade, ao lusco-fusco.

Lindo pôr-do-sol. Antes tinha ido a galope da casa de José Branco à colônia Tavares Bastos. De 50 famílias restam 32. Cultivam bem. Parecem contentes. Boa água de beber.

Em Taquari é preciso conduzi-la da baixada próxima. Trago amostras da colheita da colônia. Há 300 e tantos animais. Um colono já possui 15 cavalos <sup>68</sup>. Possuem carros para condução de gêneros. Penso que os colonos só poderão prosperar verdadeiramente cultivando gêneros cujo preço compense o frete que é muito elevado. Por isso agora dedicam-se em grande número a serviços que não são propriamente de lavoura e colhem principalmente para serviço doméstico e vender a outros colonos que nada colhem. Já vi em Taquari e Tavares Bastos bastante mandioca. Lembrei a amoreira e criação de bicho da seda, a oliveira – parece que dão bem – o chá que dá bem – já plantam fumo. Notei que ainda não aproveitassem casas de colonos abandonadas – a madeira podia ser dada aos colonos para seus misteres – e não estejam divididos os lotes dos colonos uns dos outros – apenas há cercados perto das casas.

A colonização russa, pelo que tenho visto e ouvido, foi estabelecida; más terras junto à Palmeira e faltou-lhe boa direção. A fazenda de Botuquera é demasiada para todos os colonos russos que vieram ao Paraná e de que a maior parte se ausentou e contudo comprou-a o Estado por 128 contos ao proprietário <sup>69</sup>.

---

**67.** Não escapam ao imperador as mais judiciosas observações, justamente aquelas que devem ser o apanágio de um zeloso administrador.

**68.** "Ali foi admirado um lindo cavalo de raça que é destinado para pastor. Outro bonito animal também de raça, pertencente ao negociante deste lugar José Pedro da Silva Carvalho. Vai-se desenvolvendo aqui o gosto dos fazendeiros pelos animais de raça. Na capital há dois cavalos de puro sangue, propriedade do coronel Antônio Ricardo e uma égua, meio-sangue, pertencente ao major Luís Manuel Agner. Enfim de toda a província já se contam com cerca de 40 cavalos de raça". (J. Tinoco, *Gazetilha* do Jornal do Commercio, 08/06/1880).

**69.** A fazenda da Botuquera foi vendida ao Estado por João Mariano Ferreira Ribas. Era uma área de 25.706.828 braças quadradas, \$005 (cinco réis) a braça, ou seja 128: 534\$140 (Cf. *Relatório apresentado ao Ilmo. e Ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Manuel Pinto de Sousa Dantas Filho, pelo primeiro vice-presidente sr. conselheiro Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá, por ocasião de passar-lhe a administração da província do Paraná, no dia 23 de abril de 1879*). Marcondes havia recebido o governo da província em 31 de março, do dr. Rodrigo Otávio de Oliveira Meneses e passou-o a Dantas em 23 de abril, tendo tido, portanto, 23 dias de administração.

*Capão da Anta* – era de Hipólito de Araújo, genro de Jesuíno Marcondes – que a recebera de um devedor ao preço de 18 contos, vendendo-a ao Estado por 96 <sup>70</sup>. Jantei cerca das 6h ½, e depois conversei – com a interrupção do chá às 9h até 10 ½. Botuquera foi comprada ao tio do presidente da Câmara Municipal, Lustosa Ribas <sup>71</sup>.

Hoje vi uma codorna levantar-se da macega. Apareceram chopins que são muito graciosos com seu topetezinho e cauda direita, todos negros.

Procurou-me um Ildefonso Soares, de Guarapuava, o qual disse que os correntinos estabeleceram-se em ervais em território nosso a 30 e tantas léguas de Guarapuava.

Também aqui há teatro começado e foi-me apresentado o que agenciara os meios e se encarregara dessa empresa, a quem disse que embora louvasse todo e qualquer trabalho útil, estimaria antes que houvessem cuidado de construir casa para as aulas. Há fonte na cidade, a água é boa. O José Branco deu-me vinho de laranja, feito em sua chácara. Não gostei. Pareceu-me ter gosto resinoso como os vinhos da Grécia.

#### A caminho de Castro

*Dia 28 de maio* – Almoço às seis e meia. Partida às sete <sup>72</sup>. O caminho, quando se entra na parte de alguma vegetação é bonito. O cão que nos acompanha desde Curitiba levantou três perdizes. O major Agner deu à imperatriz duas flores muito bonitas do campo. A aproximação de Castro agradou-me. Colinas com árvores e algumas bonitas, grande açude que dá água para mover uma serraria ao lado da estrada. Esta, desde Ponta Grossa atravessa diversos lajeados – alguns pitorescos – e a ponte do rio

<sup>70</sup>. Jesuíno Marcondes e Hipólito Alves de Araújo foram vendedores do Capão da Anta ao governo. Medida 4.780.262 braças quadradas, vendidas a sete réis e meio a braça, resultando em 97:053\$637.

<sup>71</sup>. João Batista Lustosa Ribas.

<sup>72</sup>. Informa Tinoco no *Jornal do Commercio* de 30/05/1880 que SS. MM. fizeram a excursão de Ponta Grossa a Castro, de 7 léguas, numa grande berlinda verde-escuro, com frisos amarelos, pesando 46 arrobas, tirada por 4 cavalos, cedida pela baronesa de Tibagi, fazendo-se a viagem sem mudas.

Dizia Tinoco que o gado eqüino do Paraná era muito forte e valente para viagens.

Pitangui, onde se lê à entrada: *Plano do engenheiro Therésio* 1877  
73. As margens do Pitangui são orladas de árvores.

Na cidade de Castro

Chegada à uma hora. Casa do juiz de direito Vasconcelos 74 – onde está a livraria pública, mas cujos livros se lêem fora, por pedido escrito. Tem já boas obras. Conversei com o francês José Bailly que parece conhecedor de agricultura. Ofereceu-me uma bandeira cuja haste, etc. é formada dos produtos vegetais de sua plantação e da província. Centeio, cevada, trigo, aveia, vinha, batata, etc. Deu-me duas garrafas de vinho feito por ele com dois cachos de uva americana. Talvez Bailly seja aproveitável, mandei-o ao ministro.

O vigário é italiano 75. Já aqui achei banda de música bem como a havia em Campo Largo, Palmeira e Ponta Grossa. Um Firmiano deu-me algumas velas de cera muito bem feitas. Cria abelhas.

29 de maio (sábado) – Cinco horas. Acordei. Vou continuar o diário de ontem. Às três jantar. Igreja que se repara, antiga matriz, grande e ficará muito decente. Igreja onde está agora o Sacramento – pequena, porém decente.

Câmara Municipal, sobrado com a cadeia em baixo. Não é má. Os livros da cadeia não estão em regra. Padrões métricos, quase como os dos outros municípios. Rende 3 e 4 contos, 800\$000 de ordenados. Passeio até o rio Iapó, afluente do Tibagi. Ponte longa de madeira, em mau estado e é caminho de São Paulo. Bonita vista da ponte para ambos os lados, e do alto do além. O rio com a cheia cobriu uma das margens, ficando um cercado dentro d'água. O rio é piscoso e ao jantar serviram o *taba-*

73. Francisco Terésio Porto, nascido na Vila Nova do Príncipe (Lapa). Formado em engenharia no Rio de Janeiro, em 1875, regressou à província sendo nomeado engenheiro das Obras Públicas, cargo em que se houve com competência. Diretor da colonização russa, deputado à Assembléia Provincial, escritor e jornalista, segundo informa Ermelino de Leão em seu *Dicionário*.

74. Em Castro, ficou o imperador hospedado na residência do doutor Manuel da Cunha Lopes Vasconcelos, juiz de direito.

75. Pedro Brás Magaldi a quem a imperatriz prometeu um paramento completo para os ofícios da Semana Santa.

*rana* <sup>76</sup>. A Câmara proibiu certos meios de pescar e vedou-o nos meses de outubro, novembro, dezembro e janeiro.

Conversei no passeio com Manuel Inácio do Canto e Silva, que disse-me ter dividido as fazendas entre os filhos e possuírem todos de 7 a 8.000 reses. Murici fala de 12.000. Pareceu-me pelo que ouvi a diversos que não cuidam muito de melhorar a criação. Canto e Silva atribuiu a diminuição do gado a fazer mais conta alugar os pastos aos criadores de mulas de São Paulo.

No passeio, entrei no jardim onde vi uma bela figueira do antigo vigário Damaso <sup>77</sup>, primo do senador Correia, que foi atacado de paralisia. Numa casa térrea junto ao jardim habitou o bispo dom Mateus. À volta, conversei sobretudo com a viúva Ericson <sup>78</sup>, irmã da marquesa de São Vicente e mãe do juiz municipal Haroldo e juiz de direito Conrado. Uma filha é casada com o juiz municipal daqui, fulano Blees, filho de colono <sup>79</sup>. É senhora inteligente, e que esteve na Europa com o marido dinamarquês. Residiam em Santos quando lá estive em 1846. Nasceu em Mato Grosso e seu irmão foi o tenente-coronel Faria e Albuquerque. É professora de aula pública de meninas.

---

**76.** Tabarana, peixe do rio Iapó.

**77.** Dâmaso José Correia, vigário colado da paróquia de Castro. Em 1858, o vemos comunicando à Inspetoria de Terras os nomes de personagens que, tendo terras possuídas na sua paróquia, não as haviam registrado no prazo marcado pela lei, devendo, por isso, ser multados. Eram Tristão Cardoso de Meneses, dono das terras em Jaguariaiva, obtidas por herança, e o barão de Antonina, residente em São Paulo, que registrara várias terras, exceto a fazenda dos Pinheiros, obtida por compra (cf. livro *Três Portarias do Governo*, no Arquivo Nacional, Rio).

**78.** Dona Emília de Faria Ericksen, irmã da marquesa de São Vicente, era filha de Manuel José de Faria e Albuquerque e de dona Mariana de Faria e Albuquerque; casou-se em 1841 com o dinamarquês Conrado Ericksen, indo em 1856 para o Paraná, onde seu esposo obteve colocação na colônia Assungui, fixando residência em Castro onde desde 04/01/1855 ensinava num colégio, por nomeação do governo provincial. Em 1862 perdeu seu marido. Foram seus filhos, o desembargador Conrado Caetano Ericksen, doutor Arnaldo Manuel Ericksen, Maria Ericksen.

O imperador conhecia dona Emília da cidade de Santos, por onde passara em 1846, vindo de sua primeira viagem ao Rio Grande do Sul.

**79.** Dr. Antônio Bley, genro de dona Emília Faria Ericksen, casou sua filha Balbina não deixando descendência. Era filho de Nicolau Bley, luxemburguês, tendo ido para o Rio Negro na primeira leva de colonos mandados por intermédio do barão de Antonina. Nicolau teve longa existência, deixando grande prole de prestantes brasileiros ainda domiciliada, principalmente em Rio Negro e Mafra.

Conhecemos os Bley por intermédio das interessantes notícias publicadas na magnífica obra comemorativa do centenário da colonização alemã do Rio Negro e Mafra, publicada em 1929, com excelente colaboração histórica de Ermelino Agostinho de Leão, Francisco de Paula Negrão e Djalma Forjaz.

Às 7 horas estava na aula noturna de adultos. O mais velho tem 60 anos e o mais moço 13 anos. Notei que o professor que também o é da diurna de meninos não tinha já ensinado o indispensável da doutrina religiosa. O que interroguei somente sabia ler mal e somar assim como recitar muito mal o Credo e o Padre Nosso. Não tinha escrita na aula. Animei o inspetor juiz de direito Vasconcelos a agenciar subscrição para a casa de aulas. Ouvi-lhe dizer que são duas as bandas de música da cidade.

As ruas são largas e direitas as que correm ao comprimento da colina. Durante meu trajeto de Ponta Grossa até cá, li o relatório de Tefé sobre o porto de Antonina <sup>80</sup>, que encerra bastantes idéias dignas de estudo. Disseram-me que cai bastante geada aqui mas o dia de ontem só teve manhã fresca. O presidente informou-me bem do Bailly <sup>81</sup>. Esquecia-me de dizer que ao aproximar da cidade vieram três grupos de cavaleiros em diversos pontos a meu encontro e a cavalgada sobre as colinas produzia bonito efeito.

*30 de maio (domingo)* – Às sete horas de ontem fui à propriedade do Bailly que veio com outros encontrar-me ao caminho que é mau nalguns lugares. Mostrou-me a aveia que colheu, e a plantada está bem verdinha. Possui vacas e cento e tantos carneiros. Disse-me que são necessários 150 para estrumarem um are. Quer vender a terra. Faz selas. Tem três filhos.

Vi uma mulher de papo e outras pessoas de papo tenho encontrado na província. Aulas. Dona Emília Ericson parece-me

**80.** Muitas e ponderáveis razões militaram no sentido de que a estrada de ferro partisse de Antonina. O imperador, pelas discussões no Instituto Politécnico, tinha esta idéia, que se desvaneceu em definitivo no dia 5 de julho, das 9 às 12 horas quando, devidamente acompanhado e tendo em mãos as plantas de Mouchez e de Tefé, pôde observar pormenores e ter indicações positivas sobre a inferioridade do porto de Antonina em relação ao de Paranaguá. De qualquer forma, Antonina não ficou prejudicada com o ramal da mesma estrada, indo de Morretes para lá (vide nota 111).

A escolha de uma das cidades apaixonou mais na corte do que no Paraná, principalmente no período compreendido entre 1874 e fins de 1878.

André Rebouças, em artigos no *Jornal do Commercio* – posteriormente reunidos em raro opúsculo – defendia o projeto Antonina-Curitiba, de autoria de seu mano, Antônio Pereira Rebouças Filho, que tão assinalados serviços prestara à província. Além do mais, ele era falecido e, se executando o projeto, sua família seria beneficiada. O barão de Tefé, ardoroso defensor do projeto de Rebouças, o admitia, fazendo-se no porto de Antonina dragagens. O imperador não tinha partidos mas formava entre os amigos de Rebouças. Foi o desempatador da questão. E um banquete atrasado coroou definitivamente a vitória de Paranaguá...

**81.** É o colono José Bailly, dos vinhos, cuja casa o imperador foi visitar no dia 29, pela manhã.

muito boa professora, contudo não explicara ainda a doutrina às meninas. O netinho dela leu bem, para o que estava preparado aliás, apesar de muito vivo. Os meninos mostraram pouco adiantamento; um contudo resolveu um problema de juros simples.

De retorno à Ponta Grossa

Partida às 10 horas. Choveu no caminho. Acompanharam-me muitos cavaleiros. Avistei Ponta Grossa de muito longe. A posição desta é bonita. A *cascata do Niágara* é um pequeno hotel. Muitos cavaleiros ao aproximar-me de Ponta Grossa, aonde cheguei às 4 ¼. Jantar às cinco. Depois conversei. Deram-me um ramo de belas castanhas e outro de algodoeiro. Ambas as plantas podem prosperar aqui. Nas conversas com esta gente conhece-se quanto são em geral rotineiros. O chopim que vi aqui em gaiola parece-me um vira-bosta. O de topete chamam *viúva*. Senti ver os campos tão faltos de animais de todo o gênero. Que belas peles de imensa onça preta e rabudo tamanduá se vêem nesta casa <sup>82</sup>! Creio que se fará também aqui edifício para as escolas.

31 de maio – Cinco horas da manhã. Ontem às 7 ½ fui à Câmara Municipal de Ponta Grossa para gozar da vista pensando que não houvesse neblina, porém, apesar de demorar-me aí conversando com o presidente da Câmara <sup>83</sup>, nada pude ver. A cadeia só tem livro de visitas e o suplente de delegado apenas alegou falta de carcereiro que só agora fora nomeado porque ninguém queria servir sem ordenado. Admira que este não tenha sido marcado há muito tempo. Depois, fui ver o mercado – casa pequena – e onde achei poucos gêneros – a carne boa – e ao cercado que serve para matar um boi por dia. Missa e almoço. Num dia anterior deu-me um *cuvu* <sup>84</sup> de pau, curioso pela forma, o capitão Azevedo, do segundo regimento, que me tem acompanhado desde Curitiba. Também trago um belo cará de terra que deu-me o major Domingos Ferreira Pinto.

**82.** Era casa do major Domingos Ferreira Pinto, futuro barão de Guaraúna por decreto de 31/08/1880.

**83.** Augusto Lustosa de Andrade Ribas.

**84.** Aparelho de pescaria destinado aos lugares rasos e lodosos dos rios e lagoas; o mesmo que juquiá.

Continua o retorno em demanda à Palmeira

Partida às dez e um quarto. Bastante calor. Cavaleiros nas proximidades de Palmeira aonde cheguei às quatro horas. Conversei com diversos. Um francês foi-me apresentado como tendo próspera cultura nas vizinhanças. Jantar às 5 ½. Conversa com o major Marcondes que estava no Campo Erê e até o de São Pedro, que ele denominou no ministério de Manuel Felizardo e no de Jesuíno Marcondes <sup>85</sup>. Pelas informações colhidas em relação também à atualidade, parece que os correntinos não se estabeleceram para cá de nossa divisa do Santo Antônio e Peperi-Guassu. Um homem deu-me ao chegar uma garrafinha com azougue do lado da Lapa. O dr. Pizarro não foi lá como pretendia e acha-se mais atacado de sua moléstia que muito tem de imaginária <sup>86</sup>. Achei diários do Rio até 25 e distribuí-os para facilitar a leitura. Antes de dormir só pude até 11 e tanto ler alguns *Jornais do Comércio*.

Em visita à cidade de Lapa

*1 de junho* – Quis sair às seis horas da manhã de ontem de Palmeira, mas só estava tudo pronto às 6 ¾ <sup>87</sup>. O caminho é mais descampado do que os outros.

---

**85.** O major Manuel Marcondes de Sá dirigia o núcleo colonial do Lago, no município de Palmeira, conforme se lê no relatório do dr. Rodrigo Otávio de Oliveira Meneses, passando a administração da província ao primeiro vice-presidente conselheiro Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá, no dia 31/03/1879.

**86.** O imperador, pelo comentário que faz, dá a entender que percebeu a evasiva do doutor Pizarro! (ver notas 10 e 61).

“Sua Majestade pretendia ver a mina de azougue, situada no município de Palmeira e pertencente a Manuel de Assis Drumond e Bernardo Pinto de Oliveira. Por falta de tempo não foi possível, sendo o dr. Pizarro encarregado de examiná-la. Na volta de Ponta Grossa o dr. Bernardo de Oliveira ofereceu a Sua Majestade um vidro contendo azougue, tirado da referida mina”. J. Tinoco, *Gazetilha do Jornal do Commercio*, 30/05/1880.

**87.** “Suas Majestades partiram de Palmeira às 6 ½ horas da manhã, com destino a esta cidade da Lapa. Feitas 3 léguas de viagem pela estrada central, que é magnífica, começou o séquito a embrenhar-se numa estrada que não mereceu como as outras, os cuidados das obras públicas. Não tem caldeirões nem precipícios, mas dá solavancos que afinal abatem as forças do mais intrépido viajante.

Não é estrada feita como a de Mato Grosso, mas compõe-se de quatro ou cinco trilhos com altos e baixos e que só dão passagem a cavaleiros e tropas. Foi um

11h 20. Ponte do Iguaçu. O rio corre por entre pedras formando diversas quedas. As pedras apresentam grande painéis e recortes feitos pelas águas. Longa ponte sobre pilares de pedra. O do centro teve de ser aumentado em altura por causa das cheias que já levaram o estrado da ponte. A uma hora para baixo é o Iguaçu navegável até o Porto União. Colhi ramos aí numas pedras que beiram as águas barulhentas. Segui à uma hora.

---

tormento esta viagem: os que iam dentro dos carros acotovelavam-se a cada instante e os da boléia andavam verdadeiramente aos boleios.

Cavalos houve que, tendo feito toda a viagem aos Campos Gerais 70 léguas, ainda vieram até a Lapa, isto é, mais 9 léguas.

Também já morreram nove cavalos, pertencentes a vários donos, e depois desta última viagem não sei o que terá havido. É um verdadeiro *tour de force* esta excursão ao Paraná!

Só conheço um homem capaz de resistir a estas evoluções: é o imperador!

A comitiva está em sua maior parte exausta. Só os representantes dos jornais da corte não deram por ora parte de fracos; mas se a viagem durasse mais um mês, pela minha parte pedia dispensa da honrosa incumbência de que me encarregaram. Isto é voar, não andar!

Ainda para coroar esta viagem de verdadeiro *Yankee*, o carro de Suas Majestades adiantou-se, como sempre, e assim puderam os augustos viajantes chegar à Lapa ao lusco-fusco, acompanhados tão somente pelo conselheiro Buarque, presidente da província, drs. Alves de Araújo, Pizarro e comendador Francisco Antônio Gonçalves. O visconde de Tamandaré, conselheiro Andrade Pinto e os três representantes dos jornais da corte, tiveram a infelicidade de perder-se nos campos logo ao escurecer. Começou aí o verdadeiro martírio. Gritos de socorro, apitos, luzes, nada foi ouvido nem visto.

À proporção que se adiantava a noite, aumentava a aflição. Imagine-se um paquete navegando em alto-mar e tendo o comandante perdido a bússola e todos os aparelhos que servem de guia. Era essa a nossa situação.

Pouco depois de 7 horas da noite, não aparecendo na Lapa nenhum dos que faltavam na comitiva, começaram a partir portadores em número superior a dez. Chuva, uma escuridão medonha, falta de conhecimento dos caminhos, tudo impedia a nossa chegada.

Sentiamo-nos imensamente pequenos daquela enormidade de campos. De vez em quando aparecia uma luz no alto de uma colina, repetiam-se gritos dados por cada um de nós e pelos criados. Não eram ouvidos. Desaparecia: reaparecia outra, sempre as mesmas aflições.

Subitamente desapareceram os cocheiros dos nossos carros; indagando o motivo soubemos que tinham corrido em socorro do companheiro que guiava o carro da bagagem, que caíra em um barranco. Então apareceu um dos colonos enviados em busca da comitiva, empunhando uma boa lanterna. Sem cocheiros, que fazer? Substituíram-nos os repórteres, que foram dirigidos pelo bom guia, cujo nome não nos lembramos indagar, e chegando à cidade às 9 ½ da noite.

Quatro horas andamos perdidos! E como chegamos! Molhados e enlameados de alto a baixo. Até meia-noite não houve notícia da carroça das bagagens nem dos cocheiros que tinham abandonados seus postos.

Da recepção de Suas Majestades na Lapa, nada posso dizer porque à hora que chegamos tudo estava acabado". (Cf. J. Tinoco, *Gazetilha* do Jornal do Commercio de 31/05/1880).

Passei pela colônia de Johannisdorf <sup>88</sup>. Antes tinham vindo ao encontro talvez 1.000 cavaleiros. Muitas cruzes no caminho indicam assim como outras que já vi, lugares de mortes. Uma das de ontem marca o ponto de um homicídio para roubar 300\$000, sucedido há 20 anos. Os cavalos atrasaram minha chegada à Lapa pouco depois de 6. Estou em casa do sogro de Manuel Alves de Araújo <sup>89</sup>.

Tamandaré e Andrade Pinto deram-nos cuidado porque só chegaram por causa dos animais e a noite com chuva às 9 horas. Jantei e pouco falei ainda depois. Li bastante dos *Diários Oficiais* durante o caminho. Às seis e meia (são 5 horas e 35 da manhã) vou fazer as visitas habituais na povoação e pretendo partir às 8 ½. Choveu toda noite. Apresentaram-me ontem ao chegar um velho alemão que veio para o Brasil em 1825 onde serviu no exército. Tinha feito a campanha da Rússia com Napoleão e assistido à batalha de Waterloo.

Seis e meia. Casa da Câmara – boa e os padrões bem conservados devido muito ao secretário Pedro Fortunato de Sousa Magalhães, português de nascimento que veio para o Brasil em 1836. A cadeia no andar térreo é boa; livros de assentos e de óbitos. Aulas acanhadas. Na de meninas uma destas me respondeu bem. O mesmo não sucedeu na de meninos – há duas – que visitei, regida pelo filho do secretário da Câmara – aliás bom professor. Agência do correio em casa do secretário da Câmara, que é o agente e tudo tem em boa ordem. Perto da cidade há uma montanha de camadas xistosas onde existe uma lapa. Capanema esteve aí. Oito horas. Oração na matriz que é pequena. O vigário pareceu-me um pouco apatetado.

---

**88.** Johanisdorff era núcleo da colônia Wirmond no município da Lapa. Dividido em 30 lotes de campos e matos, construíram-se 21 casas para igual número de famílias, que antes de tentarem qualquer cultura, retiraram-se. Posteriormente, regressaram da marinha 20 famílias, não das que já haviam feito parte desse núcleo como de outros. Estas famílias, que em 1880 ainda se achavam estabelecidas lá, tinham-se aplicado à agricultura com proveito, pois suas plantações apresentavam excelentes aspectos, apesar da seca reinante. Achava-se completamente arruinada a casa existente nesse núcleo (cf. Relatório do presidente Sousa Dantas à Assembléia Provincial, em 19 de fevereiro de 1880).

**89.** O futuro barão dos Campos Gerais, Davi dos Santos Pacheco, abastado fazendeiro. Sua filha, dona Maria Coleta Santos Araújo era casada com Manuel Alves de Araújo, futuro ministro da Agricultura.

Longa e bela viagem de volta da Lapa para Curitiba

Partida da Lapa às 8 ½<sup>90</sup>. Chuviscos. Vista bonita da Lapa ao longe. Onze horas. Colônia Marienthal<sup>91</sup>. Os colonos estão contentes. Plantações maiores no terreno de mato. Casa grande demais. A compra foi feita a Pacheco, irmão do sogro de Manuel Alves de Araújo. Almoço e segui à uma hora.

2 de junho – (Escrevo às 7 horas da manhã de 2). O caminho é mais arborizado. Lugar chamado Largo das Almas, com um círculo de árvores muito bonito. Colina arredondada, coroada de pinheiros. Ao pôr-do-sol pareciam acesos esses candelabros gigantes e depois as estrelas pousavam sobre eles como pirilampos. Passagem do Iguaçu em comprida ponte de madeira, seguindo-se pontilhões sem guarda. O rio é mais largo que no lugar onde passei indo para a Lapa, contudo mal o vi por causa da noite.

Povoação de Tendicuera, perto do monte coroa de pinheiros. Já vieram cavaleiros a meu encontro. O Buarque disse-me em Tendicuera que o engenheiro informara que era péssimo o caminho e lhe parecia prudente não continuar, mas eu que já conheço como se procuram eximir a incômodos e estrago de animais julguei que se devia seguir com cuidado<sup>92</sup>. O caminho estava muito melhor do que o do dia e chegamos sem novidade, mas com muito

---

**90.** “S. M. o Imperador deixou na Lapa 500\$ para a casa da escola primária, que se construir e 300\$ para escolas.

Às 9 horas seguiram viagem para Curitiba. A estrada é em alguns lugares boa, devido ao construtor Valter Joslin, que ainda trabalha nela, tendo já aprontado uma extensa ponte sobre o rio Iguaçu.

Suas Majestades não quiseram pousar na freguesia de Iguaçu, preferindo continuar viagem até Curitiba, onde chegaram às duas horas da madrugada, viajando, portanto, 17 horas seguidas. Uma légua antes da cidade várias pessoas trazendo archotes foram ao encontro de Suas Majestades”. (Cf. J. Tinoco, *Gazetilha* do Jornal do Commercio de 01/06/1880).

**91.** Segundo o relatório de Sousa Dantas existiam na colônia Marienthal (Lapa) 21 famílias. Suas grandes matas estavam sendo aproveitadas para plantações. Tinha campo suficiente para que os colonos pudessem criar gado. Dos núcleos desse distrito, esse era o mais animador. Em boa casa de sobrado que ali havia, moravam algumas famílias que reservavam parte dela para celebração de ofícios religiosos. Os colonos estavam construindo suas residências.

**92.** Não realizaria coisa alguma o imperador se não fosse sua tenacidade; julgou que se devia seguir “com cuidado”, chegando sem novidade. O repórter da *Gazeta de Notícias*, Matoso, o dr. Pizarro, o ministro Buarque eram os que mais pavor tiveram da viagem. O Tinoco, do *Jornal do Commercio*, também às vezes prometia desanimar, sobretudo quando se viu no mato, perdido de volta para Lapa.

mais cavaleiros de archotes e no meio de foguetório a Curitiba depois de 1h ½ da madrugada.

Comi um pouco, tomando também chá e dormi depois de duas horas.

Depois de Tendicuera atravessei terrenos com casas da colônia *Tomás Coelho* que disseram-me próspera. Pouco para cá da Lapa o aspecto do terreno muda muito e observei matos de pinheiros, formando as copas degraus de imensa escadaria. Logo que o céu estrelou fui observando as constelações e isolei-me em minhas lembranças. Junto ao *Largo das Almas* virou-se um dos carros pisando-se o cocheiro. Era preciso ser excelente cocheiro como o meu para andar em tal caminho que em muitos trechos foi bem feito.

Aproveitou-se na maior parte o da natureza.

Na Lapa também começaram teatro de que felizmente aproveitaram parte para pequena livraria pública que dá livros a quem os pede para ler. Lembrei que utilizassem o teatro para casa de aulas. A cidade tem ruas calçadas – algumas sofrivelmente – e durante certo tempo floresceu. Casa de mercado que informou-me o juiz de direito Conrado Ericson ser pequena e alugada. Não tem matadouro. Matam 1 a 2 reses por dia no campo, creio eu.

#### Novamente em Curitiba

*3 de junho* (quinta-feira) – Ontem acordei às seis horas e vinte minutos. 9 horas, almoço. 11h, colégio de uma inglesa de Niwak e outro onde se ensina a ler pelo método de João de Deus. Todos particulares<sup>91</sup>. Neste último vi um menino de 8 anos, Leão Praxedes de Borba, que, disse-me o professor ter aprendido a ler em 12 lições. Faz já contas de multiplicar e escreve números com facilidade. É filho do tabelião<sup>94</sup>. Nestes colégios há internos – em pequeno número.

Uma hora e tanto, sítio do Capanema. Vi bem todas as plantações. Terreno em que deitou cinza numa parte e noutra não, tendo semeado ambas de centeio. Na que levou cinza somente vê-se o centeio nascido com bastante viço e na outra nada. Mos-

<sup>93</sup>. Eram os colégios de miss Bessie Braund, João José Rodrigues Vieira e Nivaldo Teixeira Braga.

<sup>94</sup>. Nestor Augusto Morocinas Borba, 2º tabelião da capital.

trou-me as ervas que estragam – sobretudo o *mata-pasto* – as pastagens. Entre estas a carqueja tem 5% por ácido fosfórico e 21% de cal. Capanema entende que se deve embaraçar a saída dos ossos dos animais – até exportamos para a França – porque é a única origem de fosfato para os campos do Paraná.

Vi o terreno preparado para o ensaio da semente de mate que floresce desde outubro e tem semente madura em janeiro. Pensam que a semente do mate só germina depois de excretada pelos pássaros, o que consta fazerem os índios por ordem dos jesuítas. Dizem que também germina depois de estar em infusão em água quente – parece que é necessário que se destaque uma película.

Quatro horas. Jantar. 5 ¼ – Fui colocar a mais de 2 quilômetros a pedra da penitenciária, segundo risco das da Bélgica. O terreno foi dado ou agenciado pela Câmara. Tudo modesta e convenientemente arranjado para a cerimônia. Senti que já fosse noite. Vieram visitar. Os requerimentos têm chovido.

Oito horas e meia. Quadros vivos de *Canto do Sino* de Schiller e de *Moriamur pro rege nostro Maria Theresia*<sup>95</sup>. Agradaram-me sobretudo o do siá *Concórdia* já pronto.

A sala de baile também, que ia começar quando saí, é grande e boa. Daí fui ao baile do museu, cujo salão arranjou-se de modo que parecia maior. Este melhor que o outro. Retirei-me à meia-noite e um quarto.

Li os diários do Rio, até 28 de maio. Li o último e dormi depois das 2.

Antes de ir ao Capanema, visitei o escritório da empresa da estrada de ferro, onde tomei informações relativas à obra de Ferracci e Curiberti. Os desenhos deste pareceram-me muito bem feitos. Estudam a melhor passagem da Serra. Há quatro possíveis: *Itupava*, *Embaque*, *Caiquaba* e *Arraial* de norte para o sul. Vou ver ainda requerimentos e às sete sigo para Morretes<sup>96</sup>.

---

**95.** A Sociedade Heimat, dramática, dançante e de leitura, presidida por Adolfo Lindemann, formada de teutos e brasileiros ofereceu ao imperador uma representação de quadros vivos, no salão de Gustavo Augusto Messing, fabricante de cerveja. O imperador gostou do espetáculo.

**96.** “Sua Majestade o Imperador deixou em Curitiba 500\$ para liberdades, 480\$ para uma bomba de incêndio e 300\$ para esmolas.

Às 7 horas partiram Suas Majestades com destino a Morretes. A estrada da Graciosa, na maior parte, está má por causa das últimas chuvas. Do povoado de São João da Graciosa a Morretes, segue-se por uma estrada que em nada é inferior à da União e Indústria.

De retorno à Marinha

*4 de junho* – Só parti ontem às 7h e 20 minutos, depois de almoçar. Cavaleiros acompanharam-me até certa distância. A serra foi descida muito depressa. Chovia um pouco e não pude quase gozar da bela vista. Cheguei à uma hora e tanto a São João da Graciosa. A estrada daí até cá é excelente. Atravessei Porto de Cima, onde havia arranjos para receberem-me, sem aí parar porque não estava prevenido disso <sup>97</sup>.

A ponte sobre o Nhudiaquara, que passei é de madeira, porém pareceu-me bela. As nuvens não me deixaram admirar as montanhas ao lado da estrada e sobretudo o *Marumbi* que tem 1.700 metros de altura. Cheguei a Morretes pouco depois de cinco horas.

A estrada é bordada de casas e plantações. Vi cafezeiros e pequenos canaviais. Muita gente à entrada de Morretes e grande entusiasmo de todos, principalmente, dos italianos das colônias com as suas bandeiras.

Estou em casa de Joaquim de tal, genro de José Miró <sup>98</sup>. Conversei bastante com este que pareceu-me inteligente e dotado de muito bom senso. Pensa como eu a respeito do que se fez a respeito da colonização russa. Disse-me que escrevera ao presidente Rodrigo Otávio as seguintes palavras – “Se v. ex.<sup>a</sup> entrega o negócio à estupidez da gente política da localidade está tudo perdido”. Referiu-me que chegou a ter carneiros do valor de um conto, mas que esse ensaio era temporão para a província. A casa achava-se na margem do Nhundiaquara, que até Barreiros só é navegável por canoas. Inunda. Em 1846 Miró foi obrigado a refugiar-se na igreja. Miró disse-me que possuía bons animais em sua

---

Suas Majestades chegaram a Morretes à tarde, sendo recebidos com entusiasmo pela população e hospedaram-se em casa dos srs. José Miró de Freitas e Joaquim José Alves. À noite iluminou-se a cidade e em frente ao palácio tocou uma banda de música”. (Cf. J. Tinoco, *Gazetilha* do Jornal do Commercio, 03/06/1880).

**97.** O dr. Davi Carneiro, com minúcias refere-se à visita a Porto de Cima. Esses fatos geralmente originavam-se de rivalidades políticas, entre conservadores e liberais! Pena é que só no outro dia o imperador tivesse sabido, pois, do contrário, voltaria no mesmo momento para visitar Porto de Cima, tal como fez na província do Rio, em Saquarema, voltando àquela vila depois de ter andado léguas.

**98.** Joaquim José Alves, negociante de erva-mate, juiz municipal do termo, genro de José Miró de Freitas. Foi vice-presidente da província, substituindo, eventualmente, o presidente.

fazenda perto de Ponta Grossa, a confrontar com o rocio da Câmara e falou nas grandes vantagens da estrada passando pela colônia Teresa, no Ivaí, cujas terras todos preconizam como ubérrimas <sup>99</sup>. Segundo ele, a capital da província devia recuar para Guarapuava. Também noutras opiniões afigurou-se-me algum tanto original.

5 de junho – 5h ½. Ontem. Fui à Câmara de Morretes <sup>100</sup>. Casa alugada. Sala bem arranjada. Mesma reflexão sobre padrões métricos. Cadeia sem presos e sem nenhum livro. O delegado não gostou do que eu disse a tal respeito. O dono da casa, Joaquim Alves levou-me ao cemitério que ainda não se acabou e de que parte carece de aterro. A Câmara endividou-se para fazê-lo. Teatro começado, porém não acabado. Aulas de melhores professores. Pareceram-me bons, sobretudo a professora Hectória Mangin <sup>101</sup>. Atraso em doutrina religiosa que, aliás, disse-me o cônego vigário <sup>102</sup> explicar na igreja. Em parte do teatro está um gabinete de leitura que dá livros para ler. 8 ½ almoço.

#### Porto de Cima

9 horas. Parti para Porto de Cima. Gostei de ver a pequena exposição agrícola feita por esta ocasião. Aconselhei-os a que a fizessem regularmente. Na mesma casa existe o Clube Literário ou

**99.** Um dos pioneiros na colonização no Paraná, ao tempo do barão de Antonina, foi o dr. João Maurício Faivre (1795-1858) que, voltando ao Brasil, embarcou em Antuérpia, em dezembro de 1846 trazendo, a conselho daquele titular, 23 famílias de colonos, ao todo 63 pessoas de origem francesa na sua maioria. No ano seguinte esteve ele em Petrópolis para tratar com o imperador a respeito da fundação da colônia Teresa, às margens do Ivaí.

Seu nome figura entre os médicos franceses com residência no Rio de Janeiro mencionados no Almanaque de Seignot-Plancher de 1826; com outros médicos foi fundador, em 1829, da Sociedade de Medicina da mesma cidade, hoje Academia Nacional de Medicina: médico assistente de José Bonifácio de Andrada e Silva, foi seu embalsamador em abril de 1838. Era casado com dona Ana Taulois, filha de Pedro Luís Taulois que foi mais tarde o primeiro engenheiro da Repartição de Terras da futura província do Paraná, e cujos filhos dirigiam colégios em Curitiba e Paranaguá.

**100.** Era presidente da Câmara Municipal de Morretes José Ferreira de Loiola.

**101.** Francisca Hectória Mangin da Cunha, professora de primeira cadeira, vitalícia, nomeada em 18/02/1874, com exercício em Morretes.

**102.** O cônego José Jacinto de Linhares a quem S. M. entregou 900\$000.

gabinete de leitura, o melhor do Paraná <sup>103</sup>. Reúnem-se à noite para ler – termo médio de 10 a 15 pessoas. Há conferências. Fui depois à matriz fazer oração.

Engenho Central de Antônio Ricardo. O aspecto da cana não é dos melhores e o resto de sistema moderno, assentado por León, de um estabelecimento do Rio. Disse-me León que as moendas só podiam moer 2000 arrobas de cana por dia e que as plantações, principalmente de colônias de *Nova Itália*, segundo me informaram, só darão para talvez dois meses de trabalho, que vai começar neste mês <sup>104</sup>. O engenho deixou-me má impressão. Felizmente já não tem a garantia de 7% sobre o capital de 100 contos concedida ao Lamenha Lins.

*Núcleo América*. As terras têm-me parecido boas. A estrada deixou-me ver dos lotes. Visitei uma casa de um francês que estava moribundo. Um pau caiu-lhe sobre o quadril de que resultou tumor, que o dr. Grilo e outros abriram tarde, é infecção pútrida. O Maceió disse-me que os médicos que trataram o francês tinham-se descuidado ou são ignorantes.

*Núcleo do Rio do Pinto*. Boas terras. O tempo que pelo programa feito pelo ministro e presidente ficou escasso para as colônias quase nada deixou-me ver. Entrei na casa de um colono cuja filha de 11 anos está morrendo de infeção palustre. Estes terrenos de América, etc., apesar dos trabalhos dos colonos são encharcados em parte.

---

**103.** “Às 9 horas seguiu o imperador para a vila de Porto de Cima, onde não tinha parado na véspera, por não ter sido avisado da recepção que lhe estava preparada. Ali foram recebidos com todas as provas de contentamento e simpatia. Visitou o clube de leitura, elogiando o presidente pelo estado da associação”. (Cf. J. Tinoco, *Gazetilha* do Jornal do Commercio, de 04/06/1880).

Pena é que não possamos transcrever o opúsculo *Núcleos de Imigração do Município de Porto de Cima*, e seus mapas estatísticos organizados pela Sociedade de Imigração do mesmo município, contendo o movimento dos colonos, em 1886, figurando 283 italianos para 1.420 nacionais, existentes nesses núcleos agrícolas, cujas culturas eram de café, cana, milho, mandioca, batatas e bananas.

**104.** No *Almanaque Laemmert* de 1881, p. 28 do suplemento, na parte referente aos engenhos centrais, cuja maioria não teve bom êxito, lê-se o seguinte: “No município de Morretes, província do Paraná, em um dos núcleos da colônia Nova Itália, acha-se fundado um pequeno engenho de pequena força, ao qual se não fez aplicável a quantia que ao capital de 100:000\$000 oferecera o decreto nº 6.639 de 31/07/1877”.

O plantio de cana lá foi incrementado e o engenho progrediu.

Volta a Morretes e chegada a Antonina

Voltei a Morretes e pouco depois de duas horas parti para Antonina.

Bonito caminho vendo-se sempre ao longe o alto Marumbi<sup>105</sup>. A estrada atravessa o núcleo *Sesmaria*. Terras boas, porém em alguns lugares encharcadas como num prazo cujo colono disse-me que suas melhores terras tinham muita água que impedia sua cultura. Outro prazo de bergamasco Luigi Corbetta estende-se por uma encosta. Está bem plantado. Os colonos dos terrenos percorridos mostraram-se contentes. Cavaleiros no lugar em que a estrada se reúne à da Graciosa e cheguei a Antonina, cujo aspecto é risonho, às 4 e 20 minutos.

Antonina

Meia hora depois saí. Câmara, a casa é boa e muito bem arranjada. Padrões métricos o que já tenho dito, parecendo-me contudo melhor tratados que em outros municípios, porém não com o mesmo cuidado que na Lapa. O Clube Literário está muito bem arranjado. Também há leitura de noite. Poucos livros. Cadeia vazia alugada por 20\$000 ao mês a um mestre-de-obras Adriano que me apresentou o dono da casa que habito, Antônio Alves de Araújo e parece seu protegido, quando a casa da Câmara que alugou a casa da cadeia e de que é presidente Alves de Araújo, paga 30\$000 sendo muito melhor casa. Não há proporção. Finalmente, visitei a enfermaria particular montada pelos drs. Melo e Grilo em casa de sobrado por que pagam 15\$000. Só havia seus doentes, sendo um de infecção palustre.

Jantar cerca das 7, conversa depois e às dez horas recolhi-me para ainda ler requerimentos, que não pudera examinar em Morretes.

O presidente da província com que conversei a respeito de seu último relatório e outros negócios da província disse-me que Jesuíno Marcondes vendeu os terrenos de Pugas<sup>106</sup> e outros da mãe, de quem é procurador, por elevado preço, apesar de maus

**105.** É o pico do Marumbi, antes da serra da Esperança.

**106.** No relatório do conselheiro Marcondes apresentado ao dr. Manuel Pinto de Sousa Dantas, por ocasião de passar-lhe a administração da província do Paraná, a 23/04/1879, encontra-se a lista de terras compradas pelo estabelecimento de imigrantes, entre os anos de 1875-79, ascendendo a soma de 1.347:049\$444.

para as colônias e que Jesuíno está frio como ele. Eu muito me tenho incomodado com esse negócio das terras e declarei ao presidente que à vista do que me constava do precedente de Jesuíno Marcondes, que eu supunha ter se arredado de semelhantes traficâncias, entendia que não podia continuar a ser vice-presidente da província.

Enfim percorri de carro 44 léguas de Antonina até Castro, o que não posso fazer em qualquer outra província, a não ser o Rio Grande com seus caminhos naturais.

A viação é a principal necessidade do Paraná. Convém levá-la até as férteis margens do Ivaí. Aí é que se estabeleceram prósperos agricultores. Os Campos Gerais são próprios para a criação que cumpre melhorar pela maneira que disse e a marinha é pouco adequada à colonização, pelo clima e terrenos paludosos.

*7 de junho* – (seis horas da manhã, perto do rio).

Antes de ontem em Antonina saí às sete da manhã. Aulas. Casa pequena, mas bem arranjada. Os professores e professora das aulas que o inspetor designou-me como melhores pareceram bons. Os chamados como melhores embora recitem orações, não sabem explicá-las. O vigário passa por virtuoso, mas não explica doutrina<sup>107</sup>. Fui também ao mercado – casa menor que a de Paranaguá. Poucos gêneros. As reses, 3 por dia – matam-se fora, no campo. Almoço às oito e meia.

Nove horas. Exame no porto desde Itapema de Baixo até o molhe, cuja escada já na ocasião de meu passeio da manhã vira que ficaria em seco, tanto espraia o mar. Notei três pedras ou

---

**107.** Vemos, não raro, queixas do chefe de Estado: o vigário passava por virtuoso, mas não ensinava doutrina cristã! Outros não guardam em bom lugar os padrões métricos, a não ser na Lapa! O imperador ressentia-se quanto notava teatro e poucas escolas, como na Palmeira!

Quem quisesse agradar ao monarca devia convidá-lo a visitar escolas, quartéis, chácaras, fábricas, soques de mate, colônias, ouvir afinadas bandas de música, etc. Ele, então, daria perguntas, daria conselhos e sentiria prazer com o bem público. Pelo presente diário, poderemos julgá-lo humanamente. Ao grande e infatigável funcionário aborreciam sobretudo os atos desonestos, a desídia no cumprimento do dever. Recorria ao famoso *lápiz fatídico*, único meio de acertar caracteres, regenerando a administração pública. E tantas vezes o conseguiu.

parcéis, que não estão no mapa do Tefé <sup>108</sup>. As sondas deste parecem exatas, pois as que se fizeram no meu escaler o foram em meio e mais que praia-mar. O ancoradouro está se aterrando, pelo que traz o rio Cachoeira. Um dos práticos disse-me que vira formar-se uma ilha que aparece bem grande.

### Paranaguá

Ao meio-dia segui (5 de junho) para Paranaguá.

Desembarquei cerca das duas e segui para o lugar da estação bem arranjada para a colocação de pedra <sup>109</sup>.

---

**108.** Antônio Luís von Hoonholtz, barão de Tefé, fora enviado em maio de 1877, pelo governo imperial, à província do Paraná, a fim de decidir a questão, sempre pendente, da preferência entre os portos de Antonina e Paranaguá para a estação inicial marítima do caminho de ferro projetado em direção ao planalto. O relatório de Tefé foi impresso na Tipografia Nacional e traz a planta hidrográfica do porto de Antonina por ele levantado, coadjuvado pelo tenente Aprígio dos Santos Rocha.

Tefé, por amizade a André Rebouças, defendia o traçado ferroviário do falecido Antônio Pereira Rebouças Filho e que representava o legado único do engenheiro à sua viúva e órfãos. Esse projeto iniciava a estrada na estação marítima de Itapema, em Antonina, e iria terminar em Curitiba, ou seguindo a grandiosa trajetória à província de Mato Grosso e dali a Cobija (fronteira argentino-boliviana) para atingir o oceano Pacífico.

O projeto até Curitiba já havia passado às mãos do barão de Mauá, que o lançara em Londres, mandando rever os estudos de Antônio Rebouças por Brunlees & Mac Kerrow, engenheiros ingleses. Nenhum deles levantou objeção contra a estação inicial de Itapema. Brunlees era o autor do caminho de ferro de Santos a São Paulo.

De qualquer forma, não seria defensável o ponto de vista de André Rebouças e Tefé, seu amigo. Pesava sobre Antonina a restrição de outros especialistas, assim: Jesuíno Lamego Costa, almirante barão de Laguna, Francisco Cordeiro Torres e Alvim, vice-almirante barão de Iguatemi, coronel Luís Teixeira e José Maria do Nascimento Júnior, doutores Eduardo José de Moraes e Aquino e do então tenente José Carlos de Carvalho.

O imperador, pessoalmente, em três horas, com técnicos e munidos de cartas hidrográficas, verificou que Antonina não estava em condições mais favoráveis do que Paranaguá. Teve má impressão, observando o afundamento do brigue *Aprígio* e o fato de ver o brigue *Carolina*, cujo calado era de 10 pés, assentar-se no lodo, ao baixar a maré.

A proximidade do oceano favoreceu Paranaguá. Os partidários de Antonina diziam que se lá estivesse a estação, menor seria o percurso da estrada de ferro, pois os navios cobravam o mesmo frete, quer deixando as mercadorias num ou noutro porto.

**109.** Finalmente, é lançada a pedra fundamental da estrada de ferro Paranaguá-Curitiba. Iniciava-se o compromisso dos *Chemins de Fer Brésiliens*, cujos trabalhos foram terminados com a inauguração, pela princesa Isabel, a 2 de fevereiro de 1855. As dificuldades encontradas na serra eram tais que a construção dessa estrada é considerada uma das obras mais difíceis nesse gênero e honra altamente a engenharia nacional.

Jantar em casa do Nacar <sup>110</sup>. Antes das 4, embarque no vaporzinho que me levou ao *Rio Grande*, que largou logo.

Até perto de 10 estive no tombadilho. Noite de bastante mar, por causa do nordeste fresco.

*6 de junho* – Mais ou menos enjoado, embora não me recolhesse ao beliche. Jantou-se dentro da ilha de São Sebastião que é muito bela pela variedade de formas que apresenta, ajudando muito a altura do sol. Há muitas plantações, notando-se as de cana. A vila na terra firme tem casas grandes e coqueiros que se vêem também da ilha.

Recolhi-me cedo e à noite foi menos balançada. Li durante o dia o *Jornal do Commercio* de 2.

*7 de junho* – Entramos às 8 ½ da manhã <sup>111</sup>.

Eis terminada a transcrição do diário da viagem de dom Pedro II à província do Paraná.

Que magnífico retrospecto, nada obstante o nosso pesar em divulgá-lo à revelia de seu inolvidável autor, que dessa província, gratamente sempre recordou.

Cícero, porém, tinha razão: – *A História é a testemunha dos tempos, mestra da Vida, luz da Verdade!*

---

**110.** Era dom Pedro II por completo desprendido da suntuosidade e festas aparatosas. Feliz, certamente, ele se achou no banquete do patriarca de Paranaguá, homem que ele estimava por uma cooperação vinda de longe. Fê-lo ascender na nobiliarquia, agraciando-o com o título de visconde de Nacar.

**111.** Nesta data, os soberanos e toda a comitiva imperial achavam-se de volta na corte do Rio de Janeiro. Escrevendo à condessa de Barral, dizia dom Pedro II:

“Cheguei às 8 ½ para 9 horas da manhã. Careço de tempo para copiar as notas de minha viagem que muito me agradou. *O Paraná é uma bela província de grande futuro.* O frio fortificou-me, cheguei numa manhã a Curitiba a 2 graus abaixo de zero”.



## **GOBINEAU ESTATUÁRIO**



## Gobineau estatuário

No Brasil Império, grande foi o número de artistas estrangeiros que nos visitaram, até mesmo integrando missões diplomáticas, científicas, além de oficiais de marinha e membros do corpo diplomático ou consular, junto ao nosso governo acreditados.

Entre os últimos, contamos, entre outros, com Chamberlain, no Primeiro Reinado; Benjamin Mary, cônsul da Bélgica, na Regência e o conde Artur de Gobineau, em pleno Segundo Reinado.

Notáveis pintores ingleses e austríacos, da envergadura de Charles Landseer, Oswald Brierly e Louis Czerny, por exemplo, nos obrigariam a extensas referências à estada de Sir Charles Stuart no Rio de Janeiro, à passagem da *Galatéia*, a cujo bordo nos visitou, já pela segunda vez, o duque de Edimburgo, terceiro filho da rainha Vitória, ou à missão austríaca que aqui esteve a bordo da fragata *Novara*, em proveitosa viagem científica.

Com o presente estudo apenas temos em vista referirmo-nos ao estatuário conde Artur de Gobineau, que foi ministro de França no Brasil de abril de 1869 a maio de 1870.

O mundo, porém, geralmente não conhece Gobineau por intermédio da escultura – arte para a qual teve bastante pendor e inata atração – mas por suas teorias e obras literárias e científicas, entre as quais avultam as *Plêiades*, *A Renascença*, *História dos Persas* e o célebre *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*.

Não queremos cogitar de Gobineau escritor; nosso objetivo é apreciá-lo como escultor através da correspondência que assiduamente manteve com d. Pedro II, de quem foi admirador e amigo, entre 1869 e 1882<sup>1</sup>.

Não sabemos com quem e onde Gobineau aprendeu escultura. Os temas por ele escolhidos para medalhões, bustos e figuras

---

1. Vide Georges Raeders: *Le Comte de Gobineau au Brésil*, Paris, 1934 e *D. Pedro II e o conde de Gobineau* (correspondência inédita) São Paulo, 1938.

eram sempre interessantes e muitas vezes se inspiravam em seu grande conhecimento de história antiga, arqueologia e etnografia.

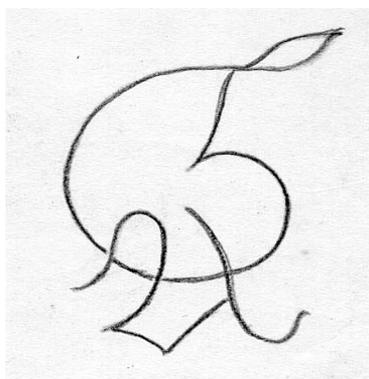
Gobineau, senhor de invulgar cultura, sentia-se decepcionado quando alguma coisa não podia conquistar. Não nascera para a *carrière*, e, assim, não conseguiu de seus superiores hierárquicos, designação para servir em países que mais interesse despertassem a seus estudos.



Por isso mesmo, quando em 1869 foi removido da Grécia para o Brasil (pretendia, então, ser ministro em Constantinopla), grande foi o seu desapontamento. Devido a essa circunstância, iria falar tanto mal do Brasil quanto falava da Suíça, onde estivera

em 1848. Tais desabafos de Gobineau não podem, porém, nos afligir, pois muitos outros representantes estrangeiros, mesureiros ou maledicentes, também foram, para conosco, tão injustos em suas correspondências quanto o diplomata francês, senão mais.

Gobineau, pelo seu frustrado desejo de realizar um plano preconcebido, bastante se decepcionou com a vinda para o Brasil, ou, com ele dizia, – para a América, “cujo descobridor, Cristóvão Colombo, era um grande miserável”<sup>2</sup>.



Assinatura de Gobineau tal como figura na *Mima* e no busto de Alexandre

Vê-se, em tudo isto, mais o aborrecimento insopitado, do que, propriamente, uma razão verdadeira e justa. Não seria o Brasil, como de resto, qualquer outro país das Américas, objeto das aspirações de Gobineau... No entanto – e isto é bastante de ponderar – a animosidade contra nós ficou nas cartas dirigidas a tantas pessoas, como em seus livros. No fundo – parecerá incoerência – devemos alguma coisa a Gobineau. Assim, em carta datada de 25 de dezembro de 1873 e dirigida ao imperador, Gobineau escrevia que interrompera os seus trabalhos intelectuais para ocupar-se de um desenvolvido artigo sobre a estatística do Brasil: “Ele (o artigo) já está um pouco adiantado e eu o destino ao *Correspondant*. Faço-o sob o ponto de vista da emigração e baseando-me sobre um fato interessante que se passa atualmente, aqui e na Alemanha. É a volta de numerosos emigrantes que deixaram os

---

2. Georges Raeders: *Le Comte de Gobineau au Brésil*, p. 7.

Estados Unidos, depois de terem tentado em vão arranjar uma colocação. *Pareceu-me que a oportunidade era favorável para expor e realçar os méritos e a riqueza de um país onde se não vêem inconvenientes de que se possam queixar os emigrantes.* Não posso dizer todo o prazer que experimento em ocupar-me de coisas que possam interessar um pouco ao imperador. Esta estatística do Brasil é de grande interesse. É um trabalho claro, preciso, singelo, onde os fatos são apresentados com uma simplicidade que responde por sua boa fé e em que a soma dos méritos é exposta de maneira a produzir uma impressão bem feliz, sem recorrer a nenhum jogo de linguagem. *Bem poucos são os países sobre os quais se possui um balanço tão nítido da situação e felicito-me infinitamente porque o Brasil esteja no número dessas regiões tão apreciadas.*

“Em meu trabalho farei o possível para conservar o caráter de realidade a tudo o que tiver de emprestar à estatística. Espero enviar o artigo a Paris, lá para 5 de janeiro”<sup>3</sup>.

Em carta de 13 de fevereiro de 1874, escrevia Gobineau ao imperador: “Enviei ao *Correspondant* o artigo sobre o Brasil. É um tanto longo. Mas esforcei-me por fazer entrar o mais possível a substância contida na Estatística. Foi feito sob o ponto de vista da emigração e queria aí poder contribuir com alguma coisa. Agora, tenho pressa em ver o artigo publicado e saber se Vossa Majestade o aprovará. Conseguí, também, finalmente, ver coroados meus esforços quanto aos operários mineiros. Arranjaram-me quatro e creio que poderíamos conseguir ainda mais. O major Mursa disse-me que precisa de quatro. E assim fiz. Escrevi ao cônsul-geral de Vossa Majestade, em Copenhague para pedir-lhe que enviasse ordens ao vice-cônsul que está aqui. Respondeu-me que já as tinha dado. Mas este último parece-me que não se julga suficientemente autorizado, pois nada decide com os operários. Receio que estes se desencorajem e tomem outro partido. Em geral, julgo que se Vossa Majestade deseja receber, seja operários ou emigrantes suecos e noruegueses de diferentes categorias, será possível arranjá-los. Mas seria bom facilitar os meios, criando agentes consulares em diferentes pontos e escolhendo gente ativa. Se o imperador acha que tenho razão, achará também que aquilo que posso fazer, eu o faço tanto neste local como em qualquer outro. Parece-me que seria interessante procurar atrair para o

3. Georges Raeders: *D. Pedro II e o conde de Gobineau*, pp. 147-148.

Brasil uma emigração que se compõe, em geral, de gente forte, laboriosa e que, em absoluto, não tem idéias revolucionárias”.

O professor Georges Raeders, em *Le Comte de Gobineau au Brésil*, pp. 130-154, transcreve o artigo *L'Emigration au Brésil*, ou *Le Brésil en 1873 d'après Gobineau*, publicado em *Le Correspondant* de julho-setembro de 1874, pp. 353-376, que é bem um desmentido do que *a priori* alguém possa dizer da inimizade de Gobineau ao Brasil. Apenas, e simplesmente, a América não o interessara, como campo de estudos. Outros, e não nós, foram os responsáveis por esse desgosto que sofreu o diplomata, ao ser indicado para a Corte fluminense. Ter-lhe-ia sido pior, certamente, se não viesse para o nosso país.

Em *Le Comte de Gobineau au Brésil*, verificamos, à p. 86, que o diplomata se tornou estatuário por um fato deveras interessante: encomendando um medalhão de sua filha a um “imbecil”, este não cumpriu o combinado; pelo que, realizou Gobineau o trabalho.

O professor Raeders não nos disse se Gobineau frequentou alguma academia de belas-artes, ou se teve um mestre de escultura. Adianta-nos, todavia, que os seus primeiros ensaios datavam do tempo em que fora ministro na Grécia (de outubro de 1864 a setembro de 1868).

No Brasil, a escultura preocupou o ministro de França. Em maio de 1869 começou um busto de *Alexandre* “plus que nature”, continuando com tal afinco que em junho o trabalho estava quase terminado. O diplomata-artista visava dar ao busto “la plus grande mesure possible de sublime et de grandeur”. “É preciso” – dizia Gobineau à esposa – “que ele tenha, ao mesmo tempo, alguma coisa de Júpiter olímpico, de Apolo fítio e do Baco índico e ainda outras qualidades”<sup>4</sup>.

“Seu velho Taunay (Teodoro Maria Taunay, cônsul de França) afirmava que o busto não era bem o antigo”, julgando-o, entretanto, diferente na intenção e natureza bastante complexa de expressão<sup>5</sup>.

No entanto, o mármore brasileiro, que custou tão caro, não agradava ao artista. Cuidava fundi-lo em bronze, enviando-o a uma exposição de Paris.

4. Georges Raeders: *Le Comte de Gobineau au Brésil*, p. 86.

5. Embora não no-lo diga Raeders, esse mármore encontra-se no Museu do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, por dádiva do imperador.

A *Esperança*,<sup>6</sup> medalhão cuja cera era muito bonita e que fora começado a bordo, foi fundido aqui e às primeiras tentativas logrou a operação êxito completo, na fundição do súdeito de Portugal Miguel Couto dos Santos, mestre ferreiro e serralheiro da Casa Imperial, cujo estabelecimento, na rua da Imperatriz nº 53 e 55, tinha a denominação de Imperial Fábrica de Fundição de Ferro e Bronze.

“Passei o dia na fundição e asseguro-vos que no Rio os fornos são quentes. Foi extremamente interessante. O molde da *Esperança* foi feito em areia. Eu acabaria o gesso tão finamente como um mármore. O molde ficou perfeitamente bem. Secaram-no ao forno, colocaram-no na forma, revestiram-na de barro, deitando-se o bronze em fusão, vermelho escarlata e correndo como água. Dessa vez foi completo êxito. Tenho um medalhão magnífico. É o diabo. Preciso cinzelá-lo. Não encontrei aqui senão ferramentas de relojoeiro, não para bronze, mas para cobre. Entretanto, é preciso. Agrada-me excessivamente cinzelar, coisa que jamais ensaiei”<sup>7</sup>.

O gesso do referido medalhão encontra-se no Rio de Janeiro, guardado por José e depois por Benevenuto Berna. Dele obtivemos uma fotografia, por deferência do sr. Ariosto Berna.

Como o medalhão da *Esperança* parecia bom, Gobineau mandou, igualmente, passar para o bronze a *Fé*<sup>8</sup> e a *Caridade*, não os cinzelando no Brasil, pelas dificuldades de execução – diz Raeders.

Não nos parece ser este o motivo. Talvez Gobineau não dispusesse de tempo para fazer o cinzelado e não quis entregá-lo a ótimos gravadores que aqui tínhamos àquela época, especialmente na Casa da Moeda, e outros, profissionais, que estudaram na própria Casa da Moeda ou na Imperial Academia das Belas-Artes.

Em dezembro começou *Édipo* e a *Esfinge*, baixo-relevo; *Les Agapes*, as maquetes da *Reflexão*, de *Circe* e um pequeno busto de criança.

A escultura sobrepujava no diplomata as demais atividades. O imperador observara que o artista estava, talvez, um pouco apai-

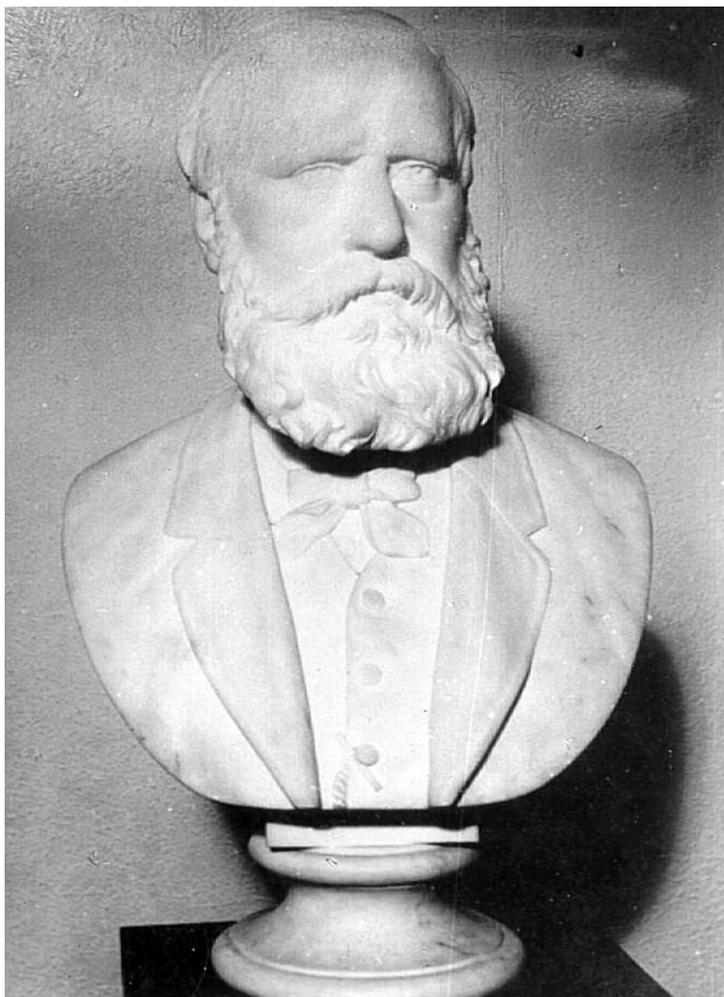
---

6. Esse medalhão foi depois passado ao mármore e enviado para a Europa por José Berna (1871), que dele guardou um gesso.

7. Carta a Zoé Dragoumis, 9 de junho de 1869, cf. Georges Raeders, *op. cit.*, p. 87.

8. Passado depois ao mármore, enviado pelo escultor José Berna para a Europa, em 1871.

xonado demais pelos seus trabalhos, ao que Gobineau respondeu, em orgulhosa resposta: “Ma foi, Sire, quand on est sans passion, il ne faut se mêler de rien”.



O busto de dom Pedro II

Foi a imperatriz que, com vivo prazer, encomendou a Gobineau o busto do imperador.

Como “d. Pedro se parece com os retratos dos Filipes III e IV, de Velasquez”, é como um Velasquez que ele o vai fazer<sup>9</sup>.

<sup>9</sup>. *Op. cit.*, p. 87. A propósito dessa parecência, vide a mesma obra, p. 45, *in fine*.

Tantas vezes vira Gobineau o imperador, que bem guardara seus traços fisionômicos, não precisando senão de poucas *poses*. A “calorosa simpatia demonstrada a seu augusto modelo deu asas a sua mão” <sup>10</sup>. O escultor executou o primeiro esboço (modelo de cera) em uma semana de trabalho intenso e entusiasta. A semelhança era tão notável que o imperador e sua família mostravam-se encantados. Certamente, a imperatriz antes desejaria ver o imperador como “pai de família”. Gobineau, porém, para se justificar de o ter preferido (sic) em trajes de gala, gola baixa, Tosão de Ouro e com uma aparência mais moça, replicou: “a escultura não é feita pelo lado burguês” <sup>11</sup>.

Como um pequeno serviço prestado ao ilustre professor Raeders, cujas obras são de tanto interesse e proveito, – permitimo-nos fazer uma ponderação: venceu a idéia da imperatriz, de que o busto de seu augusto esposo, fosse em “estilo pai de família”, conforme o vemos no *clichê* junto, ou seja, dom Pedro sem a placa do Cruzeiro e sem o botão do Tosão de Ouro, mal comparando, até com um ar garibaldino!

“Esse busto, que Gobineau se encarregou de talhar no mármore <sup>12</sup>, foi enviado na primavera de 1870 para Paris, exposto no *atelier* do escultor Oliva, sendo por todos admirado. Figura ele, supomos, no Museu de São Cristóvão, no Rio”.

O busto, efetivamente, à época em que o professor Raeders escreveu o seu livro, estava no Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista.

#### A execução da estátua Mima

Em fins de 1876 esperava o conde de Gobineau retomar o seu posto de ministro da França na Suécia, quando um telegrama do duque Decazes, ministro dos Negócios Estrangeiros, chamou-o a Paris. Lá o intimaram a pedir a aposentadoria. “Esta decisão teria sido o resultado de uma deliberação da esquerda da Câmara dos Deputados, em vista do rejuvenescimento dos quadros diplomáticos (março de 1877) <sup>13</sup>. “D. Pedro II, ciente de que seu

10. *Op. cit.*, p. 87, cf. L. Schemann, t. II p. 163.

11. *Op. cit.*, p. 87.

12. Não teria feito integralmente o trabalho. Dera, sem dúvida, o bloco a Berna para o inicial desbaste.

13. Georges Raeders: *D. Pedro II e o conde de Gobineau*, p. 211.

amigo estava arruinado e talvez um pouco por sua culpa, ajudou-o delicadamente, encomendando-lhe uma estátua <sup>14</sup>. Seria essa estátua a *Mima*, bela obra de Gobineau, hoje recolhida, com todo o carinho, ao Museu Imperial, em Petrópolis.

Em carta a Gobineau, datada de Viena, a 21 de março de 1877, vê-se o interesse do imperador em ajudar ao amigo, dizendo-lhe: “Para que tudo se faça do modo que mais me agrada, direi ao Macedo <sup>15</sup> que vos escreva a propósito de uma estátua que vos encomendei há muito e pela qual ele deve remeter-vos 15.000 francos” <sup>16</sup>.

Em carta de Gobineau a d. Pedro II, de 19 de fevereiro de 1878 (Roma 18, via Cavour), dizia o artista: “A estátua que estou fazendo para V. M. está adiantada, mas não quero apressá-la e nela ponho todos os meus cuidados” <sup>17</sup>.

A 25 de julho do mesmo ano, Gobineau, de Roma, informava ao imperador: “O gesso da estátua que V. M. me encomendou está pronto e já começaram a desbastar o mármore; mas não quero que nela se trabalhe durante minha ausência” <sup>18</sup>. O conde pretendia deixar Roma temporariamente, dirigindo-se a Paris.

A 14 de agosto, escreve Gobineau de seu castelo de Trye (Oise), dizendo: “Tenho pressa de ver-me em meu *atelier* de Roma, trabalhando na vossa estátua, cujo mármore está começado, bem como em outros trabalhos de diferentes gêneros que comecei ao mesmo tempo, sem calcular. Mas V. M. sabe que consigo sempre chegar ao fim e, para dizer a verdade, não saberia trabalhar de outro modo” <sup>19</sup>.

A 1º de dezembro, de Roma (via Solferino), Gobineau, em trecho de extensa carta ao imperador, dizia: “O meu grupo Romeu e Julieta progride, como o mármore da estátua de Vossa Majestade. Espero vê-la na Exposição da Primavera, em Paris” <sup>20</sup>.

A 24 de janeiro de 1879, ainda de Roma, refere-se à terminação de um busto de criança e à *Mima*: “estou agora todo entregue à estátua que pertence a V. M., cujo mármore progride rapida-

---

14. Idem, p. 212.

15. Artur Teixeira de Macedo.

16. *Op. cit.*, p. 228.

17. *Op. cit.*, p. 244, *in fine*.

18. *Op. cit.*, pp. 259-260.

19. *Op. cit.*, p. 263.

20. *Op. cit.*, p. 271.

mente e que, espero, estará na Exposição de Paris, no mês de maio, depois do que irá apresentar meus respeitos ao imperador no Rio, onde estará lá para o mês de agosto, conforme suponho” <sup>21</sup>.



A 21 de maio, do mesmo endereço, informava: “Dentro de quinze dias, mais ou menos, a estátua de mármore que pertence a

---

21. *Op. cit.*, pp. 278-279.

V. M. estará completamente terminada. Guardá-la-ei comigo, no máximo um mês, para mostrar a algumas pessoas e em seguida partirá para o Rio. Desejo vivamente que V. M. fique contente”<sup>22</sup>.

Em carta de Roma, a 11 de julho, Gobineau informava a dom Pedro II: “Fiz seguir ontem a estátua de V. M. Parece-me que ela foi muito apreciada aqui, mas o meu desejo é que agrade a V. M. Segui a minha inclinação não fazendo uma figura pequena, como a princípio imaginei, mas uma estátua em tamanho natural, na qual pus todos os meus cuidados. Sinto somente que o mármore não seja tão bonito como eu pedi e esperava receber, e que deixa um pouco a desejar, mas isto nada influi no trabalho. Estou impaciente em saber se a opinião de V. M. ser-me-á tão favorável como a dos amadores de Roma e de Guillaume<sup>23</sup>, que viram no ano passado uma fotografia do modelo”<sup>24</sup>.

A 28 do mesmo mês Gobineau (de Roma, via Montebelo), iniciava assim uma carta ao imperador: “Suponho que V. M. já esteja de posse da estátua, quando esta lhe chegar às mãos. É impossível traduzir a impaciência com que aguardo notícias vossas, para saber a impressão com que a terá recebido; não sei se já disse ao imperador que é uma *Mima*. Ela joga bolas para o ar e as apanha com a mão esquerda. A direita acaba de pegar uma e prepara-se para jogá-la com outras. O interesse que eu quis dar a essa figura, resulta de sua tristeza, e, escrava asiática, desempenha sua profissão de *Mima*, sem procurar seduzir. Quis fazer uma criação bastante melancólica e não sensual. Dizem que o consegui. Vossa Majestade julgará”<sup>25</sup>.

Dom Pedro II, em carta do Rio, de 18 de agosto, diz não ter ainda chegado a estátua<sup>26</sup>.

A 30 de setembro, do mesmo endereço, Gobineau escreve: “Estou bem desejoso de saber se a estátua chegou enfim em bom estado a V. M. e, sobretudo, se ela agrada ao imperador, com o que eu ficaria radiante. Tenho grande ansiedade em saber a sua opinião minuciosa, como V. M. m’o prometeu”<sup>27</sup>. Nas cartas seguintes, ver-se-á o interesse de Gobineau em ter conhecimento

22. *Op. cit.*, p. 286.

23. Diretor da Academia de Belas-Artes de Paris.

24. *Op. cit.*, p. 290.

25. *Op. cit.*, p. 291.

26. *Op. cit.*, pp. 293-294.

27. *Op. cit.*, p. 300.

da impressão imperial. Era profundamente insistente em tudo quanto queria saber ou realizar.

A 1º de outubro, do Rio, o imperador escreve a Gobineau dando a notícia de ter acabado de abrir o caixão em que viera a *Mima* e diz que ela ainda não estava colocada convenientemente para ser apreciada e adiantava “mas posso dizer-vos desde agora que a expressão muito me agrada”<sup>28</sup>.

A 18 de outubro Gobineau escreve uma carta longa sobre outros assuntos e ansioso sobre a *Mima*, diz: “... chego a contar os dias, pois espero dentro em breve receber a notícia de que o mármore chegou à presença de seu juiz e desejo tanto que a impressão seja a que espero, que custo a conter a minha impaciência”.

A 25 de outubro escrevia: “Recebi esta manhã as duas cartas que V. M. datadas de 27 de setembro e 1º de outubro. O imperador pode imaginar como estava ansioso por saber se a *Mima* havia chegado em bom estado e sobretudo se agrada a V. M...”<sup>29</sup>

A 1º de novembro<sup>30</sup> o imperador escrevia a seu amigo, dizendo que a *Mima* agradara, mas ainda não a tinha podido colocar de modo a dar-lhe certo realce e prometia voltar ao assunto. A 15, reiterava o imperador: “A *Mima* será em breve o tema para uma boa palestra”<sup>31</sup>.

Gobineau, a 2 de dezembro, em interessantíssima carta, adiantava: “Tenho pressa em que V. M. possa ver a *Mima* nas melhores condições possíveis e sob seu aspecto essencial. Fiz o melhor que pude e da maneira que mais me agradava. Quisera que em escultura essa obra fosse das mais notáveis e mais pessoais. Tanto mais que foi para Vossa Majestade que eu a fiz e assim contribui tudo para que me esmerasse”<sup>32</sup>.

A 9 de dezembro dizia dom Pedro: “Incumbi um artista da colocação conveniente da vossa *Mima*, segundo minhas indicações; mas, apesar da insistência havida, o trabalho ainda não foi feito, pois ele está agora cheio de serviço e é este o motivo porque ainda não vos falei a respeito, como desejo”<sup>33</sup>.

---

28. *Op. cit.*, p. 301.

29. *Op. cit.*, p. 304.

30. *Op. cit.*, p. 306.

31. *Op. cit.*, p. 309.

32. *Op. cit.*, p. 309.

33. *Op. cit.*, p. 311.

Insistia, entretanto, Gobineau, a 14 de dezembro: “Ficaria muito contente em saber as impressões de V. M. acerca da *Mima*”...<sup>34</sup>

Reiterava dom Pedro, a 25 de dezembro: “Quanto à *Mima*, o encarregado de colocá-la demora de um modo que me irrita. Ele já o sabe. Gosto de fazer as coisas depressa, mas, para as obras de arte, quisera apreciá-las sempre”<sup>35</sup>.



A 3 de janeiro de 1880, afinal, escreveu a Gobineau: “A *Mima* já está colocada sobre o seu pedestal. Ela muito me agrada. A sua fisionomia representa alguma recordação ou mesmo um

<sup>34</sup>. *Op. cit.*, p. 312.

<sup>35</sup>. *Op. cit.*, p. 314.

retrato? Ela exprime bem a ação. A magreza de seus braços e de suas pernas indica a sua condição, mas eu acharia talvez os seios um tanto desenvolvidos. Eu a contemplo a miúde, sobretudo do lado direito, que prefiro.

“Não disponho de tempo para dizer-vos agora a minha impressão completa”<sup>36</sup>.

A 28 de janeiro Gobineau é mais longo em uma bela carta ao imperador. Não nos é dado comentá-la, fora do que temos em vista, a fim de não nos alongarmos. Dizia o diplomata-artista: “Fico muito satisfeito em saber que a *Mima* agrada a V. M. Era isso o que eu mais desejava. V. M. pergunta-me se é um retrato ou uma recordação. Nem uma nem outra coisa. É puramente uma idéia e eu quis exprimir nessa cabeça jovem um “que” de severidade triste, que contrasta com a dança à qual ela se entrega. Trata-se de uma cativa... Vossa Majestade tem razão, em relação aos seios da *Mima*. São um tanto desenvolvidos para a idade.

Gostaria bem de encontrar uma igreja que me encomendasse a minha Virgem. Creio já ter falado nisso a V. M., Nossa Senhora coroada é abençoada pelo Menino Jesus, que ela traz em seus braços. É a *Benedicta in mulieribus*, e é curioso que ainda não se tenha pensado em fazê-la. Não sei, porém, se poderei executá-la algum dia. Não disponho de dinheiro suficiente para tentar fazê-la antes que m’a comprem”<sup>37</sup>.

A 13 de março, dom Pedro II, de Petrópolis, escrevia a Gobineau, dizendo na parte final de sua carta: “Amanhã estarei em São Cristóvão e deterei, um instante que seja, o olhar sobre a *Mima*”<sup>38</sup>.

Durante os poucos meses que restaram de sua vida, Gobineau ainda se referiu à *Mima*, que fizera com tanta ternura, em pagamento à gentileza de seu grande amigo dom Pedro II.

#### Gobineau e Berna

Teve, no Rio de Janeiro, Gobineau um amigo dedicado, no escultor genovês José Berna, estabelecido na Rua da Ajuda, ao qual o diplomata confiava à venda – como de resto fazia com nego-

36. *Op. cit.*, pp. 319-320.

37. *Op. cit.*, p. 323.

38. *Op. cit.*, p. 328.

cientes de outras cidades europeias – trabalhos de sua produção artística. Na verdade, ele, com o cargo de diplomata, não poderia apregoá-las...

Em carta ao imperador, datada de 1º de junho de 1880, Gobineau dizia ter enviado a seu amigo Berna, por intermédio do conde de La Tour,<sup>39</sup> uma fotografia de um monumento fúnebre.

A 13 de outubro desse ano morria Gobineau num quarto de hotel em Turim. Sua última carta a dom Pedro II datava de 28 de agosto<sup>40</sup>. Referia-se ainda à *Mima*... “A estátua de *Mima* é apreciada e rejubilo-me com isso, porque ela agrada a Vossa Majestade e lhe pertence. Será essa minha única estátua, pois outras não poderei fazer”.

Em outro local dessa carta, a mais extensa que escreveu ao imperador, Gobineau, a caminho da cegueira e combalido do fígado, não escondia certa revolta ao sofrimento, dizendo: “O que mais me aborrece é ter de renunciar à escultura”. Imaginava contra ele os artistas de profissão: “Pois onde já se viu falar de um antigo ministro que se dedique à arte? Apenas o pobre Carpeaux admitia isso e tinha-se feito meu amigo. Guillaume também fez-me elogios de minha *Pia*. Mas de que me serve isto? Os profissionais fazem mais barulho e trabalham ativamente contra mim. As pessoas da aristocracia que os ouvem, facilmente se convencem de que um homem da sociedade é naturalmente incapaz de fazer qualquer coisa que preste. Fazem-me cumprimentos, com os quais pouco me importo, mas exceto alguns retratos pagos o menos possível, seria comprometer o seu gosto encomendando-me alguma coisa. O mármore custa muito caro para que eu o empregue sem que m’o paguem, de maneira que a moral de minha história é que renunciarei à escultura”...

Mais adiante dizia Gobineau, queixoso do logro que lhe pregou o nobre Melzi: “O monumento que eu havia feito, de duas grandes figuras e que me fora encomendado pelo duque de Melzi, o qual tornou a casar-se e, para obedecer à segunda mulher,... não quis mais saber dele e após mil aborrecimentos e prejuízos, eu o ofereço ao duque da Ajuda”<sup>41</sup>.

39. *Op. cit.*, p. 334.

40. *Op. cit.*, pp. 367-369.

41. Assim, pitorescamente, Gobineau designava seu amigo Berna.

A seguir, Gobineau repete o que já dissera ao imperador em sua carta de 1º de junho: “O conde de La Tour irá levar-lhe (ao duque da Ajuda) a fotografia e se eu conseguir vendê-lo (o monumento fúnebre) por um preço ínfimo, desocuparei meu *atelier* para entregá-lo ao proprietário e está acabado”.

O escritor incompreendido, o diplomata desiludido e o escultor sem clientes estava fatigado de lutas. Ao referir-se ao escultor Berna, com quem sempre mantivera as melhores relações, Gobineau, onde agracia o seu colega, artista, com título superior ao seu, atenta a superioridade do profissional sobre o amador, como apregoava ao imperador.

Por outro lado, Gobineau, que fizera restrições ao Brasil, ao trabalhar em um monumento pelo qual tanto se encantou, não se lembrou de colocá-lo na própria Itália, uma vez que o venderia barato, nem quis mandá-lo ao escultor e seu agente vendedor, Oliva, em Paris, ou para a Alemanha, mas para o Brasil. Seria isto, de certo modo, um reflexo da sua saturação pelo continente europeu? Que influência estaria o Brasil exercendo sobre o ânimo de Gobineau?

O conde de La Tour <sup>42</sup>, ao chegar ao Brasil, procurou o escultor da Rua da Ajuda (o duque da Ajuda) cuja casa ficava próxima ao número 21 da antiga Rua Chile, e entregou a fotografia do monumento e uma carta de Gobineau, datada de Roma, a 4 de abril de 1880 <sup>43</sup>.

---

42. Conde piemontês, Vitor Sallier de La Tour, foi enviado extraordinário e ministro plenipotenciário da Itália no Brasil de 19/06/1880 a 18/10/1884. Cf. o volume *Relações Diplomáticas do Brasil*, 1913, p. 188.

43. “Rome, 4 avril 1880

Mon cher monsieur Berna.

Cette lettre vous sera remise par mon ami, monsieur le Comte de La Tour, Ministre d'Italie à Rio.

J'espère que vous ne m'avez pas oublié et c'est pourquoi je viens vous demander si vous voudriez vous charger d'une affaire.

J'ai un monument funèbre en marbre blanc, composé de deux statues de grandeur naturelle. Monsieur le Comte de La Tour vous en montrera la photographie.

Je suis disposé à la céder pour un prix très inférieur à sa valeur et, conséquence, je le donne pour un minimum de six mille francs, emballage et transport à la charge de l'acheteur, et sans nul prélèvement sur cette somme. Pour tout ce qui serait en surplus, je suis disposé à vous donner 50%, ou moitié de ce surplus.

J'ai également un de mes amis, peintre italien qui voudrait vendre un tableau dont la photographie vous sera également montrée par Monsieur le Comte de La Tour. Le cadre est en bois noir très bien travaillé. L'artiste en demande, teus frais payés, douze cents francs. Le surplus vous donnerait encore comme le monu-

Rome, 4 avril 1880.

Monsieur Monsieur Berna.

Cette lettre vous sera remise par  
mon ami, Monsieur le Comte de  
La Tour, ministre d'Italie à Rio.

J'espère que vous ne m'avez  
pas oublié et c'est pourquoi je viens  
vous demander si vous voudriez vous char-  
ger d'une affaire.

J'ai un monument funèbre en  
marbre blanc, composé de deux statues  
de grandeur naturelle. Monsieur le  
Comte de la Tour vous en montrera  
la photographie.

Je suis disposé à le céder pour un  
prix très inférieur à sa valeur et on

conséquence, je le donne pour un minimum  
de six mille francs, emballage et transport  
à la charge de l'acheteur, et sans nul préjudice  
ment sur cette somme. Par tout ce qui  
serait en surplus, j'en dispose à vous  
donner 50%, ou moitié de ce surplus.

J'ai également un de mes amis,  
peintre italien qui voudrait vendre un  
tableau dont la photographie vous sera  
également montrée par moi-même le  
Comte de la Tour. Le cadre est en  
bois noir très bien travaillé. L'ar-  
tiste en demande, tous frais payés,  
deux cent francs. Le surplus vous  
donnerait, ~~encore~~ comme le monument,  
50%. ou moitié.

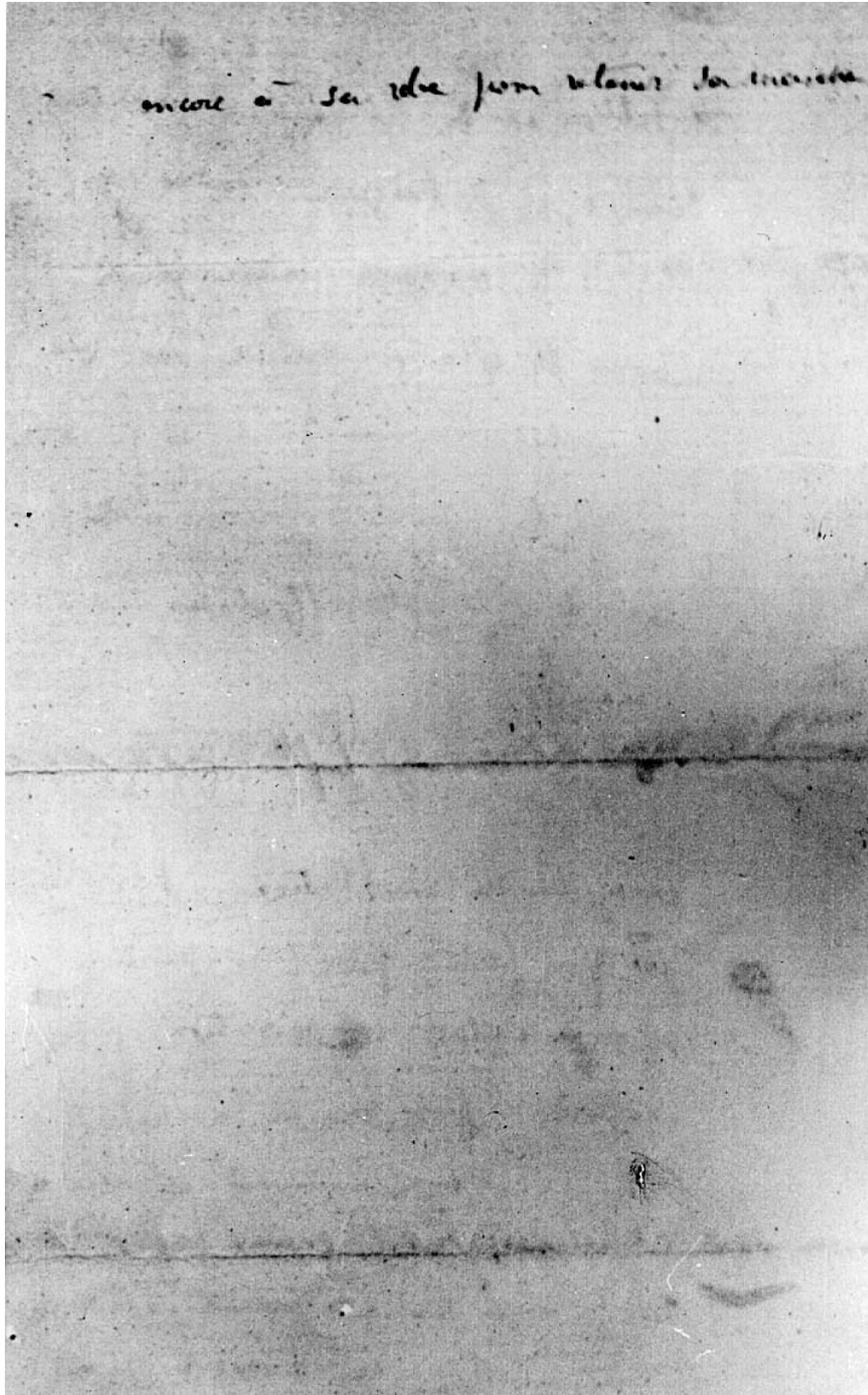
le tableau est de 7 m. 45 de hauteur  
sur 1,25 de largeur, cadre compris.

Je souhaite beaucoup pouvoir  
vous de relations suivies avec moi,  
mon cher Monsieur Dema, et je vous  
envoie la nouvelle assurance de mes  
meilleurs et plus affectueux senti-  
ments.

C<sup>te</sup> Jobineau.

avez-vous vu la statue (mina)  
que j'ai faite pour l'empereur?  
si on en voulait une réimpression, je serais  
également fort aise de la faire.

Le sujet du monument est celui-ci:  
L'âme morte (figure idéale) s'élève au  
ciel. L'ange port à la soutaine de la main  
droite, arrache de la gauche, les sens, les  
sens terrestres, les sens qui s'attachent



Como, em matéria de belas-artes, tanta coisa ainda está por se descobrir no Brasil, queremos adiantar aos interessados que em nossos cemitérios, do Caju e de São Francisco de Paula, deverão existir trabalhos de Gobineau. Monumentos funerários ou, mais possivelmente, figuras, de vez que o estatuário Berna as recebia em consignação e vendia aos seus inúmeros clientes, conforme nos adiantou o falecido professor Benevenuto Berna. Para ajudar a procura, aqui reproduzimos a marca que distinguirá tais peças.

*Francisco Marques dos Santos*

Trabalhos de Gobineau, de cuja existência, no  
Brasil, temos conhecimento

1. Busto de Alexandre, em mármore, existente no Museu do Instituto Histórico.

2. Busto de dom Pedro II, em mármore, feito a pedido da imperatriz dona Teresa Cristina. Encontrava-se no Museu Nacional. Tendo ido para os Estados Unidos, à Exposição de Nova York, está hoje nas coleções do Museu Histórico Nacional.

3. A *Mima*, encomendada pelo imperador a Gobineau. Veio da Itália em 1879 para o Paço de São Cristóvão, onde foi vendida em leilão (lote 1124) no dia 26 de setembro de 1890, por 2:000\$000, tendo sido comprada por Betencourt da Silva, para ornar uma das salas da Assembléia Constituinte <sup>44</sup>.

4 a 6. Três medalhões em gesso, representando a Fé, a Esperança e um retrato de menina, em poder do sr. Ariosto Berna.

---

ment 50% ou moitié. Le tableau est de 1m 45 de hauteur sur 1,25 de largeur, cadre compris.

Je souhaite beaucoup pouvoir nouer des relations suivies avec vous, mon cher monsieur Berna, et j'envoie la nouvelle assurance de mes meilleurs et plus affectueux sentiments.

Comte de Gobineau.

Avez vous vu la Statue (*Mima*) que j'ai faite pour l'Empereur? Si on en voulait une reduction, je serais également fort aise de la faire.

Le sujet du monument est celui-ci "L'âme morte (figure idéale) s'élève au ciel. L'ange prêt à la soutenir de la main droite, arrache de la gauche, les (ilégivel), les soins terrestres, les épines qui s'attachent encore à sa robe pour retenir sa marche".

**44.** Cf. *O Leilão do Paço de São Cristóvão*, pelo autor, in *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, 1940, p. 255.

Desses três gessos, ficaram os respectivos medalhões em mármore guardados no estabelecimento de Benevenuto Berna, quando o diplomata partiu do Rio de Janeiro. Terá, sem dúvida, muito interesse, a transcrição, aqui, da carta que Gobineau escreveu a Berna, pedindo que os remetesse a Paris:

“Paris, 23 Juin 1871.

57 rue de Chateaudun.

Mon cher monsieur Berna,

Je suppose que vous avez conservé les trois marbres.

(L’Espérance, la Foi, le portrait) et la plaque de marbre noir, dans l’incertitude de savoir où me les envoyer et vus avez pour bien fait.

Maintenant que les calamités par lesquelles la France vient de passer sont terminées, soyez assez bon pour envoyer tout cela au Havre, chez un consignataire qui aura à m’informer de l’arrivée et je dirais alors où il faudra m’expédier la caisse.

Milles compliments très affectueux.

*C<sup>e</sup>. de Gobineau.*

Je pars ce soir pour aller audevant de l’Empereur et de l’Impératrice. Ils arrivent le 26 à la frontière d’Espagne et je les accompagnerai jusqu’à Calais!”

Rascunho de uma carta de Berna a Gobineau

Otimo Sigr. Conte de Gobineau

Francia.

Dopo tanto tempo ebbi il bene per mezzo della Casa Lacombe di avvere les nove di Vostra Exa scritti per diverse volte ma mai ebbi risposta la prima mia divir ouvito che consegna a S. M. Imperiale la medaglia che V. E. mi lostio e come fu bene acceta da sua Maestá come pure dettatio del altri lavori che fino oggi nem mi fu possibile definir per diverse circostanze che succedettero, pera mi remittero alio pra e spero in breve glienes faro rimetto.

Paris, 23 juin 1871.  
57 rue de Châteaudun.

Mon cher Monsieur Berna,

Je suppose que vos arts conservé le trois  
marbres (l'épiscopat, la foi, le portrait), la  
plaque de marbre noir dans l'incertitude de  
savoir on me le envoie et vos arts font  
très fait.

Maintenant que les calamités par  
lesquelles la France vient de passer sont ter-  
minées, soyez aux bons pour envoyer tout cela  
au Havre chez un commissionnaire qui aura  
à m'en informer de l'arrivée et je dirai alors  
on il faudra m'expédier la caisse.

Mille compliments et très affectueux.

O. de Gobineau.  
Le parti ce moi non aller audement de

l'Empereur et l'Impératrice. Ils arrivent  
le 26 à la frontière d'Espagne et je  
les accompagnerai jusqu'à Calas.

**FRANÇOIS GONAZ**



## François Gonaz

A divulgação cultural e artística brasileira no passado foi, muitas vezes, promovida por personalidades que se encontram inteiramente esquecidas. Artistas pintores fixaram a nossa paisagem, flora e fauna, divulgando-as no estrangeiro por meio de desenhos, aquarelas e óleos, desde a época nassoviana, sendo Franz Post, Zacarias Wagner e Eckout os pioneiros.

Sem dúvida, as informações do Brasil – quanto às coisas da sua natureza – despertaram incrível curiosidade. Artistas e naturalistas por aqui passaram e comunicaram, de uma forma ou de outra, os seus trabalhos no mundo civilizado.

Apesar de muitos anos decorridos, surgem sempre notícias do êxito causado por exposições, panoramas e desenhos brasileiros na Europa. A propaganda do Brasil, felizmente, tornou-se mais apreciável depois que o nosso país começou a participar das exposições internacionais, a partir da de Londres, em 1851.

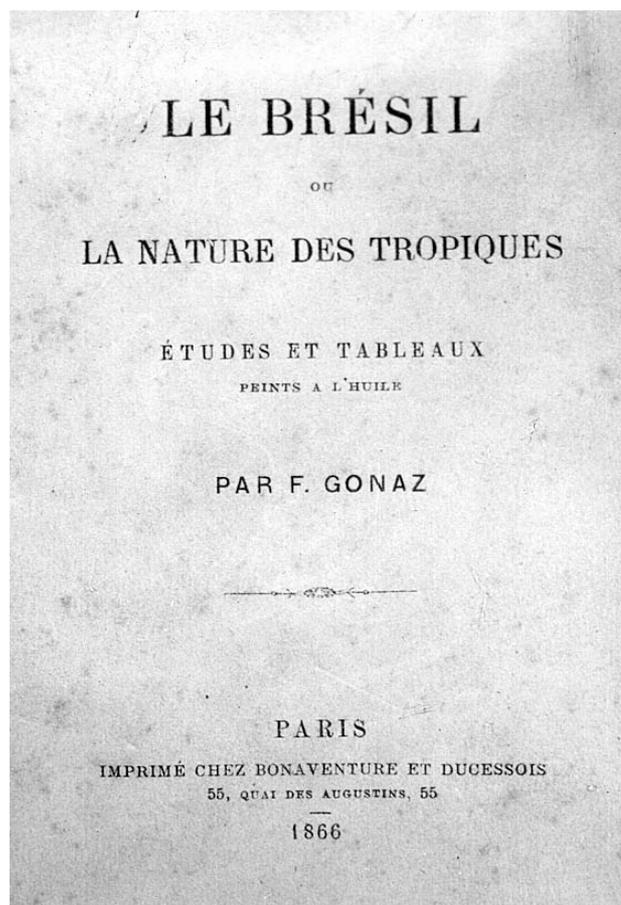
Fator decisivo de divulgação, no entanto, foram as expedições e missões científicas, que constantemente percorriam o orbe e cruzavam os portos e as nossas cidades, com os seus especialistas, botânicos, zoólogos e naturalistas, inclusive desenhistas e pintores.

Príncipes europeus, durante a época imperial, nos visitaram – e também fizeram-se acompanhar de pintores, cujas produções e nomes continuam ignorados, mesmo por esses ardorosos desvendadores que, periodicamente, aparecem comunicando suas *trouvailles*...

E, hoje, de toda essa faina, ainda nos surgem, de torna-viagem, remanescentes a recordar ao Brasil moderno a sua natureza, o seu passado...

É justamente desse tempo do Império que encontramos um francês, François Gonaz, pintor que aqui esteve, e, tranqüilamente, percorreu o Brasil e retornou à sua pátria, levando colheita valiosa; fez sucesso, e depois, como tantos, ficou esquecido dos brasileiros.

Seu raríssimo opúsculo: *O Brasil* ou a *Natureza dos Trópicos*; estudos e quadros pintados a óleo, Paris, 1866, recorda-nos valiosa divulgação de benemérito itinerante, desenhista e pintor de plantas, frutos e flores, animais, num sentido de amador do belo, conforme, certamente, lhe poderia ter inculcado Félix Emílio Taunay, no Rio de Janeiro daquele tempo.



Mas, François Gonaz bem reproduziu a natureza dos trópicos. Assim a macaibeira (*Acronomia Casiospatha*), jambos brancos e cor-de-rosa, cajus, mangas, melão preto (?) de Pernambuco, sapotis, melancias, maracujás, sapucaias (*marmite du singe*), mamões, goiabas, cocos de dendê, ananases cônicos, laranjas-de-umbigo, ci-

---

1. Daremos o menos possível os nomes científicos, porque o público se preocupa muito pouco com eles e os eruditos deles não necessitam.

dras, jacas, frutas-pães, mangas e frutas do norte. Empolgaram ao pintor as flores, sem exceção das bromélias e lírios das matas virgens do Pará.

Os animais, as flores e os frutos foram o êxito de famosa exposição parisiense de Gonaz; o tatu-mirim, o peba e o vermelho, o manso camelião, o gavião, o lagarto, a cobra-coral, o sarigüê (gambá), a tartaruga do oceano, plenamente acorreram à palheta do gaulês, visitante de *ce beau pays du Brésil!*

Teve Gonaz oportunidade de fornecer-nos indicações de artigos publicados sobre suas pinturas brasileiras, escritos por E. Chesneau, no *Constitutionnel*; por Fernay, na *Illustration*; por J. Guigard, na *Revue des Provinces* e finalmente, transcrever, como apresentação de seu opúsculo, um artigo do ilustre Charles Blanc, publicado na *Gazette des Beaux-Arts*, em abril de 1866.

O raro livrinho – antes um catálogo do que pintou Gonaz para a sua mostra em Paris – nos convenceu, por seu interesse e raridade, de reproduzi-lo, linhas abaixo, em preto de homenagem, pois é merecedor de apreço.

E. Bénézit no seu *Dictionnaire Critique et Documentaire des Peintres, Sculpteurs, Dessinateurs et Graveurs* (edição de 1924) assim se refere: “Gonaz (François dit Francisque) pintor, nascido em Lion. Século XIX. Expôs em Paris, em 1846 a 1866, estudos representando flores e frutos e naturezas mortas; em 1863, Frutos no Brasil; em 1864, Flores e frutos das regiões tropicais; em 1865, Tartaruga do Oceano, estudo feito no Brasil”. A edição de Bénézit de 1956, cita mais o seguinte: “Museus – Cincinnati, Flores e frutos brasileiros. Paris, no Museu de História Natural, o mesmo assunto”.

A seguir transcreveremos a tradução das oito páginas do opúsculo de Gonaz, com seu ligeiro prefácio; o ótimo comentário de Charles Blanc na *Gazette des Beaux-Arts*, de abril de 1884 e o catálogo com 37 itens. No último, verá o leitor uma aquarela do Brasil, onde se encontram todos os frutos mais importantes das regiões tropicais, grupados em volta de uma daquelas talhas da Bahia, que conservam a água fresca.

A vivacidade do grande crítico e mestre francês Charles Blanc, entusiasmado com a produção de Gonaz, nos dá a certeza de quão brasileira foi aquela mostra.

---

2. Este fruto erradamente sempre confundido, nos livros de história natural, que servem para a instrução, com a fruta-pão, é bem diferente, embora pertença à mesma família.

De François Gonaz não sabemos o que perdura em nosso país. Vêmo-lo figurando na Exposição da Imperial Academia de Belas-Artes, em 1852, com um quadro de flores, de número 40, e constando do catálogo o seu endereço na rua da Quitanda, 48.

No catálogo da exposição de 1859, da mesma academia, figurava com o número 12, um quadro de Gonaz, pertencente à coleção do sr. J. G. Le Gros, intitulado *Frutas do Brasil*.

Asseguramos, também, ter lido alguma breve notícia a propósito de suas produções, mas sem calor algum!

Verificamos no Catálogo da Exposição de História do Brasil de 1881, que Gonaz lá tem consignado o seu livro e, do mesmo modo, ele está citado por Georges Readers, na *Bibliographie Franco Brésilienne*, p. 138, verbete 48/2, edição do Instituto Nacional do Livro, 1960.

Estamos certos de que principalmente a exposição de Gonaz, em Paris, em 1864, teria tido cunho altamente didático com referência às plantas e aos animais da região tropical brasileira, pela fidelidade pictórica do artista e pela espontaneidade e franqueza de apreciação de Charles Blanc.

*Francisco Marques dos Santos*

## O Brasil ou a natureza dos trópicos

“Relanceando o catálogo, reconhecer-se-á a variedade e a singularidade dos assuntos que estão expostos. Flores, frutos, animais, em toda parte o pintor procurou, nos seus estudos, ser verdadeiro ao mesmo tempo que original.

“Mas, antes de abordarmos essa nomenclatura árida, alguns pormenores tornam-se necessários à interpretação da obra. Semelhante tarefa era-me difícil de cumprir. Além de ser aborrecido a um autor falar de si mesmo, ou do que faz, eu não teria podido empreendê-lo livremente, nem fazê-lo com o talento dos homens distintos que se dignaram ocupar-se disso.

“Para alcançar esse fim, bastar-me-á pois escolher entre artigos todos igualmente recomendáveis e benevolentes. E. Chesneau, no *Constitutionel*, Ferney na *Illustration*, J. Guigard na *Revue des Provinces*, e outros escritores tão sábios quanto eruditos, prodigalizaram-me o louvor. Lícito me seja aqui agradecer-lhes mais uma vez e, nesta circunstância, sejam eles servidos ceder o lugar a um homem que há vinte anos se ocupa de arte com tanto espírito quanto coração. Falo do autor ilustre da *Vida dos Pintores*, o sr. Charles Blanc”.

F. G.

Antes de embarcar, o sr. Gonaz aprendera a pintura não sei onde, e pouco importa; de qualquer modo, ele possuía a sua arte às mil maravilhas; sabia-lhe todos os recursos, todas as finuras; era versado em todas as habilidades do pincel; via com justeza a forma e o tom. Mas, chegado à América, julgou dever tomar lições com um professor emérito, que lhe ensinou as leis da cor muito melhor do que o teriam feito Eugène Delacroix e Chevreul: esse professor foi a Natureza. Ficou algum tempo deslumbrado com os quadros sempre sublimes e sempre variados dessa colorista incomparável, dessa decoradora inexaurível; e, desesperando de repro-

duzi-los algum dia no conjunto, tentou reproduzi-los em detalhe. – Apegou-se particularmente às flores, às frutas, aos animais, e pouco a pouco chegou a formar uma coleção admirável de riqueza e de brilho, de variedade e de verdade, uma coleção que encantou os botânicos ingleses, que faria a alegria do Museu de História Natural ou do Jardim de Aclimação, e que, para nós outros, simples amadores de pintura, vale por um espetáculo sem preço, um buquê de cores cuja gama muda a todo instante; um gozo cujo caráter se renova a cada quadro.

Se bem que haja apresentado de preferência os grandes frutos do Brasil, o sr. Gonaz não descurou as flores que fazem o ornamento dos bosques e dos jardins. Foi assim que ele pintou o cactus grandiflora, cuja bela corola só se abre entre dez horas e meia-noite, para se fechar pouco antes da aurora; o frangipaneiro cheiroso, as bromélias, o convólvo, os lírios silvestres de folhas largas e carnudas, a eritrina, as folhas escarlates que acompanham a inflorescência do poinsettia e das passifloras, tão notáveis pela delicadeza da estrutura como pela opulência do colorido. Tanto quanto possível, fazendo o retrato de um fruto, o sr. Gonaz pintou-lhe a folha e a flor, a fim de apresentar uma imagem completa do vegetal. Por exemplo, ao lado de um cacho de cocos preso à árvore, colocou a panícula florida que lhes deu nascimento, saindo de uma longa espata, para mostrar em todo o seu brilho, as suas numerosas espigas de ouro... e essas variedades de substâncias e de matizes foram reproduzidas com rara felicidade, aqui por uma pintura nutrida, empastada, cujos grumos captam a propósito a luz; ali, por ligeiras frottis, camadas de cor leve e transparente que deixam transparecer o fundo do espetáculo. Todos os ardis de processos inventados pelos práticos das escolas flamenga e holandesa, os Teniers, os Kalf, os Hédá, os Metsu, os Zorg, foram postos em obra pelo sr. Gonaz, para exprimir o fosco ou o polido, o seco ou o úmido, o liso ou o granuloso, o liso ou o felpudo.

Uma vez assentes a forma e o movimento de suas plantas, uma vez estabelecidos os interiores, o artista chegou gradualmente a dizer tudo, a tudo precisar; cada pincelada veio então rematar a definição do vegetal ou da flor, para perfeita satisfação do naturalista.

Esta expressão pelo toque, comprazeu-se também o pintor em procurá-la na cor do pelo dos animais, especialmente na plumagem dos papagaios, nas estrias ou nas malhas dos répteis, na veste do iguano, por exemplo, e da cobra-coral. Os indivíduos dessa espécie

perdem totalmente, com a vida, as largas placas de um vermelho vivo que os caracterizam, e os efeitos cambiantes das suas escamas. Assim, nas coleções de história natural onde a gente os vê expostos, havendo seu rico adorno desaparecido, eles são inteiramente irreconhecíveis. Mas foram principalmente as frutas do Brasil que o sr. Gonaz se aplicou a reproduzir. Ele pensou que uma planta era preciosa sobretudo por aquilo que é o fim da sua existência e o próprio desígnio da Criação. Graças a ele, temos aí uma ocasião única de observar frutas que não seria possível obter no nosso solo ou nas nossas serras, e esta ocasião seria prudente aproveitá-la, agora que o estudo da botânica se tornou obrigatório para os alunos dos nossos colégios, e que as compilações em uso estão cheias de descrições errôneas e de más gravuras, pelo menos no que concerne às plantas tropicais.

No Brasil colhem-se, as mais das vezes sem cultura, alguns dos frutos da Europa, segundo a latitude, e os numerosos produtos indígenas juntos a todos os outrora importados das Índias Orientais ou das diferentes partes do mundo. Os produtos do solo reconhecem-se pelos seus nomes indígenas, tais como cajus, ananás, sapucaias, pitangas, maracujás, cacau, e outros nomes tão pouco compreensíveis para o público como os termos científicos que foram utilizados para classificá-los. Pelo contrário, os que se devem à importação chamam-se cafeeiro, algodoeiro, mangueira, árvore de pão, cana-de-açúcar. Os eruditos em botânica (e eu não sou do número), visitando a coleção do sr. Gonaz, comprazer-se-iam em dizer que, ao contrário dos nossos frutos da Europa, que são aguados, todas essas frutas da América têm sabores fortemente aromáticos; que o aroma é penetrante na jaca, na manga, no caju; fino, e delicado no fruto da passiflora purpúrea (maracujá); doce e açucarado na laranja-de-umbigo; suave, delicioso no abacaxi de Pernambuco ou do Pará... Mas, quanto a nós, o que nos impressiona é o lado pitoresco dessa obra; são as qualidades verdadeiramente excelentes da pintura. Os aromas, os sabores dessas frutas, o ácido frescor de umas, a doçura de outras, são-nos transmitidos pelas sensações da vista, tão hábil foi o pintor em empregar aí os acentos do toque e o picante das cores. Onde outros verão sem dúvida uma multidão de imagens vivas que vêm enriquecer o domínio da ciência, e um serviço prestado ao ensino da botânica, basta-me ver e admirar inúmeros motivos de ornato para as nossas fábricas de seda, de tapetes e de papéis pintados, uma reunião de

objetos de arte extremamente preciosa, digna do Museu de História Natural, e tal no seu gênero, como não poderia mostrá-la nenhum estabelecimento, nenhum museu da Europa”.

(*Gazette des Beaux-Arts*, abril de 1864).

### Catálogo

1. Flores de uma palmeira bojuda chamada macaibeira na província de Pernambuco (*Acrocomia Casiospatha*)<sup>1</sup>. Saem de uma comprida bainha ou espata felpuda. (A espata que serviu de modelo, vê-se ao lado do quadro.)
2. Bromélias e lírios das matas virgens do Pará.
3. Jambos brancos, cor-de-rosa; cajus; mangas, melão preto (província de Pernambuco).
4. Num pires de porcelana do Japão, o delicioso sapoti, duas mangas da Bahia, uma das quais deixa ver a sua carne saborosa; uma melancia (Pernambuco).
5. Frutos da árvore do pão (frutas-pães). Essa preciosa fruta brota numa árvore de grandíssimo porte, e notável pelas suas largas folhas de figueira. A polpa dessa fruta, que contém fécula, é muito macia, e come-se em fatias depois de assada no forno.
6. Frangipaneiro cheiroso. Anona, mangas da Bahia, ananás cônico. (Abacaxi de Pernambuco).
7. Cidras; laranjas-de-imbigo. (Imbigo, corruptela de umbigo, em português). Espécie notável pela doçura, por um embrião estufado para fora, e pelo aborto das pevides, encontra-se somente no norte do Brasil.
8. Flores do coqueiro vulgar.
9. Tatu-mirim e tatu-peba.
10. Ramo de café. O grão passa do vermelho-púrpura ao verde-claro (sic), conforme o estado de maturidade.
11. Camaleão da América; animal mansíssimo servindo-se unicamente da cauda como chicote para se defender. Tatu vermelho.
12. Jaca (originária da Índia).
13. Cacho de cocos preso à árvore.
14. Envoltórios florais das bananas. Podem-se ver as suas espatas violáceas.
15. Flores do coqueiro vulgar saindo da vagem.
16. Cicas; essa espécie dá sagu.
17. Haste florida de iúca.
18. Papaia (mamão); sapucaia (*marmite du singe*), cujo opérculo é retirado para mostrar as castanhas que ela contém. Um lagarto grande (iguano).
19. Goiaba, pequena fruta amarela empregada para fazer o célebre doce desse nome. Uma flor de aroma; pirangas, gracioso fruto de lados de uma espécie de mirto. Passiflora purpúrea e seu fruto (maracujá).

20. Duas jacas, uma das quais aberta para mostrar o interior da fruta. Flor purpúrea de uma espécie de bananeira (*musa coccinea*).
21. Flores, folha e frutos de bananeira do paraíso.
22. Penca de bananas verdes.
23. Fruto do pandanos; abóbora meio amarela meio verde (cores nacionais do Brasil), e por esta razão chamada *Abóbora da Independência*. Estrelícia da Rainha. Alpinia de flores pendentes. (Província do Rio de Janeiro).
24. Passiflora azul (maracujá) e seu fruto. Convólculo.
25. Ananás provido de dezoito olhos. As folhas do pedúnculo estão abertas.
26. Cacho de cocos de dendê. Neste fruto, a parte fibrosa externa é a única comestível, e dá um azeite espesso, muito empregado na cozinha pelos indígenas. Dois cachos menores têm muitas relações, pela forma, pela cor, com cachos de uvas pretas. Ademais, a parte externa, geralmente fibrosa, é também a única comestível, e contém, nas malhas do seu tecido, um pequeno licor ácido que tem alguma analogia com o suco de certas uvas. Vários frutos vermelhos de uma estercúlia.
27. Jaca aberta <sup>2</sup>. Este fruto, precioso para todos os habitantes das regiões intertropicais do globo, é formado de uma polpa aromática e açucarada entre cujos septos abundam castanhas nutritivas. Um só destes frutos pode prover, quase sem preparação, ao jantar de uma família inteira. A árvore que os dá é magnífica; a sua folhagem é de um belo verde-escuro e, pela incisão, uma seiva abundante escorre do tronco e dos galhos.
28. Gavião e lagarto iguano. Este lagarto, cuja carne é branca e tenra, é comido pelos indígenas.
29. Ananás do Rio de Janeiro.
30. Cesta de laranjas seletas, as melhores laranjas conhecidas. Dois frutos de uma estercúlia.
31. Bananas vermelhas de Taiti; figos do *cactus cereus*.
32. Fruta-pão com sua inflorescência.
33. Três espécies de cobra-coral; as duas grandes são as únicas providas de presas venenosas como a víbora. Estes répteis cujos anéis são de um vermelho vivíssimo, perdem o brilho e as cores cambiantes depois da morte. Nenhuma coleção de história natural pode mostrá-las tais como estão aqui. Uma cobra verde.
34. Sarigüês e papagaio. O sarigüê, representado nos livros de história natural como um interessante herbívoro, é, em que pese aos srs. naturalistas, um dos animais mais sanguinários da criação. Dotado de grande força, apesar da sua pequenez, resiste aos cães maiores do que ele. A sua leveza e a sua cauda enroscante permitem-lhe trepar, agarrar-se onde só o macaco poderia alcançar. Quanto à sua ferocidade, esta excede talvez à da raposa; pois o sarigüê mata e estrangula nos galinheiros para se fartar de sangue, e não para satisfazer a fome. O seu pelo é basto e fulvo, o seu cheiro fortemente almiscarado. A parte a sua força e agilidade, ele tem nas patas traseiras um polegar oponível como na mão do homem; unhas agudas nos outros dedos, e uma mandíbula armada de caninos acerados, que são meios para dar curso aos seus instintos destruidores. A sua carne é insuportável, e nenhum partido se pode tirar da pele.
35. Uma melancia aberta, ananases cônicos (abacaxis), frutos saborosos; uma grande penca de bananas; uma fruta-pão; uma cobra verde.
36. Tartaruga do oceano (tamanho médio).
37. Este quadro reúne todos os frutos mais importantes das regiões tropicais. Nota-se nele: uma enorme penca de bananas maduras, cajus, mangas, pitangas, a sapucaia (*marmite du singe*), a cana-de-açúcar, fruta-pão, três espécies de cocos, o ananás, o mamão, o fruto do pandano; depois laranjas, café, o eufórbio de folhas escarlates, etc., o todo repousando em folhas do lataneiro da ilha Bourbon, e agrupando-se em torno de uma daquelas grandes talhas da Bahia em que a água se conserva fresca durante os calores, não raro sufocantes daquelas regiões.



## **NOTICIÁRIO**



## **Noticiário**

Em 31 de dezembro de 1959.

Senhor ministro:

Em obediência ao regimento desta repartição vimos apresentar a vossa excelência o relatório sobre as atividades do Museu Imperial no decorrer do ano de 1959.

### Principais acontecimentos

Podemos destacar como principal realização o término dos trabalhos de instalação do sistema de refrigeração e aquecimento do auditório.

Outro fato digno de registro foi a publicação do Catálogo da Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário da Instalação da Primeira Câmara Municipal de Petrópolis, editado pelo Museu, porque foi a única manifestação assinalando a histórica efeméride.

Graças ao seu patriotismo, o doutor Guilherme Guinle, ciente do nosso constante interesse em aprimorar as coleções desta casa, doou ao museu opulenta coleção de medalhas comemorativas, de ouro de 22 quilates, num total de sessenta e cinco peças, avaliada em cerca de dois milhões de cruzeiros.

### Atividades culturais

Foi o seguinte o movimento do auditório:

Conferências:

“Uma Brasileira em Paris Romântico”, pelo prof. Pedro Calmon, em 21 de fevereiro e “A Realidade Política do Município

pelo dr. José Eduardo do Prado Kelly, em 11 de junho, promovidas pelo Museu Imperial.

“Dom Pedro II na iconografia do Museu Imperial” – pelo dr. Cláudio Tomás Teles Bardy, em 15 de março; “A Câmara Centenária” – pelo sr. José Kopke Fróes, em 13 de junho; “Cidade de Petrópolis Antigamente” – pelo dr. Henrique Carneiro Leão Teixeira, em 26 de setembro; “Do Arraial da Meia Pataca à Fazenda do Itamarati” – pelo sr. Marcos Carneiro de Mendonça, em 5 de dezembro; promovidas pelo Instituto Histórico de Petrópolis.

“Preparação dos jovens para o casamento” – por dom Jerônimo de Sá Cavalcante, em 20 de fevereiro, promovida pela Associação das Mães Cristãs.

“Preparação para o Casamento” – curso patrocinado pela Associação dos Pais de Família, realizado de 12 de setembro a 7 de novembro.

Solenidades patrocinadas pela Associação dos Profissionais Odontólogos em 8 de janeiro e 15 de maio, esta última em conjunto com a Sociedade Médica de Petrópolis.

Reuniões patrocinadas pela Sociedade Médica de Petrópolis: posse da nova diretoria em 3 de fevereiro; em 17 de março apresentação de filmes científicos e em 23 de setembro comemorativa de sua fundação.

Solenidade do Centro de Estudos Médicos do IAPI, em 6 de fevereiro.

Entrega de diplomas aos alunos que terminaram o curso da Escola Remington em 18 de janeiro.

Diplomação do curso de Formação Social, em 17 de maio, e apresentação do coral do trabalhador em 28 de maio, promoções do Serviço Social da Indústria.

Sessão cinematográfica, patrocinada pelo Centro Excursionista de Petrópolis, em 16 de maio.

Sessão cinematográfica do Aero Clube de Petrópolis, em 13 de novembro.

Apresentação do coral da Escola Evangélica de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, em 11 de julho, homenageando o Museu Imperial.

Apresentação de *slides* sobre Petrópolis feita pelo sr. Curt Scobel.

Encerramento do ano letivo do Colégio Chapelinho Vermelho em 29 de novembro.

Sessões com filmes selecionados, realizadas semanalmente pelo Centro Petropolitano de Estudos Cinematográficos.

#### Exposições

Exposição comemorativa da instalação da primeira Câmara Municipal de Petrópolis, inaugurada por ocasião das respectivas solenidades.

Exposição de fotografias do Centro Excursionista Petropolitano.

#### Visitação

Durante o ano de 1959, o Museu Imperial foi visitado por 172.577 pessoas, sendo 64.479 homens, 77.766 mulheres, 12.344 crianças.

Em 1958, a visitação foi de 154.621 pessoas, por conseguinte, neste ano, houve um aumento de 17.955 pessoas.

Altas personalidades visitaram o Museu: duquesa de Kent, grão-duque de Luxemburgo e princesa Josefina Carlota de Luxemburgo; marajá de Baroda; sr. Ferreira de Castro, escritor português; sr. J. M. Cabot, embaixador dos Estados Unidos da América e senhora; sr. Lin Yutang, escritor chinês; prof. Mário Tavares Chicó, diretor do Museu de Évora, Portugal; embaixador da Bélgica e senhora; embaixador da Holanda e senhora.

Entre a visitação de caráter coletivo, anotamos as seguintes: Instituto Abel, Niterói (RJ); Associação Atlética Banco do Brasil (DF); Instituto Méier e Instituto Comercial Brasil, (DF); Grupo Escoteiros Loyola, (DF); Moema Clube, Niterói, (RJ); delegação de professores de Florianópolis, (SC); Escola 6-20 Virgílio Várzea, (DF); Cruzada Eucarística da Basílica de Santa Teresinha, (DF); excursionistas de Campinas, (SP); excursionistas de Cornélio Procópio (PR); caravana do Instituto de Educação Os-

valdo Cruz, Alegrete (RS); União da Mocidade da Igreja Batista, Cachambi, (DF); Touring Clube do Brasil, (DF); turistas japoneses; grupo de operários da Fábrica Nacional de Motores SA; curso de preparação de professores de História da CADES, MEC; Paróquia Nossa Senhora de Nazaré, (DF); Congresso Pan-americano das Sociedades Metodistas; Escola Primária Estadual do bairro Castrioto, Petrópolis (RJ); Ginásio Estadual Washington Luís, Petrópolis (RJ); Orfanato Presbiteriano (DF); jornalistas convidados pelo Loyd Aéreo Nacional; seminário arquidiocesano de São José (DF); delegação do Rotary Clube, da Califórnia, EUA; caravana da igreja sueca; Pia União das Filhas de Maria de Nossa Senhora de Guadalupe; turistas americanos vindos pela Exprinter; Sociedade Mineira de Engenheiros; comitiva da duquesa de Kent acompanhada do embaixador Camilo de Oliveira e senhora; turistas suíços vindos pela Exprinter; grupo de professores de São Paulo; grupo de estudantes do Rio de Janeiro (DF); turistas vindos pelos navios belga *Walter Leonard* e *Lulua, Belga*; Lions Clube de Petrópolis; Escola Pio X, Areal (RJ); SESI, Rio de Janeiro (DF); Escola Gratuita Santo Antônio, Alto da Serra, Petrópolis (RJ); Colégio Santa Isabel, Petrópolis (RJ); caravana de funcionários do Ministério da Educação e Cultura; Escola Paraguai, (DF); Escola Paroquial de São Sebastião (RJ); Instituto Meyer, (DF); Grêmio Cultural do Colégio Brasil, Petrópolis, (RJ); Associação Luísa de Marillac, Juiz de Fora, (MG); excursão estudantil de Campo Grande, (DF); Grupo de Escoteiros São João Batista, (DF); Grêmio Recreativo de Ramos, (DF); convenção de contadores da General Motors do Brasil; bandeirantes do Rio de Janeiro (DF); Instituto de Educação do DF; Escola Normal Santo Antônio (RJ); Cursos Preparatórios Especializados (DF); alunas do Curso de Especialização de Professoras Primárias de Surdos do Instituto Benjamim Constant (DF); Usabra Ind. e Comércio S/A (DF); Grupo Escolar Gramacho (RJ); Federação dos Estudantes Secundários de Niterói, (RJ); Escola Santo Antônio da Fábrica Nacional de Motores (RJ); Colégio Imaculada Conceição (DF); bolsistas da UNESCO; Educandário Helvécio Xavier Lopes (DF); caravana do Colégio Independência de Petrópolis (RJ); Colégio Arte e Instrução (DF); Colégio Mendes de Moraes, Ilha do Governador (DF); Ginásio Mageense, Magé (RJ); I Jornada do Colégio Internacional de Cirurgias; Escola Hebreu-Brasileira Hertzilia

(DF); bandeirantes da Tijuca, (DF); grupo de escoteiros de Brás de Pina (DF); Escola de Belas-Artes São Marcelino, São Paulo; Ginásio Governador, Ilha do Governador (DF); Escola Floriano Peixoto (DF); Ginásio Imaculada, Juiz de Fora (MG); Colégio Santa Marcelina, Alto da Boa Vista (DF); Escola Wladimir Matta (DF); seminaristas maiores do Instituto Teológico Pio XII; Colégio Bennet (DF); Ginásio Santa Bernadette, Niterói (RJ); Bangu Atlético Clube, ala juvenil (DF); grupo de escoteiros do Mar Presidente Vargas, Irajá (DF); Colégio Barcelos Costa (DF); Instituto Teológico Pio XI, São Paulo (SP); Colégio Anglo-Americano (DF); Colégio Dom Bosco, Brasília; Grupo Escolar Cardoso Fontes, Petrópolis (RJ); Colégio Escola Normal Santa Dorotéia, Rio Comprido (DF); Ginásio Professor Raja Gabaglia, Campo Grande (DF); Ginásio Nossa Senhora da Paz (DF); caravana de professores do Colégio São Fabiano (DF); Grupo Escoteiro Nelson Santos Figueiredo (DF); Ginásio Manuel Duarte (RJ); Colégio Nossa Senhora da Conceição, Serro (MG); Liceu de Humanidades de Campos (RJ); Fábrica de Tecidos Bangu (DF); Escola Técnica Nossa Senhora do Rosário, Porto Alegre (RS); Universidade Católica de Campinas (SP); Federação de Tênis do Rio Grande do Sul; Colégio Coração Eucarístico, Itanhandu (MG); Instituto Santa Dorotéia, Pouso Alegre (MG); Escola Técnica Senador Ernesto Dorneles, Porto Alegre (RS); Colégio Santa Teresa de Jesus, Ceará; Escola Vergueiro, São Paulo; Escola Técnica de Comércio Protásio Alves, Porto Alegre (RS); Educandário Santa Cruz (DF); União da Mocidade Presbiteriana (DF); coral da Escola Normal Evangélica São Leopoldo (RS); Congresso Internacional sobre doenças de Chagas; Ginásio Tristão da Cunha, Teófilo Otoni (MG); Pequeno Lar São José (DF); Colégio São José (DF); Irmãs de São Carlos, Petrópolis (RJ); Colégio Sacré Coeur de Marie de São Paulo; Colégio Estadual Júlio de Castilho, Porto Alegre (RS); Colégio Sevigné, Porto Alegre (RS); Ginásio Israelita Brasileiro, Porto Alegre (RS); Escola Bolívia (DF); Escola de Agronomia Eliseu Maciel, Pelotas (RS); Escola Normal Juvenal Miller (RS); I Congresso Brasileiro de Antigos Alunos Maristas; Escola Técnica de Comércio Sant'Ana (RS); Escola Normal São José, São Leopoldo (RS); Escola Industrial Dr. Cilon Rosa, Santa Maria (RS); Preventório Santa Clara, Paraíba do Sul (RJ); Marianos de São João Nepomuceno (MG); Escola Normal Sara Kubitschek; Externato Pio XII (DF); Escola Normal Assis Brasil, Pelotas

(RS); Instituto Anunciação, Serro Largo (RS); Clube dos Decoradores do Rio de Janeiro; Clube Excursionista de Morro Azul (RS); Colégio Stella Matutina, Juiz de Fora (MG); caravana de alunos do curso sobre aspectos históricos e pitorescos da cidade do Rio de Janeiro; Ginásio Alcântara (DF); Grupo Escoteiro São Sebastião (DF); Colégio Yole Bessa de Sousa, Petrópolis (RJ); Escola 1-21 Barão da Taquara (DF); Escola 9-12 Presidente Eurico Dutra, IAPI; Colégio Notre Dame de Sion, Petrópolis (RJ); Colégio Mallet Soares (DF); Colégio Brasil, Niterói (RJ); turistas vindos pela agência de viagens Camilo Kahn; Ginásio São José de Itaipava, Petrópolis (RJ); Colégio Washington Luís, Petrópolis (RJ); Colégio Dois de Dezembro (DF); Instituto Coração de Jesus (DF); Escola 6-27 Amazonas (DF); delegação dos colégios militares de Lisboa e do Rio de Janeiro; Colégios Estadual e Escola Normal de Mirassol, São Paulo; Escola Pré-Vocacional (DF); Escola Particular do Moinho Velho, Cotia (SP); Escola nº 27, Correias, Petrópolis (RJ); Ginásio Valenciano São José de Valença (RJ); Escola Industrial Ferreira Viana (DF); Escola Barão de Taquara (DF); Colégio São Vicente de Paulo, Niterói (RJ); Academia de Estudos Excelsior, Chile; Instituto Comercial Brasil; Colégio São Judas Tadeu (DF); Congresso Internacional de Estradas de Rodagem; Instituto Municipal de Ilhéus, Bahia; Seminário Diocesano Nossa Senhora do Amor Divino, Petrópolis (RJ); Ginásio Professor Miguel Jardim, Niterói (RJ); Instituto de Educação Coronel João Cruz, Avaré (SP); Colégio Entre Rios, Três Rios (RJ); Colégio Imaculada Conceição, Barbacena (MG); Colégio João Lira, (DF); Escola Normal Carmela Dutra (DF) Escola 1-29 Almirante Saldanha (DF); Grupo Escolar Mariano Procópio, Areal (RJ); Grupo Escolar Cel. Antônio Pessanha (RJ); Escola Rotary 5-12 (DF); Escola Mista da Companhia Petropolitana, Cascatinha, Petrópolis (RJ); Escola 7-29 Nestor Vítor (DF); Colégio Municipal Visconde de Cairu (DF); grupo de bandeirantes Sagrado Coração de Jesus; Ginásio Santo Antônio, São Paulo (SP); Escola Barão do Rio Branco, Petrópolis (RJ); Instituto Leon Rodrigues (DF); Colégio Belisário dos Santos (DF); Ginásio Meritiense (RJ); Grupo Escolar Barão de Sepetiba, Magé (RJ); Colégio Nossa Senhora de Lourdes (DF); Colégio Nossa Senhora do Carmo, Petrópolis (RJ); Grupo Escolar Irmã Cecília Jardim, Petrópolis (RJ); Ginásio Nossa Senhora das Dores (RJ); Colégio Sacré Coeur de Jesus (DF); delegação de

hóquei em patins, da Federação Pernambucana de Desportos Amadores, Recife (PE); Colégio Sagrado Coração de Jesus, Montevidéu, Uruguai; Colégio Sacré Coeur de Jesus, Curitiba (PR); Liceu Nilo Pessanha, Niterói (RJ); Colégio Nossa Senhora das Dores, Nova Friburgo (RJ); oficiais da Aeronáutica argentina; Grupo Escolar Edmundo Silva, Araruama (RJ); Grupo Escolar Condessa do Rio Novo, Três Rios (RJ); Instituto de Educação, Campos (RJ); Escola Municipal Getúlio Vargas e Escola Municipal Monteiro Lobato, Duque de Caxias (RJ); Grupo Escolar Raul Vidal (RJ); bolsistas dos centros de puericultura da Legião Brasileira de Assistência; Grupo Escolar Antônio Francisco Leal, Tinguá (RJ); Colégio Santo Amaro, (DF); Colégio e Instituto de Educação Martim Afonso, São Paulo (SP); Colégio Imaculada Conceição de Jacarezinho (PR); Educandário Rui Barbosa (RJ); Escola Pio XII (DF); Paróquia de São Gonçalo (RJ); Colégio de Santa Catarina, Juiz de Fora (MG); Instituto Santíssima Trindade, Juiz de Fora (MG); Ginásio Luís Palmier, Niterói (RJ); Escola 3-17 S. Paulo (DF); Escola Primária Israelita I. L. Peretz (DF); Colégio G. E. de Barra Mansa (RJ); Colégio Santos Anjos Custódios (DF); Grupo Escoteiro Dois Leões, Nova Iguaçu (RJ); 4º Congresso Brasileiro de Higiene; Escola 3-9 Olímpia do Couto (DF); Instituto de Educação Barão do Rio Branco, São Paulo; Ginásio São Pedro, Cachoeiro de Itapemirim (ES); Instituto de Educação, São Paulo (SP); Escola 1-18 República Dominicana (DF); Escola Normal Santo Antônio, Garça (SP); Ginásio Nossa Senhora de Lourdes, João Pessoa (PB); Escola 3-24 Presidente Roosevelt (DF).

#### Impressões de visitantes

Do livro de visitantes, destinado à assinatura e impressões de personagens ilustres, destacam-se as seguintes:

“He vivido momentos de gran emoción. Este Museo es maravilloso. En todos los detalles veo la obra extraordinaria de su gran Director mis felicitaciones”. a) *Paulo Bonas* – Rosario, Rep. Argentina.

“A most wonderful experience”. a) *Tane and Arthur* – Hanson. Washington, D. C.

“Every time I visit this admirably kept and arranged Museum, and this is my 5<sup>th</sup> visit since 1944 – I find new treasures to interest me”. a) *Harry Luke*.

“Con verdadera emoción he recorrido las salas de este Museo tan perfectamente dirigido y orientado. Han vivido frente a mi las más simpáticas escenas de la historia brasileña protagonizadas por Don Pedro II y las profundamente emotivas en que fue personaje central la Princesa Isabel y terminaron con el último esclavo de América”. a) *Victor M. Arriaga*.

“It was wonderful to come and visit this Imperial Palace”. a) *Lin Yutang*.

#### Doações

Fizeram doações ao Museu Imperial durante o corrente ano:

*Dr. Guilherme Guinle*: sessenta e cinco medalhas comemorativas brasileiras, de ouro.

*Sr. Sérgio Fernandes Pereira*: uma carta autógrafa do maestro Carlos Gomes, escrita em Milão em 18 de março de 1893.

*Sr. Joaquim S. Cardoso*: duas estampas representando dom João VI e d. Pedro II.

*Sr. Djalma Dupont*: uma carta patente de patrão da galeota imperial.

*Sra. Alice Taunay Leite Guimarães*: um par de esporas de latão, utilizadas na Guerra do Paraguai pelo visconde de Taunay e uma medalha comemorativa da conclusão da Igreja de Nossa Senhora da Candelária.

*Sr. George Wambach*: um álbum de músicas oferecido a S. M. Fidelíssima a rainha de Portugal.

*Sr. Alcindo Miranda*: uma taça de cristal da Boêmia que pertenceu ao barão de Guamá.

*Sra. Ana Elisabeth Pais Leme de Melo Matos*: um xale de casimira que pertenceu à marquesa de Santos, uma colcha de cetim de seda que pertenceu ao marquês de São João Marcos e uma camisola de cambraia que pertenceu à condessa de Iguçu.

*Sra. Angelina Bruck Fernandes*: uma mesa-costureira, de mogno, da época de Luís Filipe, que pertenceu à baronesa do Flamengo.

*Sra. Francisca Afrânio Peixoto*: quatro leques antigos primorosamente lavrados e pintados.

*Sr. Félix Ferreira*: uma medalha de cobre, prêmio de artesanato da Exposição de Londres (1862) conferido ao escultor petropolitano Carlos Spangenberg, e uma pulseira de madeira, trabalho do mesmo escultor.

*Sr. Humberto Cardoso*: um peso para papel que pertenceu ao visconde de Taunay.

*Sra. Alice Soares Brandão Lisboa*: uma colcha de tule bordado que foi da Casa Imperial.

*Srta. Marília Sodré*: uma bandeira do Império do Brasil.

*Sr. Artur do Vale Bastos*: uma medalha comemorativa da VIII Exposição de Flores e Frutos realizada em Petrópolis em 1856.

*Sra. Abigail Macieira Barbosa*: uma fronha de cretone branco.

#### Aquisições

Uma pintura a óleo, de Félix Emílio Taunay, sob o título: *Derubada*; uma tela a óleo de personagem petropolitana; uma tela a óleo de João Batista Pagani, natureza morta; um porta água-benta de prata, francês, ricamente cinzelado, pesando 240g; uma miniatura, marfim, representando o príncipe regente d. João, moldura de madeira; uma miniatura antiga sobre papel, colorida, pequena moldura de ouro, representando d. Pedro I; uma placa da Ordem da Rosa de manufatura francesa, de ouro e prata dourada; 132 medalhas e 464 publicações.

#### Serviço fotográfico

Foram os seguintes os serviços fotográficos executados durante o ano de 1959:

Objetos históricos – 141; microfilmes – 2.650; fotografias – 33; conferências, visitas, etc. – 495; interiores e exteriores – 149.

### Inventário

Deram entrada no Museu, no decorrer do ano, entre doações e aquisições, objetos históricos no valor de Cr\$ 2.938.710,00 (dois milhões novecentos e trinta e oito mil e setecentos e dez cruzeiros), sendo Cr\$ 1.890.500,00 (um milhão oitocentos e noventa mil e quinhentos cruzeiros) de doações e Cr\$ 1.048,120,00 (um milhão, quarenta, e oito mil, cento e vinte cruzeiros) de aquisições, de acordo com o apurado pela comissão de inventário, designada para o referido fim.

### Serviço auxiliar

Foi o seguinte o movimento na seção administrativa:

Expedição: ofícios 656; cartas 598; cartões 215; portarias 30; atestados 32; requerimentos 29; passagens da estrada de ferro 25; passagens de avião 5; processos 55; telegramas 6; anuários 983; catálogos 507; publicações diversas 130; fotografias 2; documentos 21; papeleta 1; memorandos 4; guias de remessa de correspondência 240; fichas de protocolo 1.220; convites 234; pinacotecas 36.

Recepção: ofícios 187; regulamento 1; ofícios-convites 3; cartas 86; cartões 4; telegramas 10; contas 81; processos 53; circulares 11; comprovações de adiantamento 20; memorando 1; requerimentos 59; relatórios 7; sugestões recebidas 11.

São estas, senhor ministro, as principais ocorrências havidas no museu, durante o ano de 1959.

***Francisco Marques dos Santos***

DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL

1969